

# novos tempos



## ARTIGOS E DOCUMENTOS:

- ★ O MARXISMO E O PENSAMENTO FRANCÊS — Henri Lefebvre.
- ★ A REVOLUÇÃO DE 30 — Leôncio Basbaum.
- ★ CAMINHOS DA RENOVAÇÃO SOCIALISTA — Raimundo Schaun e Hélio Oliveira.
- ★ E mais: Calvino FILHO sobre trotsquismo; Carleto Ferrer FAVALLI sobre a posição de Prestes; Elyseu MAIA sobre o “desvairismo” de Mário de Andrade; Osvaldo PERALVA sobre o nacionalismo brasileiro.
- ★ SEÇÕES: Livros do Mês, Revista das Revistas, Cartas Abertas, Documentos Brasileiros, Notas e Comentários, Editorial.

3

## 11 DE NOVEMBRO: REATA-SE UMA ALIANÇA

*Dois anos transcorridos, o 11 de Novembro de 1955, revela-se, ao mais leve exame, como um acontecimento de alta significação democrática e progressista, em que ao Exército coube o papel principal. E suas conseqüências, longe de estar esgotadas, ainda se farão sentir no presente e no futuro, alargando caminhos, endereçando rumos.*

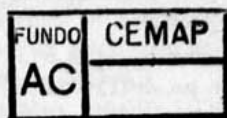
*Releva notar que os golpes de Estado, apoiados nos tanques militares, têm sido no Brasil um meio habitual de a reacção consolidar seu domínio ou reconquistá-lo, quando momentaneamente perdido. Assim aconteceu em 10 de Novembro de 1937, com a instauração do Estado Novo; em 29 de Outubro de 1945, com a tentativa, em parte bem sucedida, de interromper a democratização do país e permitir o reagrupamento das forças retrógradas, logrado após a eleição de Dutra; em 24 de Agosto de 1954, com a escalada ao poder, por parte dos elementos mais vinculados ao imperialismo norte-americano.*

*A tentativa seguinte, visando a anular as eleições, que embalde procuraram impedir ou abastardar, não surtiu efeito. Com a mesma arma do golpe, os golpistas foram batidos e desarmados. Mas o 11 de Novembro, semelhante na forma aos golpes anteriores, dêles se distingue por seu conteúdo e sua direcção política, como prolongação e coroa-mento que foi das precedentes manifestações de massas pela realização do pleito eleitoral e pelo emposse do candidato que elegeram.*

*Esse reencontro do Exército com o povo, na mesma área de acção política, é um fato de duplo significado histórico. Invertendo a correlação de forças no alto comando, liquidou a contradição entre o sentimento democrático e nacionalista predominante na tropa e na oficialidade, de um lado, e o reacionarismo de um pequeno grupo de oficiais superiores acastelados em postos-chave, de outro lado. Retomou-se, além disso, uma tradição de aliança entre militares e populares, graças à qual ocorreram de modo pacífico alguns feitos de nossa História: o 7 de Abril de 1831, com a abdicação forçada de Pedro I; o 13 de Maio de 1888, com a abolição do regime escravista, que já não encontrava apoio militar; o 15 de Novembro de 1889, com a proclamação da República.*

*Essa aliança não é, pois, ocasional nem esdrúxula, podendo desenvolver-se e desempenhar, no futuro, papéis ainda mais relevantes e decisivos em favor da democracia e da emancipação nacional.*

# O MARXISMO E O PENSAMENTO FRANCÊS



HENRI LEFEBVRE

N. R. — O presente artigo foi publicado pela primeira vez na revista polonesa *Tworczośc* e transcrito, em francês, na revista *Temps Modernes*. Datando de dezembro de 1956 conserva, no entanto, toda a força de sua argumentação, constituindo, a nosso ver, uma das melhores contribuições do marxismo francês ao trabalho de revalorização de conceitos que

caracteriza o movimento filosófico progressista de nossos dias.

Seu autor, um dos maiores pensadores franceses da atualidade, dispensa qualquer apresentação. Estamos certos de que esse trabalho exercerá no Brasil, como na Polônia e na França, a melhor e mais benéfica influência.

—o—

No fim do ano passado, a revista polonesa *Tworczośc*, preparando um número dedicado à França, desejou um artigo sobre a situação do pensamento marxista em nosso país. Questão delicada que não seria possível responder seriamente sem cair em um duplo debate: contra os adversários do marxismo, interessados em proclamar sua falência, e contra os dogmáticos do marxismo, sempre satisfeitos de si mesmos ou julgando-se obrigados a parecer satisfeitos.

O semanário *France-Observateur* acaba de publicar alguns fragmentos desse artigo. Imediatamente várias cartas reclamaram a publicação do texto integral. E que melhor lugar para publicá-lo que no *Temps Modernes* que nos deu, sob o signo do socialismo polonês, um notável conjunto de materiais?

Isto não significa que me solidarizo com todas as posições defendidas em *Temps Modernes* e com todos os temas tratados na revista.

Este artigo foi escrito para os leitores poloneses de *Tworczośc*, que conhecem certas coisas por experiência própria (dura e amarga) melhor que nós. J. Berman, afastado recentemente do P. O. U. P. por três anos, foi um dos mais temidos executores da política dos "dois campos" em todos os domínios. Mas também foi um dos primeiros a indicar os perigos dessa política, que conhecia melhor do que ninguém, em filosofia, nas ciências e em literatura. Nossos amigos e camaradas poloneses sabem, assim, que os dogmáticos não aderem tanto aos seus dogmas quanto ao poder e à autoridade propiciados pelo dogmatismo.

Escrito para os leitores franceses, este artigo mostraria melhor os caracteres da nova situação em que entramos não sem dificuldades. Bem cedo, amanhã talvez, um reagrupamento democrático com objetivos socialistas (quer dizer, revolucionários) será

a única possibilidade de tirar a política interior francesa da sua trilha imobilista. Será necessário liquidar algumas hipotecas (a primeira, todo o mundo conhece, é a Argélia), transformando-as de causas de imobilidade e atolamento em razões de movimento. Nessa conjuntura o marxismo, como ciência e guia para ação, terá seu papel essencial.

Para os leitores franceses este artigo teria mostrado que o filósofo marxista difere do homem de estado marxista. Tem seu papel próprio. A diferença pode ir até o conflito, sem que o filósofo renuncie ao marxismo ou à ação política. O marxismo se desenvolve contraditoriamente (o que pode assombrar aos não-marxistas). Elementos negativos, elementos de declínio, reatamentos, renovações, conflitos, tudo isso faz parte desse desenvolvimento contraditório e indica sua complexidade, sua riqueza, sua amplitude.

Disseram-me uma vez: "Abandonas as posições de classe e de partido. Nada mais és do que um oportunista..." Respondi então e respondo ainda: "Não. Os dogmáticos colam a etiqueta oportunista naqueles que lhes desagradam, para esconder seu próprio oportunismo. Em seu conteúdo e em seu sentido, minha crítica é uma crítica de esquerda. Já disse, sustento e demonstrarei. Procuro, sobretudo, lutar contra a esterilidade e a estupidez auto-suficientes."

Relendo essas páginas, depois de alguns meses, impressiona-me o tom algo tenso, chocante, com que me expressei. Que o leitor não veja nisso senão o esforço de um pensamento martirizado para reencontrar seu ritmo e sua unidade...

H . L .

Junho de 1957

É claro que a situação atual do marxismo na França não pode ser separada da situação filosófica geral, nem esta da conjuntura econômica e política.

Um marxista gostaria de escrever e proclamar que na desagregação lenta, mas fatal, do pensamento burguês, o pensamento marxista sobressai, altaneiro, brilha por seu vigor, por sua envergadura, por sua clareza; que se destaca sobre o fundo de esterilidade geral; que, no final de contas, ele aponta claramente o futuro.

Infelizmente isso não acontece. A tese oficial dos marxistas, a este respeito, é tão falsa e ilusória quanto a tese oficial da ideologia burguesa. Cada "campo" canta seus elogios e sua glória; cada um denigre, sistematicamente, o outro. Segundo os antimarxistas não há mais pensamento marxista, mesmo admitindo que já houve um pensamento marxista. Por outro lado — segundo as revistas "marxistas" oficiais — não há nada, não há mais nada, no outro campo, senão cadáveres em decomposição.

O divertido, o ridículo, é que os dois "campos" admitem, implícita ou explicitamente, a teoria dos dois campos com tudo o que ela tem de simplificador e com o que ela acrescenta à realidade. Existem, na verdade, no pensamento francês como no resto do mundo, duas orientações, duas tendências opostas: uma, marxista — a outra, exterior ao marxismo e mais ou menos dirigida contra o marxismo, segundo a conjuntura, e tomando-lhe emprestados temas, problemas e noções. Quando alguns pseudo-marxistas teorizaram sobre esta situação complexa, há alguns anos, cortaram em carne viva, derubaram as pontes. Abriram, ideológica e logicamente, uma fenda num movimento de conjunto que admite, ao mesmo tempo, contradições e uma certa unidade. Realizaram uma operação desastrosa ao esquematizar a questão, rechaçando e colocando no mesmo "campo" homens e pensadores que não tomassem explicitamente partido no terreno político e ideológico, pelo marxismo-leninismo e seu prolongamento stalinista. O aparente esclarecimento trazia uma confusão inextricável. De um lado, tudo iria bem, tudo seria bom, progressista, fecundo e brilhante (essa mentira oficial, entre tantas outras, faz logo rir). De outro, tudo estaria decadente, em falência (e esta afirmação gratuita causa, logo, inquietação).

Queremos, neste artigo, partir de uma análise mais sólida e mais sadia da situação.

Para começar, lancemos um olhar retrospectivo sobre o que se passou nos últimos doze anos nesse domínio.

A Libertação transformou os dados fundamentais da vida intelectual na França: os temas de reflexão, os problemas, os conceitos e as atitudes.

Limitando-nos à filosofia (considerada como o coroamento, o resumo condensado da ideologia), verificamos que várias correntes de pensamento, com importância considerável antes da guerra, desapareceram praticamente. A guerra interrompeu-lhes brutalmente o curso e elas não puderam, depois, reencontrar seu vigor, devido a causas e razões múltiplas. Os protagonistas dessas correntes filosóficas desapareceram (Léon Brunschvicg, Bergson e, pouco mais tarde, Alain), mas foram as atitudes que os definiam, sobretudo, que não puderam suportar o choque dos acontecimentos, nem afrontar os problemas novos.

Ao intelectualismo do sr. Léon Brunschvicg não faltavam nem vigor, nem grandeza. Traduzia, no princípio, em linguagem filosófica, a indignação dos intelectuais franceses contra a injustiça, a mentira, a opressão no momento do caso Dreyfus. Esses sentimentos profundos foram, igualmente, a raiz e o fundamento de outras pesquisas filosóficas e literárias (notadamente da obra de extrema importância de Roger Martin du Gard. Esta corrente racionalista opunha a toda intrusão da força bruta a independência e a liberdade do *juízo* individual. Opunha-se, pois, às filosofias do conceito, às filosofias da história (à dialética hegeliana e ao materialismo dialético marxista, portanto). Não deixava, porém, o juízo individual cair em um individualismo puro e simples. Esforçava-se em lhe dar um fundamento no estudo do desenvolvimento do conhecimento e das ciências, antes de tudo nas matemáticas e na física-matemática.

Alain tomava uma posição análoga quanto à primazia do juízo individual (de fato ou em tese); apoiava-se, porém, com muito menos força no conhecimento e nas ciências, orientava-se para um ensaísmo em sua obra e para o individualismo puro e simples. Daí um sucesso e uma influência maiores mas, também, uma fragilidade mais acentuada em sua doutrina.

Esses dois filósofos, politicamente, representavam o radicalismo: a atitude das classes médias, desejando sinceramente a conservação e até o aprofundamento da democracia, mas atendo-se "imparcialmente" ao meio termo entre a direita reacionária e o movimento operário revolucionário da extrema-esquerda.

O intelectualismo de Alain não resistiu quase à pressão dos acontecimentos; antes da guerra, já havia cedido; não por necessidade in-

terna da doutrina, mas porque não tinha nem a consistência nem a base social indispensáveis para se manter. Os partidários de Alain e seu diretor de consciência capitularam freqüentemente diante dos inimigos da democracia, aceitaram (sob pretexto de pacifismo e não-violência) compromissos, guardando apenas a sua liberdade íntima e o segredo de sua consciência.

A atitude do sr. Léon Brunschvicg e seus discípulos foi, no conjunto, muito digna e muito corajosa. O intelectualismo, sustentado pela ciência, permitiu-lhes não ceder e contamos, entre os heróis da resistência, dois filósofos da matemática, Cavaillès e Lautman, discípulos de Brunschvicg. O apoio da doutrina filosófica sobre as ciências mais abstratas, porém, separava-a das ciências históricas e sociais. Essa limitação tirou-lhes, depois da Libertação, grande parte da influência. O instrumento de análise diante dos novos problemas levantados pela história, faltava ao intelectualismo e ao racionalismo individualista. A rejeição da dialética lhes foi fatal.

Quanto à filosofia de Bergson, fundada sobre a intuição, na falta de confiança, na inteligência, sofreu com seu obscuro parentesco com o irracionalismo alemão, com a "Lebensphilosophie". Dificilmente se recuperou. O próprio irracionalismo, depois disso, teve que procurar, na França, novas formas de expressão.

Assim, a história do pensamento francês revela, durante esse período, uma originalidade profunda. Difere radicalmente da "destruição da razão" que Lukacs descreveu e analisou relativamente à Alemanha generalizando, porém, os resultados de sua análise, talvez com exagero, todo o pensamento não-marxista. Não queremos afirmar que o antigo racionalismo (individualista, burguês) tenha-se desenvolvido e aprofundado espontaneamente, assimilando a dialética e aderindo ao materialismo dialético. Nem que a tendência ao irracionalismo tenha desaparecido espontaneamente. Longe disso. Os desenvolvimentos da filosofia e da ideologia não são jamais tão simples. No entanto é preciso acentuar que as posições unilaterais desapareceram em razão de sua unilateralidade. A resistência profunda do povo e dos intelectuais ao que lhes ofendia ou comprometia salvou os "valores" e o funcionamento da Razão.

Antes da guerra um pequeno grupo de jovens filósofos se congregava em torno de um tradutor e comentador de Hegel, M. A. Kojève. Faziam parte do grupo: Merleau-Ponty, Sartre, Hippolyte, o padre Fessard etc. Deveria adquirir, depois da guerra, uma importância considerável. E se percebe rapidamente por que. O hegelianismo, repellido antes da guerra como

filosofia das contradições, iria ter sua revanche. Os membros daquele grupo deveriam assimilar — de maneira mais ou menos unilateral ou profunda, interpretando-a de formas diversas — a dialética. Essa atitude nova iria marcar a filosofia francesa do pós-guerra.

Não esquematizemos, porém. Três correntes principais (fora do marxismo) iriam se confirmar, se precisar e chamar a atenção:

a) O *personalismo* (representado por Emmanuel Mounier e o grupo da revista *Esprit*). Esta doutrina se definia como uma filosofia da *pessoa*, oposta ao indivíduo individualista, mas a ultrapassava e a prolongava, em bases mais amplas; à defesa dos direitos e à determinação dos deveres do indivíduo. O personalismo, exprimindo as aspirações da esquerda católica, proclamava estar pesquisando as condições de uma comunidade humana. Definia, assim, uma atitude ética (moral). Não hesitava, por isso mesmo, em retomar os temas de crítica à sociedade burguesa. Encontrava-se, por outro lado, diante de problemas difíceis: teoricamente, diante dos problemas da dialética. Praticamente, diante das posições do movimento revolucionário da classe operária.

b) A *fenomenologia*, tentativa de reconstruir um racionalismo mais amplo e mais coerente que o antigo intelectualismo — de reconstituir o idealismo por baixo e por cima ao mesmo tempo (pela ontologia e pela gnosiologia, como dizia Lênin). Como método rigoroso de descrição, de tomada de consciência, de determinação de significados e estruturas dadas, a fenomenologia teve e ainda tem muita influência na França. Ela tropeça em dificuldades consideráveis. A descrição não substitui por muito tempo a análise (mesmo que se pretenda evitar-lhe os riscos). Além disso, a fenomenologia, constitucionalmente e no seu espírito oposta à dialética, se vê obrigada a assimilar a dialética e a dar um conteúdo às suas descrições.

c) O *existencialismo*, como filosofia, substituindo as contradições na consciência (e na realidade) — pelas contradições mais dilacerantes, consideradas como definitivas, fundamentais, sem saída, definindo, assim, a "existência". O existencialismo guardava da contradição hegeliana apenas um lado: o lado doloroso, a infelicidade da consciência, o lado estático enfim. Rejeitava o lado dinâmico e otimista: o movimento que atravessa e resolve as contradições, todas as contradições e todos os conflitos. Colocava-se, assim, desde suas origens, em retirada ante ao marxismo e mesmo ante o hegelianismo, mais próximo de Schelling do que de Hegel ou de Marx. (Essas analogias históricas e filosóficas são aqui indicadas e subli-

nhadas voluntariamente, pois afirmamos que a filosofia moderna, não-marxista, tendo assimilado mal a dialética não representa exatamente uma falência do hegelianismo. Ela permanece, antes de tudo, em posições pré-hegelianas, de Fichte e de Schelling. Ainda gira em torno dos problemas do hegelianismo e da transição ao marxismo.

Este quadro simplificado não nos deve fazer esquecer que entre as diferentes tendências aqui resumidas existiam, e existem ainda, interferências, transições, misturas. E também contradições (o existencialismo, por exemplo, está dividido em um ramo "ateu", com J. P. Sartre, e em uma tendência que aceita a fé religiosa, a disciplina tradicional da Igreja e finalmente a sociedade existente, com Gabriel Marcel).

Qual era a atitude dessas diferentes orientações filosóficas diante do marxismo?

No conjunto (com a exceção do existencialismo religioso) era uma atitude de atenção cordial, freqüentemente de simpatia compreensiva, se bem que não desprovida de espírito crítico.

Cada tendência filosófica e talvez mesmo cada pensador procurava com dificuldade seu caminho, avançava penosamente no plano filosófico como no plano político. Cada um se encontrava diante de múltiplos problemas. Além disso, após a Libertação não havia mais e não podia haver — como não há mais agora — pensamento *burguês*, que se proclame como tal, que se confesse como tal. Este fato, que poderia ter sido o ponto de partida para um avanço decisivo, causou, no entanto, novas mistificações. De qualquer modo, durante muitos anos, o pensamento reacionário, o individualismo e o nacionalismo burguês não tiveram mais representantes oficiais ou não tiveram senão representantes desqualificados. A vida intelectual participava, então, diretamente da vida política da França libertada, da democracia, em busca de seu caminho e de seu futuro. A atitude de cada filósofo e de cada intelectual diante do marxismo se determinava, bem entendido, por sua atitude diante do socialismo, da URSS e do PCF. No entanto, não se pode dizer que, durante anos, mesmo até época recente, existisse, entre os representantes mais brilhantes da "intelligentsia" francesa, hostilidade para com o marxismo. Severidade crítica não deve ser confundida com hostilidade.

Nessas condições os marxistas poderiam aceitar e manter o *diálogo*. Poderiam responder cortêsmente às críticas cortêses, às vezes cordiais, às vezes severas, muitas vezes fundamentadas que lhes eram feitas.

A atitude do *diálogo* não poderia ser tomada e prolongada sem outras medidas correlatas. Seria necessário distinguir (sem separar, é claro) a filosofia ou a ideologia da política. Seria necessário não confundir polêmica com discussão ou diálogo e saber parar em um certo ponto, sem apaixonar o debate, sem politizá-lo brutalmente, sem utilizar injúrias como argumentos. Seria necessário não introduzir, ou introduzir com prudência, no plano filosófico ou ideológico, o fim a que visa legitimamente a política revolucionária: esmagar o inimigo de classe. Seria necessário não confundir o esmagamento fictício e ilusório por meio de epítetos com o esmagamento real por meio de argumentos. Seria necessário, sobretudo, trabalhar, produzir, impor-se com pesquisas sérias sobre assuntos determinados. Isto pressupunha, para os marxistas, uma política de investimentos a longo prazo em trabalhos com rendimento não imediato. Isto pressupunha preferir o livro ao artigo polêmico, o trabalho difícil à conferência improvisada, a elaboração teórica aprofundada à argumentação apressada e condimentada com grosserias...

Era fácil manter e alimentar o diálogo. O terreno comum existia, com efeito.

Pode-se, evidentemente, perguntar se o terreno comum sobre o qual podia e devia se desenvolver o debate era sólido. Não-marxistas e marxistas estavam certos cada um à sua maneira, de ter superado, de longe, Hegel e o hegelianismo, os problemas levantados por Hegel (mesmo os que ele acreditava ter resolvido em seu sistema) e a transição histórica de Hegel a Marx. Um atento analista do pensamento contemporâneo (desde que também historiador, mesmo pouco informado) seria muito menos categórico sobre este ponto básico. Podemos julgar que as doutrinas filosóficas contemporâneas giram ainda em torno das atitudes tomadas no período pré-hegeliano: a ontologia de Schelling, o moralismo subjetivo de Fichte. Podemos mesmo afirmar que muitos marxistas longe de ter ultrapassado Hegel nem mesmo chegaram a compreendê-lo e muito menos a assimilá-lo. Permanecem hegelianos sem o saber, e tanto mais que ignoram e repudiam Hegel com veemência. Substituíram, simplesmente, a Idéia hegeliana pelo Estado em geral e, em particular, pelo Estado soviético e sua encarnação, Stálin. Mas não antecipemos. Esta tese (a da existência de um hegelianismo stalinista) reclamaria longos desenvolvimentos que virão a seu tempo.

Depois de dez anos, curiosamente, a dialética tornou-se moda filosófica, um "manjar dos deuses" de nossos filósofos. Os marxistas foram

singularmente ultrapassados neste jogo, nos exercícios de virtuosismo. Durante esse tempo sua agilidade dialética se entorpeceu. Eles guardaram apenas — ossificando-o, tornando-o um fetiche — um aspecto da dialética materialista, a sua firmeza objetiva, às custas da flexibilidade.

Todo o mundo com a dialética — tal a palavra de ordem geral do pensamento francês. E passou-se a fazer malabarismos dialéticos com os conceitos e pseudo-conceitos, com os fatos e acontecimentos, com os temas e as idéias. Passou-se a manipular dialéticamente os termos mais banais ou os mais bizarros: a vida e a morte, o sono e a vigília, o sagrado e o profano, o normal e o patológico, o masculino e o feminino, o dia e a noite, a prosa e a poesia, o total e o parcial, o amor e o ódio, a condensação e a explosão, o em-sí e o para-sí, o acaso e o determinismo, etc. Uma antologia da dialética do pensamento francês contemporâneo se aproximaria bem de uma antologia de humor negro, de um poema ligeiro à la Prévert ou de uma canção bufa de Montmartre. A dialética, como se pode prever e como os clássicos — de Hegel a Lênin — previram, não se distingue quase da sofística e permite os ecleticismos mais surpreendentes nos quais os termos (as palavras!) reunidos dialéticamente clamam porque estão juntos.

Diante dessa orgia dialética, o marxista pode protestar com violência. Pode dizer: "Falsários! Malfeitores intelectuais! Parasitas! Escroques!... Através desta confusão terrível e falsificadora, através de vossas dialéticas subjetivas, confundis os problemas fundamentais, ideológicos e políticos. Quereis expropriar a classe operária de seu modo de pensar e incorporá-lo a vós, quer dizer, à classe inimiga. Quereis arrebatar ao proletariado suas armas; com vossos métodos ideológicos procurais realizar uma grande operação política de traição..."

Este marxista, objetivamente, julgando no plano da história, na escala de séculos, não estaria errado. No entanto, na escala da vida individual e do quotidiano — do dia de hoje — ele simplesmente não seria ouvido ou compreendido. Só causaria chacotas. E quando repetisse pela segunda vez sua apreciação, a gente se desviaria dele, dando de ombros, e dizendo: "essa cantiga já é conhecida".

Mas o marxista pode, também, fazer com cortesia a cada um dos interlocutores possíveis as perguntas precisas e esperar, polidamente, a resposta, sem mostrar sua superioridade histórica e mesmo sem estar completamente seguro dessa superioridade. Faria, por exemplo, as seguintes perguntas: "Estais bem seguro, querido

dialeto, de não ter introduzido, com a dialética, contradições insustentáveis em vossa própria doutrina? De onde provém, segundo vossa opinião, a dialética? De vós ou de qualquer outra coisa? Se provem de vós não seria ela um tratamento individual e subjetivo de um determinado conteúdo real que vós não reconheceis? Se ela vem de outra coisa diferente de vós, admitis que ela provem do conteúdo, que ela deve desembocar na objetividade, na história, na prática social, para aí encontrar sua fonte e seu fundamento! — Estais bem certo que o fenômeno — sua descrição fenomenológica ou existencial não descobrem uma ou várias essências ocultas? — De que modo a descrição das estruturas fixas se põe de acordo com vossas dialéticas? — Como podeis passar de vossa consciência, de vossa vivência existencial, à situação histórica? Como encarais essa passagem? — Como situais no presente a personalidade, a vossa personalidade? — Qual é vossa atitude diante da lógica, da análise, etc.?"

Seria a mesma coisa para outras noções e categorias filosóficas conhecidas, como a da *alienação* que se tornou um tema corrente, um lugar comum em filosofia. Cada um descreve, à sua maneira, a alienação do homem em geral, a do trabalhador, a do intelectual ou sua própria alienação individual. Cada um, inclusive os metafísicos idealistas mais provados, inclusive os teólogos. Cada um acrescenta sua própria teoria da "desalienação". O tema passou da filosofia para a literatura e os escritores empregam fantásticamente a noção, às vezes sem empregar o termo, ignorando-o ou ignorando seu conteúdo filosófico. Ainda aqui o marxista pode se indignar e se tornar inflexível. Pode rejeitar o conceito de alienação como eivado de metafísica, conspurcado pelo idealismo, utilizado pelo pensamento burguês. Mas pode, ao contrário, considerá-lo como um conceito válido, importante ou mesmo decisivo no desenvolvimento do pensamento humano e do marxismo, transformado em um lugar comum e portanto em um lugar de reencontro e de discussão. Pode, ao mesmo tempo, considerá-lo um tema abstrato, válido como tal, que é necessário tornar concreto e vivo, disputando-o à especulação metafísica.

Se examinamos a questão sob esse ângulo percebemos logo que nos encontramos — e que nos encontrávamos já nos últimos anos — sobre um terreno sólido apesar de sua aparência móvel (e que o terreno aparentemente sólido do sectarismo é, na realidade, incerto e move-dição). Na verdade a confusão filosófica não chega a dissimular um acontecimento básico. O acontecimento filosófico decisivo deste período

foi (com a redescoberta da dialética e do hegelianismo) a publicação e o estudo das obras da juventude de Marx.

Estas obras da juventude, pouco conhecidas antes da guerra na França, e mesmo não traduzidas, salvo alguns fragmentos, suscitaram imenso interesse em todos os meios intelectuais, exceto entre a maior parte dos marxistas que, durante muito tempo, as trataram com desprezo!

Os pensadores não-marxistas estudaram-nas e interpretaram-nas. Situaram-se em relação a elas. Incorporaram às suas próprias doutrinas elementos mais ou menos importantes e mais ou menos deformados dessas obras. Superpuseram, assim, uma assimilação unilateral e deformante dos temas da filosofia marxista à assimilação unilateral e deformante da dialética.

Foi assim que a noção de *praxis* (prática social) e a de *alienação* (ainda ela) passaram para o primeiro plano dos temas filosóficos disputados entre as diversas correntes ideológicas.

Essa vasta operação se efetuou sob o olhar severo — e impotente — dos marxistas. Não chegaram a intervir eficazmente no debate porque para a maior parte deles não havia nenhum problema. O inimigo de classe fazia o que devia fazer; seguia sua natureza. Por que procurar intervir *eficazmente*? As apreciações globais sobre o inimigo de classe eram suficientes.

Justamente quando havia oportunidade e lugar para trabalhos decisivos os trabalhos não eram efetuados. Eram até mesmo desencorajados. Uma vez que os temas em questão não tinham ligação imediata visível com a atualidade, por serem abstratos e históricos, exigindo longas pesquisas, parecia inútil examiná-los.

Percebemos aqui as grandes questões metodológicas que se colocam e que não foram abordadas, mas evitadas. O dogmatismo, o esquematismo, em si mesmo abstratos, fingem o maior desprezo pela abstração. Esqueceram, simplesmente, que há uma abstração científica, que não há conhecimento sem abstração (sem movimento do imediato para o abstrato e do abstrato para o concreto). Do mesmo modo, o esquematismo e o dogmatismo jamais cessaram de se acreditar "vivos" e ligados à vida porque submetiam a pesquisa científica ou filosófica às exigências (aparentes na maioria dos casos) da atualidade imediata, o que reduzia a filosofia e a ciência ao jornalismo filosófico, à vulgarização ideológica, sob o pretexto de "luta" e de "realidade concreta".

Durante um curto intervalo (1945-1947) dominou entre os marxistas um outro estado de espírito. Foi satisfatório o impulso dado ao

pensamento marxista pelas entidades que propagavam abertamente a doutrina (e em primeiro lugar as editoras, as publicações e as organizações culturais do PCF). Exigia-se dos "intelectuais marxistas", sobretudo, que trabalhassem e produzissem em suas especialidades. Na verdade já se procurava acantoná-los nessas especialidades e desencorajá-los a empreender pesquisas que tivessem implicações políticas (as pesquisas históricas, por exemplo) ou a controlá-los severamente quando se aventurassem nesses domínios. Tendia-se, assim, a desconfiar das pesquisas filosóficas, reservando-se ao Partido, como tal, a pesquisa (ou ausência de pesquisa) nesse setor. No entanto, não se propunha aos interessados (ou só se propunha discretamente) modelos pré-fabricados. Tomava-se — às vezes exageradamente — a defesa das tradições e das particularidades "espirituais" nacionais na cultura. Não se censurava, pois, isto ou aquilo por estar espontaneamente impregnado de espírito cartesiano ou de socialismo francês. Na verdade, a liberdade de expressão — no quadro do materialismo dialético amplamente concebido, permitindo a pesquisa, e visando a uma consequência para a defesa dos interesses fundamentais da classe operária — parecia, precisamente, um elemento pertinente à tradição nacional. Admitia-se, geralmente, que não havia uma separação absoluta entre a revolução democrático-burguesa e o socialismo. Esperava-se, geralmente, que essa continuidade relativa (não sem acidentes, mas sem interrupções) definiria o caminho francês para o socialismo. Apesar de não ter sido expressa oficialmente, esta convicção não era, implicitamente, menos profunda.

Foram, então, escritas e publicadas algumas obras que abriram novos campos de pesquisa para o pensamento francês em geral e para o pensamento marxista francês em particular (1). Outros trabalhos, jamais publicados, foram começados. Os livros, decerto, não eram irrepreensíveis. O exame crítico, em geral conduzido com cordial fraternidade, acentuava seus aspectos positivos de preferência aos seus defeitos. Foi a época do diálogo cortês com os não-marxistas.

Dépois, em 1948-1949, veio a ruptura com extraordinária brutalidade. Foi uma mudança estupefaciente de atmosfera que causa ainda assombro aos que a viveram e que perguntam a si mesmos como puderam suportá-la.

Não cabe julgar aqui, a teoria política dos dois campos, com a análise e a apreciação da situação mundial que ela comporta. Podemos, porém, lembrar que ela foi levada aos extremos no plano político: campanha contra os

neutralistas, repelidos para o campo do adversário — violentos ataques contra Tito e os iugoslavos, considerados não somente inimigos mas como os piores inimigos. O axioma político assim colocado foi transportado sem precaução nenhuma para o domínio ideológico e cultural. O jdanovismo, assim definido, foi por sua vez imposto à França com uma brutalidade sem precedente. Suspeitamos hoje que a uma situação real foi ainda acrescentada uma série de inutilidades com caráter incisivo e extremado que agravaram a situação, sob o pretexto de a definir e esclarecer.

Quase de um dia para outro passou-se a admitir que cada idéia, cada obra, cada homem de cultura se catalogava ou entre os adversários ou entre os partidários. Uma separação absoluta presidia, com lógica imperturbável, a esta classificação rígida. Colocava-se como princípio o “tudo ou nada” mais decidido. Concluía-se que os que se diziam próximos, os que procuravam o diálogo e o contato eram, precisamente, os mais perigosos, os piores adversários: os mais insinuantes, os mais hipócritas, os mais desmoralisantes, os mais dissolventes. A eles se devia opor a crítica mais dura.

Quase de um dia para outro a ciência e a filosofia soviéticas foram proclamadas incondicionalmente superiores. Foram promovidas à categoria de protótipos, de modelos exemplares em todos os domínios. De tal modo, a tarefa principal, senão a única, consistia em imitar, em citar. O tradutor se transformou, com o publicista dedicado à polêmica da atualidade, um personagem eminente. Beneficiava-se de um pre-julgamento favorável em proporção inversa à suspeita que recaía sobre o pesquisador, sobre aquele que pensava não estarem todos os problemas resolvidos na União Soviética (ou que pensava sobre outros problemas diferentes dos dos soviéticos). Stálin foi não somente aclamado como o principal pensador e filósofo de nosso tempo mas também como o único: o corifeu da ciência, do pensamento, da filosofia. Nada havia a fazer senão comentar Stálin, desenvolver, uma por uma, as inesgotáveis riquezas contidas na menor de suas frases. O problema da formulação do conteúdo de um pensamento já existente se tornou primordial; cada um se inclinava com atenção inquieta sobre as “formulações”. Palmilhava-se assim o caminho de uma escolástica e de um bizantinismo tanto mais ridículos quanto se proclamavam novos, vivos, ardentemente inovadores (experiência esclarecedora: teve de acontecer mais de uma vez na história que a escolástica se proclamasse ardentemente inovadora e se impusesse, precisamente, assim!). Duvidava-se da possibilidade

de publicar ou de estudar outras obras teóricas que não as de Stálin. A “História do PC (b)” tornou-se uma espécie de breviário, alimento quotidiano de cada bom comunista, logo decorado pelos melhores, pelos mais aplicados.

A teoria dos dois campos levou a uma repetição sem limites, em filosofia e na história da filosofia, de um tema que já tinha tendência a se esclerosar: o da oposição entre o materialismo e o idealismo. Foi, desde então, compreendido que se podia e devia colar em cada idéia, no passado e no presente, a etiqueta *materialista* ou a etiqueta *idealista*. A classificação rígida se estendia à história inteira. O ceiver do historiador marxista da filosofia, por exemplo, era o de mostrar um materialista em Descartes. Ou — invertendo a questão mas conservando-a em seu conjunto — mostrar por que Descartes não chegava ao materialismo, mas se atolava no pântano idealista.

O objetivo do historiador era o de mostrar o conflito, sempre claro e distinto dos dois campos em filosofia, ligado à luta de classes concebidas como conscientes. A história da filosofia deveria assemelhar-se ao relato de uma partida de futebol: as equipes, os jogadores exímios, os gols marcados (com a vitória final absoluta do materialismo por um número enorme de gols a zero). Nenhuma obscuridade, nenhuma transição, nenhum desenvolvimento complexo e contraditório do conhecimento. Não havia mais nenhuma elaboração dos conceitos e categorias da filosofia no idealismo. O passado se esclarecia à luz do presente que era simples, claro, evidente.

Era claro que o idealismo jamais fôra e jamais poderia ter sido senão uma mentira reacionária provada. Jamais tivera raízes reais nem no desenvolvimento do conhecimento nem no da sociedade. Jamais poderia ter tido a menor fecundidade em qualquer domínio. Reduzia-se, explicitamente, às mentiras de classe, à defesa dos interesses das classes dominantes, mentiras dissipadas como fumaça pelo marxismo e pelo proletariado.

De repente, toda a filosofia e sua história emergiam dessas definições e classificações. A filosofia? uma arma de classe, uma ideologia a serviço das classes dominantes no passado. Uma cortina de fumaça! O materialismo e somente o materialismo poderia ter tido no passado, como no presente um papel positivo, esclarecedor. Ora, o materialismo consiste, simplesmente em ver o mundo como ele é. Com o materialismo de Marx a filosofia tradicional se arrasa. A filosofia mesma, portanto, desaparece. Reduzindo-se sua história às dos erros e mentiras de classe, que poderia sobrar? A filo-

sofia tornava-se suspeita. O filósofo, mesmo dizendo-se marxista, ou sobretudo dizendo-se marxista, aparecia como um comunista hesitante, colocando questões reticentes, guardando ilusões idealistas — e antes de tudo com um respeito supersticioso pelo passado ideológico — procurando introduzir sua atitude reticente entre os outros marxistas. Que poderia sobrar da filosofia? A teoria do conhecimento, a teoria da dialética se encontravam, em Stálin, perfeitas e acabadas. O filósofo se transformava em um ideólogo perigoso — a menos que se subordinasse à ação política imediata, como um simples jornalista e propagandista.

A teoria dos dois campos aplicada à história produzia consequências singulares e lamentáveis. Introduzia por toda parte rupturas absolutas. Inclusive na história do marxismo e de sua formação. O marxismo se separava abruptamente de suas fontes, de suas origens, do processo de sua formação. Hegel? jogado na lata de lixo da história. E com ele todos os socialistas franceses ou os economistas ingleses. Conhece-se muito bem a famosa definição do hegelianismo como a filosofia da reação alemã do princípio do século XIX e arma ideológica contra a revolução francesa. Na própria formação do marxismo, no curso da vida de Marx e de Engels, era necessário encontrar uma data decisiva: a data antes da qual não havia ainda a doutrina marxista — e depois da qual a doutrina estava pronta. A data foi discutida (para uns *O Capital*. Para outros *O Manifesto*. Para outros, ainda, a *Ideologia Alemã*). Assim os escolásticos, os bizantinos, tinham profundas discussões e disputavam sobre teses. Não se apercebiam que tinham em comum o postulado que tornava pedante e escolástico todo seu pensamento. O marxismo com uma data — aparecendo bruscamente no dia D — jogava também nas “latas de lixo da história” tudo o que havia sido dito e escrito antes, inclusive por Marx. Pode-se imaginar a que ponto o estudo das obras da juventude de Marx sofreu com essa atitude. Os mesmos que rejeitavam as obras da juventude, como evadas de hegelianismo, não cessavam de louvar Stálin e Jdanov por ter mostrado a originalidade radical, a novidade absoluta do marxismo.

Por fim, a teoria dos dois campos deveria se aplicar, também, à atualidade, à luta ideológica presente, ao domínio da cultura. Ela toma aqui uma forma tão absurda que se tem vergonha, retrospectivamente, de falar disso, e de não ter protestado senão por um silêncio obstinado no momento em que foi lançado tal absurdo. Mas quantos absurdos, ou quantas realidades e idéias piores que absurdos não

foram, neste passado, combatidas senão pelo silêncio reticente dos que se recusavam a se tornar cúmplices mas queriam permanecer fiéis à revolução, ao marxismo e a si-mesmos? Censuravam, mesmo, êsse silêncio. Esforçavam-se, com singular habilidade no papel de diretores de consciências, em atribuir aos silenciosos um mau estado de consciência. Pediam que fizessem um pequeno esforço sobre si mesmos e aceitassem, falassem. Passemos rapidamente sobre essa época terrível cujas consequências não estão ainda, infelizmente, esgotadas. Foi o instante, na França, da celeberrima teoria da ciência proletária oposta, fundamentalmente, à ciência burguesa. Teoria essa que provocou desgastes quase irreparáveis nos domínios científico e filosófico. Em que consistia a chamada ciência proletária? Em algumas citações de Stálin, de Lyssenko e dos pavlovianos soviéticos. Quanto à ciência burguesa ela compreendia principalmente Einstein e a teoria da relatividade, a física atômica e nuclear com o problema do indeterminismo. Como Einstein se definia por um certo idealismo, como se dizia, mais ou menos claramente, discípulo de Mach, a suspeita estendia-se à sua física inteira. Como a teoria dos *quanta* colocava o problema do determinismo tendia-se a condená-la globalmente. Jogava-se fóra com tranquilidade, com muita tranquilidade, a criança e a água do banho. Em lugar de mostrar as contradições internas entre a ideologia e a ciência, amalgamava-se a ciência — considerada como superestrutura — com a ideologia. Não mais se analisava ou diferenciava a ideologia e o conhecimento. Constituíam-se conjuntos lógicos para aprovar ou rejeitar totalmente.

Todos sabem que os excessos cometidos foram tais que Stálin teve que reagir. Assim, e muitas vezes, Stálin combateu certos efeitos e resultados de atitudes tomadas ou determinadas por êle mesmo, o que não simplifica a história nem o balanço dêsse duro período. A teoria da ciência proletária, foi abandonada de um dia para outro. Houve apenas algumas frases sibilinas, compreensíveis somente para os iniciados. Jamais se fez uma auto-crítica profunda, tirando as implicações e consequências da fatal teoria. Consideraram-na liquidada e lavaram as mãos. Infelizmente, nesse domínio, não existem atos mágicos. As consequências de uma falsa posição não deixaram de ser fatos consumados e não deixaram de se desenvolver inexoravelmente.

Examinemos, rapidamente, as consequências longínquas e profundas da teoria dos dois campos. Houve a intrusão brutal, na filosofia e na ciência de uma conjuntura política deter-

minada e momentânea, de sua apreciação política. Assinalemos aqui que não pomos em dúvida o caráter do marxismo como tomada de posição de partido; não colocamos em dúvida a questão da disciplina necessária. Questionamos e duvidamos é do caráter brutal, autoritário, *não democrático*, desta disciplina. E da simplificação brutal dos problemas teóricos em nome do espírito de partido!

Tentemos fazer, rapidamente, um balanço dos desgastes. Tentemos determinar, para extirpá-las, algumas das raízes reais deste fenômeno multiforme: o dogmatismo. Dizemos bem: raízes *reais*. Porque o dogmatismo se supera na dissimulação, em mostrar suas falsas raízes; ele sabe mesmo organizar a luta contra o dogmatismo de modo a salvar o essencial do dogmatismo com os dogmáticos. Sabe organizar as discussões, as auto-críticas superficiais que não vão jamais ao fundo das coisas.

Resumindo os prejuízos, deixaremos de lado os dramas subjetivos ou pessoais: trabalhos suspensos definitiva ou provisoriamente, homens desencorajados ou quebrados, convencidos, muito depressa, de seus "erros" ou, ao contrário, destinados à rebelião contra os decretos que impunham uma "verdade" inaceitável para eles. São temas de romance que serão um dia, certamente, tratados por escritores revolucionários que abandonem os esquemas prefabricados do herói positivo e do balanço sempre positivo.

Em primeiro lugar, metodologicamente, a teoria dos dois campos pôs em perigo ou mesmo destruiu — efetivamente, na realidade viva — o pensamento dialético. Ela substituiu a dialética (como método de análise e movimento de pensamento através de contradições percebidas e conhecidas) por uma lógica imperturbável. Como já acentuamos as transições, os intermediários, as continuidades (relativas) desapareceram da história e da atualidade. Por toda parte, em todos os setores e em todos os domínios, foram criados por decreto do mufti as rupturas, as separações, os fossos absolutos. Por toda parte julgava-se segundo o dilema "Ou tudo ou nada" e "ou um ou outro". Retornou-se, assim, a uma espécie de metafísica, ou antes, de moral tradicional: de um lado o bem, o bom, o belo. De outro, o mal, o ruim, o feio. A capacidade de análise dialética desapareceu rapidamente. Esta deterioração do pensamento teve qualquer coisa de assombroso por sua rapidez. E tanto mais que o zelo moral em apoiar as afirmações absolutas e os dilemas de princípio substituíam vantajosamente a análise dialética real considerada como suspeita. Foi uma época de promoção extraordinária da lógica e

do moralismo, no instante mesmo em que se lançavam com um horror afetado, a metafísica, a moral, a lógica tradicional às famosas "latas de lixo da história".

Um esquema exterior, imposto de fora — politicamente — às preocupações de ordem científica ou estética, determinava as atitudes e tomadas de posição. A teoria da exterioridade do marxismo em relação à espontaneidade se transformava assim, por extraordinário exagêro, em teoria de exterioridade da posição política em relação aos próprios marxistas. E isso tudo fora da análise concreta das situações e dos problemas com sua complexidade, suas interações, seus conteúdos reais. Era suficiente aplicar o esquema para deduzir, logicamente, as aplicações a tal problema, as tomadas de posição, as atitudes militantes. As aplicações eram apresentadas como deveres de ordem moral em face à classe operária, ao marxismo, ao Partido. Quem se eximisse ou se opusesse receberia, por isso mesmo, epítetos infamantes no plano moral e no plano intelectual e político. O esquema político imposto — e imposto politicamente — se transformava na prática em um moralismo. Só o zelo distinguia os indivíduos uns dos outros. Com a análise concreta desapareceram, ao mesmo tempo, o talento e o caráter como distinção entre os indivíduos. O critério político transformou-se em critério moral: devotamento, sacrifício. Constituiu teste de fidelidade sacrificar as exigências do conhecimento humano. O *subjetivismo* moralizador substituiu, ao mesmo tempo, as exigências específicas do conhecimento *objetivo* e o elemento intelectual *subjetivo* normal no filósofo, no sábio, no artista. Uma pseudo-comunidade na ordem moral substituiu assim, pouco a pouco, a comunidade viva no conhecimento e na ação.

Na verdade encontrávamo-nos (e voltamos a isso incansavelmente) em uma posição ética pré-marxista e pré-hegeliana. Para resistir, era necessária muita coragem tanto mais que nos víamos moralmente desqualificados no espírito daqueles cuja estima continuávamos a desfrutar. Os problemas eram todos desviados e transportados para outro terreno, um terreno falso — o da moral e do moralismo, da fidelidade e sacrifício: a lucidez intelectual para nada servia. Extinguia-se. A má consciência e a revolta substituíam-na. O culto à personalidade coroava este conjunto, esta deterioração estúpida. Consagrava-o, sendo ao mesmo tempo causa e efeito. Não constituía o essencial.

As polêmicas, cada vez mais acerbas, tomavam o lugar do trabalho produtivo e do diálogo. A injúria tornava-se um argumento muito

apreciado. Os polemistas apenas se distinguiam pelo zelo na invenção das injúrias. Daí um rebaixamento rápido do nível intelectual — e moral — das publicações. Os trabalhos aprofundados, amadurecidos, sérios, desapareceram em benefício dos artigos de circunstâncias, escritos à pressa em um tom de falsa violência e boa consciência falsificada. Imaginava-se que o tom da afirmação exagerada e da injúria *ad hominem* dissiparia o adversário como um vento saudável dissipa a fumaça. E fica-se admirado, e fica-se indignado por nada disso acontecer. O adversário de classe tinha essa audácia insigne, esta vitalidade absurda de não se arruinar com os golpes que lhe dávamos. Não se percebia, ou fingia-se não perceber, que se estava golpeando o vácuo.

O elemento subjetivo normal (exigências do pensamento subjetivo, correspondendo no homem de cultura e de reflexão às exigências objetivas e específicas do saber) se viu eliminado em benefício do subjetivismo de partido. Um dissimulava o outro ou o justificava, de acordo com as circunstâncias. Este subjetivismo múltiplo se dissimulava, por seu lado, sob a aparência da posição política determinada objetivamente (quando não passava de um exagero, de uma excrescência, de uma superfetação exterior às razões reais da posição política, ao perigo de guerra, por exemplo, durante este período). Esta capa de objetividade política permitia, no entanto, criticar em toda hesitação e em toda reticência seu caráter subjetivo, substituindo-o por um subjetivismo muito mais grave porque justificado. Daí uma complicação infernal na deterioração do poder de análise e das exigências do conhecimento.

A submissão incondicional às exigências da política internacional definida por Stálin reagia, assim, sobre os fundamentos do conhecimento e da filosofia (na medida em que essas palavras guardavam um sentido). O conhecimento objetivo aprofundado e a pesquisa eram eliminados, recobertos, atrofiados, pela ideologia que se orientava para a propaganda e levava a propaganda para o plano cultural. O pensamento marxista, transformado em ideologia de Estado, e de um Estado determinado, transformava-se em órgão de publicidade política: publicidade dos êxitos e camuflagem dos fracassos. A razão de Estado e a mentira oficial comandavam o saber, utilizavam-no, justificavam-se por seu intermédio.

Mas não é tudo. Falta muito ainda.

A atitude dogmática, assim definida, se envolvia em contradições inextricáveis.

*Primeira série de contradições.* Este dogmatismo era fundamentalmente falso. Em pri-

meiro lugar porque *não era* um dogmatismo. Tinha apenas a aparência de dogmatismo. Casca vazia, casulo seco e ôco, não tinha conteúdo. O dogmatismo residia, essencialmente, no método de direção, de imposição, de introdução, indo de fora para dentro de tal ou qual afirmação. Podia, pois, impôr qualquer coisa, em qualquer lugar, em qualquer instante. Mudava segundo as circunstâncias impondo ora o “ponto de vista nacional” ora o “ponto de vista de classe”. O sectarismo, como o dogmatismo, era apenas aparente. Eles encobriam sob um invólucro ilusoriamente rígido as flutuações, as hesitações, as oscilações, em uma palavra, o oportunismo.

A contradição imanente a esta atitude entre dogmatismo e não-dogmatismo devia se resolver ilusoriamente, por uma nova superfetação. O ultradogmatismo não aderiu a nenhum dogma, criticava o dogmatismo e se reservava o direito de impor os dogmas mais diversos, segundo as circunstâncias. Sabia organizar, e até ritualizar, as discussões formais destinadas a conduzir os hesitantes às “posições” pré-fabricadas e, ao mesmo tempo, mutáveis. O subjetivismo fundamental se transformava, assim, em “ultra-subjetivismo” destinado a dar uma aparência de objetividade às decisões tomadas, de cima, pela personalidade dirigente.

*Segunda série de contradições.* Separar o marxismo de suas fontes, apontá-lo como resultado absoluto e radicalmente novo da história, afirmar assim sua originalidade consistia, no final de contas, em rejeitar tudo o que o havia precedido. As “latas de lixo da história” estavam cada vez mais cheias de tesouros: as tradições culturais nacionais, as obras anteriores ao marxismo, Descartes ou Pascal na França, Hegel na Alemanha, etc. De tempos em tempos era necessário retirá-los das latas de lixo, onde haviam sido jogados. Ficava-se, assim, numa contradição constantemente agravada entre o velho e o novo, entre os precursores e o marxismo, entre a herança cultural e a revolução socialista. O “novo” era tido como livre de contradições. Na verdade era presa das contradições criadas pela teoria metafísica do “novo” absolutamente novo.

E surgia a *terceira série de contradições* — como compreender, como explicar o próprio marxismo? e sua fulgurante aparição na história? À semelhança das ideologias nas ideologias (anteriores ao marxismo), ele ficava no ar! Donde teria saído? da cabeça de Marx e Engels? por que? e por que destes dois e não de outros? superestrutura da sociedade? de qual sociedade? da sociedade burguesa? expressão da classe operária? de seus interesses? então

por que êstes estudos subtis e profundos, de uma sutileza "teológica", como disse Marx a propósito do valor de troca? e por que esta introdução, na luta de classes, de teses elaboradas no pensamento e pêlo pensamento de intelectuais vindos da burguesia?

Como essas perguntas não poderiam ter respostas, não eram feitas. E os que as colocavam não eram estimados. Tinha-se conseguido, ou devia-se conseguir, definir um marxismo simplificado pelo desejo de servir à classe operária, o que substituía a ciência e a objetividade pelo critério ético-político, pelo subjetivismo. A análise crítica dos conceitos foi eliminada em favor de uma forma moralizante de consciência.

Outra maneira de colocar essas questões indiscretas. O marxismo substitui suas próprias categorias e conceitos? como? se os substitui, êle deve modificar-se, transformar-se, e isto através de suas contradições. Onde estão essas contradições? não são produzidas e refletidas precisamente pela (e na) atitude dos dogmáticos e pseudo-dogmáticos? se o marxismo não substitui seus conceitos, qual é sua relação com suas próprias categorias? como é transcendente à elas? onde se situa? em qual esfera?

*Quarta série de contradições.* Na verdade, a esfera do Estado, Stálin como dirigente do Estado e o Partido, concebido como organismo do Estado, se erigiram em critérios de verdade. Tornaram-se análogos à Idéia hegeliana: fim, termo, sentido da história, dominando, sem contradição interna, o encadeamento histórico das contradições.

Tornando-se filosofia absoluta do Estado e ideologia do Estado, o marxismo rebaixou-se até o hegelianismo. Justamente — oh ironia — no instante em que se lançava o hegelianismo nas latas de lixo da história. O marxismo perdia uma dimensão preciosa: a crítica da história, a crítica do Estado.

Históricamente isso se liga às teses fundamentais expostas por Stalin no princípio de sua carreira, notadamente a tese do *atraso da consciência*. Se toda consciência se atrasa, a ciência e a ação devem ser impostas de fora. Se tôdas as consciências individuais se atrasam, a verdade deve vir de uma esfera superior, transcendendo aos indivíduos: a esfera do Estado, dotado de privilégios de prever, de poder, de saber. Quando Stalin expunha essa tese, em *Anarquismo ou Socialismo*, saberia que estava levantando uma tese hegeliana? Saberá que para Hegel o conhecimento segue a realidade, assim como a coruja de Minerva acordava quando o dia desaparecia? Sem dúvida, Stálin não sabia.

*Quinta série de contradições.* Rejeitando tôdas as aquisições anteriores, era necessário re-

jeitar, em benefício da metodologia marxista (caída do céu ou elevada do sólo proletário à cabeça de Marx em uma bela manhã histórica) tôdas as metodologias anteriores. Especialmente a lógica, a velha lógica formal tão misturada, historicamente, com a metafísica, com as ideologias das classes dominantes na sociedade escravista, feudal e mesmo burguesa.

Mas a lógica era conservada. Era necessário guardá-la sob risco de ver os militantes divagar e fazer discursos pouco coerentes a pretexto da dialética (o que, no final de contas, não deixou de acontecer). Era necessário conservá-la pelo menos para a pedagogia. Ela era, porém, incompatível com a teoria geral sobre o "velho" e sobre as superestruturas ideológicas como instrumentos das classes dominantes, etc.

Ou então rejeitava-se em bloco a velha lógica. Não sem dificuldade, pois no momento funcionava, imperturbável, inexorável, uma lógica desmesurada. Era necessário, pois, substituí-la. O que obrigava a criar uma "lógica proletária" ou uma "lógica socialista". Uns confundiam essa lógica nova com a dialética; outros procuravam distinguir as duas. Soluções ambas censuráveis e perigosas (prática e pedagogicamente) de um problema real, o do aperfeiçoamento do instrumento lógico e conceitual do conhecimento...

Aprofundemos ainda. Tentemos perceber outras raízes do dogmatismo (e suas contradições internas) e ir até sua essência.

Se estudamos seriamente a obra de Marx, chama a atenção a ausência de trabalhos especializados consagrados à teoria do conhecimento tomada *isoladamente*. à metodologia considerada *à parte*.

Essa ausência é, em geral, atribuída à falta de tempo. Marx jamais pôde cumprir seu projeto: resumir em algumas dezenas de páginas sua metodologia, sua concepção do mundo e a dialética. Esta argumentação, sem ser completamente falsa, não resiste ao exame. Se Marx atribuía a esta exposição uma importância primordial, se ela lhe parecia indispensável para seu próprio trabalho, não teria encontrado, custasse o que custasse, o tempo necessário?

Marx, porém, definiu sua metodologia com clareza, na *Introdução à Crítica da Economia Política* e em algumas linhas do prefácio de *O Capital*, vizinhas, mas raramente citadas, daquelas que se discutem repetidamente sobre a "derubada" da dialética hegeliana.

Marx definiu sua pesquisa como a *apropriação* (intelectual) de uma "matéria", de um conteúdo, dados historicamente. É necessário analisar o desenvolvimento. Depois vem a exposi-

ção do movimento de conjunto, do "devenir" total.

Na *Introdução* ela precisa os termos, mostrando qual a "matéria" que é dada à análise econômica e social. O dado é uma população determinada, em um país determinado. A análise percebe que este dado imediato permanece abstrato se se deixam de lado as classes que compõem a população. Mas as classes, por sua vez, ficam palavras vazias se não se analisam elementos e relações mais profundos: trocas, divisão de trabalho, preço e valores, dinheiro, salário e capital, etc.

O movimento dialético se determina nestes textos fundamentais sempre como um movimento de um conteúdo cuja análise atinge os elementos para, em seguida reconstituir e expor sinteticamente o futuro. Ela se serve, para este trabalho de análise e de síntese, de um instrumento intelectual privilegiado de que o pensamento individual se apropria: o conceito, a abstração científica, a categoria (econômica, no caso da economia política). Marx avança por *aprofundamentos críticos* dos conceitos e categorias elaborados por seus predecessores.

As famosas palavras *revirar, derrubar* a dialética de Hegel, não significam que o marxismo — ao inverso do hegelianismo — deve desconfiar da dialética tomada isolada, elaborada independentemente de um conteúdo concreto? Que ela não se determina "em si" mas a partir dos conteúdos?

Marx recebe assim de seus predecessores um certo número de categorias e conceitos fundamentais: conceitos *econômicos* (produção, trabalho social, valor, renda, etc.) — conceitos *históricos e sociais* (nação, classe, etc.), conceitos *filosóficos* (alienação, devir, contradição, matéria, idéia, etc.), conceitos *políticos* (Estado, etc.) Considera-os como expressões objetivas da sociedade burguesa, quer dizer, do desenvolvimento geral da formação econômico-social e de um certo grau deste desenvolvimento.

Marx não separa os conceitos de seu conteúdo real, objetivo, histórico. Avança por *aprofundamentos críticos* dos conceitos em função de seus conteúdos e do conteúdo total da sociedade no momento histórico determinado. Em função, portanto, da luta de classes, da existência do proletariado, de sua atividade e do sentido futuro da sociedade burguesa e no desenvolvimento da sociedade.

A "gnosologia" propriamente dita de Marx é escrita em poucas páginas. Especialmente nas curtas mas profundas e enigmáticas *Teses sobre Feuerbach*, cujo sentido autêntico raramente foi procurado. A tese XI, por exemplo, não diz de modo algum que o idealismo é uma interpreta-

ção do real, e que o materialismo não seria uma interpretação. Parece, ao contrário, estudando esta tese, que o materialismo e o idealismo são, ou melhor, foram, interpretações filosóficas do mundo. Lenin escreverá *postulados*. A transformação prática do mundo não suprime as interações. Ela as julga na prática. E é tudo. Neste julgamento, o idealismo perecerá e o materialismo se transformará (teses VII, IX e X). O erro do antigo materialismo foi o de considerar o objeto fóra da praxis, não como atividade humana sensível, não *subjetivamente* (tese I). E é por isso que, durante um longo período histórico o lado ativo do homem foi desenvolvido pelo idealismo que, de outro lado e contraditoriamente, não reconhece a atividade real e sensível como tal.

As teses sobre Feuerbach não consideram a gnosiologia fora de seu conteúdo histórico determinado. Ora, depois de Marx os marxistas — os mais audazes, — os mais combativos — consagraram-se principalmente ao desenvolvimento da gnosiologia.

Devemos pensar que existem aí profundas fontes históricas. O marxismo substitui suas próprias categorias. Não pode desenvolver-se absurdamente, fóra da história mesma, e sobretudo, se este desenvolvimento admite contradições.

Razões práticas, pedagógicas, polêmicas e políticas explicam este desenvolvimento da gnosiologia. Tratava-se de ensinar o materialismo dialético, de torná-lo acessível às grandes massas. Para isso era necessário formalizá-lo. Tratava-se de utilizá-lo como ideologia, com instrumento na luta de classes.

Devido a essas preocupações foi-se obrigado a definir de maneira simples, clara, evidente, a matéria e o espírito, o materialismo e o idealismo, etc. Neste sentido não pudemos evitar uma simplificação crescente e, sobretudo, uma ausência de referência a um conteúdo determinado.

Quando Lênin tratou a questão no *Materialismo e Empiriocriticismo* a expôs com extrema prudência filosófica e científica. Determinou o materialismo como *postulado*. Para ele o postulado materialista formara-se historicamente, ao mesmo tempo que o postulado contraditório, isto é, o postulado idealista. Determinaram-se um pelo outro, um contra o outro. Formaram-se lentamente, no curso da história do conhecimento, através de toda sorte de confusões, de misturas, de transições. Através da elaboração complexa de todas as categorias do conhecimento e da filosofia. Através, enfim, da lenta tomada de consciência dos problemas filosóficos fundamentais. O filósofo pode e deve, pois, estudar historicamente cada postulado, cada cate-

goria em seus desenvolvimentos, sendo esta história desigual, acidentada contraditória.

A matéria? Esta categoria filosófica não diz o que é a matéria. Isso ela evita com cuidado. Afirma, somente, que a matéria é antes do conhecimento, do pensamento, do espírito. E' assim que ela pode ter qualquer coisa de universal e absoluto — de filosófico — quando todos os conhecimentos determinados sobre a matéria são relativos, provisórios, aproximados. E contraditórios. Sendo históricos e historicamente determinados esses conhecimentos são já, virtualmente, negados pelo desenvolvimento do conhecimento: já estão em vias de ser ultrapassados. Mas não as categorias filosóficas. Quanto aos postulados, eles vivem ou morrem, se enriquecem ou perecem. O postulado idealista teve seu crescimento, seu máximo. Perece agora. E esta afirmação faz parte do postulado materialista, o único que permite reunir a história real, a prática social, as lutas de classe, a *objetividade aprofundada*.

No entanto, duas interpretações do mundo continuam — até nova ordem — a disputar adesões. Por isso é necessário *tomar partido*. Esta tomada de partido não representa uma escolha arbitrária, uma opção moral, uma espécie de aposta existencial. Trata-se de uma tomada de posição e de partido que repercute consecutivamente sobre o conhecimento e sobre a vida inteira. Ela é, em princípio, virtualmente — mas não explicitamente, apenas em um plano filosófico como tal — uma tomada de posição *política*.

Essas afirmações de Lênin, rigorosas e prudentes, foram compreendidas e transformadas, posteriormente, em sentido contrário ao de sua primeira inspiração. O postulado materialista transformou-se em verdade absoluta, incondicional, intemporal, extra-histórica. O postulado idealista foi acimado de erro ou mentira absoluta, em todos os tempos, em todos os lugares. Quanto à necessidade de tomar partido, ela foi concebida e apresentada como *verdade de partido* (de partido político como tal), quer dizer, segundo o esquema do subjetivismo de classe e de partido.

O pensamento de Lênin foi privado, pelos comentadores stalinistas, de sua riqueza, de sua complexidade dialética. Andando em sentido contrário a este sentido, os comentaristas chegaram a uma sistematização gnosiológica não somente simplificada mas acabada e definitiva. Nos manuais cosmopolitas de materialismo dialético (cosmopolitas, sim, porque indiferentes à história, às heranças filosóficas, às exigências específicas), a dialética é exposta em quatro pontos e o materialismo, em três. E é o fim. Enten-

de-se que assim será durante toda a eternidade. Pedagogos e discípulos encontram-se satisfeitos: ter em suas mãos, seguras, as verdades eternas.

Chega-se assim a uma teoria do conhecimento que apresenta de um lado a coisa (bem definida, bem isolada, bem "real") e de outro sua imagem, seu decalque na cabeça dos homens: seu reflexo. E tudo está dito neste domínio até o fim dos tempos. Ninguém se dá ao trabalho de distinguir o reflexo, no sentido clássico da palavra, do pálido reflexo mutilado e deformado que as "coisas" enviam ao cérebro dos seres humanos.

O materialismo dialético esgotou-se até perder toda a profundidade, até perder a poesia do antigo materialismo (de Lucrécio, por exemplo). Retornou aos tempos anteriores a Hegel, a Feuerbach. Ele aplica, de fora, considerações dialéticas sobre a sensaboria do materialismo vulgar, do materialismo da coisa isolada, do objeto exterior. Esta gnosiologia relegou ao esquecimento a significação concreta da dialética em Marx: a apropriação e o aprofundamento de um conteúdo em movimento, em seu vir a ser objetivo, por uma inteligência ativa munida de seus instrumentos próprios, os conceitos.

Situação estranha. Longe de nós a idéia de rejeitar em bloco a gnosiologia, a teoria geral da dialética na natureza com seus problemas múltiplos e não resolvidos. De tempos em tempos o especialista da gnosiologia, tomado de escrúpulos, esforça-se por não expor "em si" a dialética e depois o materialismo. Procura na natureza um pouco mais de exemplos: um fundamento objetivo da dialética. Parece, então, não ver que se obriga, assim, a dar uma significação determinada ao conceito, ao mesmo tempo supremamente abstrato e supremamente concreto de *matéria*. E que novas dificuldades aparecem. Seja como for, seus esforços são meritórios. A idéia de um néo-revisionismo relativo à dialética não nos deve atemorizar. Como dizíamos mais acima, a hipertrofia das pesquisas ou das exposições dogmáticas sobre a teoria do conhecimento, sobre as leis universais da dialética, tem raízes profundas, certamente. Nada resta senão a armadura. O esqueleto do materialismo dialético tornou-se essencial. Fizemos do materialismo dialético um monstro, terrível e avático, ao mesmo tempo. A carne viva reduziu-se a muito pouco. Junto da carne que subsiste, ele apresenta e exhibe seu enorme esqueleto dessecado.

E foi assim que triunfou no marxismo-leninismo o espírito simplificador, sistemático, pedagógico, polêmico, subjetivista de Stalin:

*"O marxismo não é somente uma teoria do socialismo, é uma concepção do mundo acabada,*

um sistema de filosofia", escreveu Stalin no início do *Anarquismo ou Socialismo*. Vemos agora como estas fórmulas que pareciam outrora somente um pouco rudes, um pouco desalentadoras, e que muitos aceitaram como fortes e rigorosas, continham em si os germes dos erros futuros. O jdanovismo e a teoria dos dois campos estavam, implicitamente, contidos nelas no plano gnosiológico. Além disso, o sistema como tal ligava-se à posição do partido, tornava-se o bem do partido como tal, como unidade superior a seus membros.

Para reviver e revigorar o pensamento marxista, que é, hoje, necessário? Antes de tudo um banho de *historicidade*. Sem cair no historicismo, que o reduziria à história, é necessário mergulhar nos estudos históricos, quer dizer, no estudo e apropriação de *conteúdos concretos determinados*. Poderiam ter um efeito salutar, acreditamos, os estudos sobre relações sociais concretas, intermediárias na formação econômico-social entre a economia e a política.

Os postulados fundamentais deveriam ser reconsiderados historicamente, em seu desenvolvimento contraditório e desigual, com suas maturações, seus enriquecimentos, seus fracassos e, suas vitórias, suas relações concretas (feitas de conflitos e de transições, de múltiplos problemas para os quais os filósofos procurariam respostas coerentes). Seria a mesma coisa para tôdas as categorias do pensamento, filosófico e científico (formação de categorias filosóficas, entre outras, com o estudo de suas conexões). Não se abandonaria, assim, o lado *categórico* do desenvolvimento da filosofia e do conhecimento, nem o lado *problemático*.

Em resumo, entre os pontos nevrálgicos e cruciais sobre os quais se deve concentrar a atenção, indicamos:

a) *O papel, o sentido, a natureza da filosofia.*

Está a filosofia morta? Terminou seu papel? Se sim, por que e como? Terá ela terminado com o fim da filosofia clássica? Ou com a sistematização stalinista? A quem ela delega seus poderes? À personalidade dirigente? Ou ao Partido, como tal? Ou à classe operária como tal? Ou à luta de classes? Ou à prática em geral? Ficou a filosofia ultrapassada, tornou-se impessoal porque o partido, por exemplo, como instância superior, detentor do marxismo-leninismo, substituiu o filósofo? Como? O filósofo, ou antes, o intelectual dito filósofo, deve-se dedicar à propaganda, ao jornalismo filosófico, ou à vulgarização ou à repetição indefinida das mesmas fórmulas? Por que? Com que direito? Como poderá haver "marxismo criador" nestas condições? E' somente no plano político, no pla-

no do Estado, que novas afirmações podem avançar em nome do marxismo-leninismo?

Se não, qual é o papel, qual a função do filósofo? Em que plano se situa a pesquisa do filósofo, sua ação, sua eficácia específica?

b) *Ideologia e conhecimento.*

Tôda a sistematização leva à fusão de dois termos. O marxismo-leninismo como instrumento na luta de classes coincide com o marxismo-leninismo como ciência. E isto não é falso. Mas é verdadeiro para a pesquisa marxista? Sobre tudo é verdadeira esta identidade sempre e em tôda parte, no passado? Não existiram relações dialéticas complexas entre as ideologias como instrumentos de luta de classes e o conhecimento em seu desenvolvimento? A unidade destes dois termos é verdadeira hoje, sem reservas? E' uma identidade lógica? Não é necessário guardar do conhecimento aquilo que serve imediatamente à ação? E' preciso generalizar, imediatamente, da prática aquilo que parece possível "teorizar"? Não se arrisca, assim, a confundir o acidental e o essencial, o momentâneo e o necessário, a tática e a estratégia?

c) *Objetividade e espírito de partido.*

A tomada de posição ou de partido leva, como se viu, à liquidação da objetividade histórica? Ou conduz, como Marx, Engels e Lênin mostraram sempre, a uma objetividade aprofundada, se bem que jamais absoluta? Se sim, como?

d) *O marxismo e o Estado.*

O marxismo-leninismo é uma ideologia do Estado? Ou admite outros aspectos? Desenvolve a crítica do Estado contida, precisamente, nas obras dos clássicos?

Chegamos a criar na França, em alguns anos, uma situação tão penosa quanto paradoxal. Existe um marxismo "oficial" ortodoxo ou passando por tal. E' frio, aborrecido até às lágrimas e sobretudo estéril. As páginas de Roger Garaudy sobre o conhecimento, ou de Besse e Caveing sobre filosofia, têm o triste verniz brilhante das afirmações definitivas que em poucos dias desaparece. Que acrescentar a êses manuais? Nada, nada, por tôda a eternidade. Tudo foi dito. Podemos saudar os esforços do "marxismo criador".

Somente os "adversários", os espíritos maldosos (Merleau-Ponty nas *Aventuras da Dialética*, Sartre nos artigos do *Temps Modernes*) vêm proclamar em altas vozes, sem nenhuma gentileza, o que muitos pensam e dizem baixinho. O marxismo morre de aborrecimento, no aborrecimento, pelo aborrecimento.

Por isso apressam-se em improvisar alguma coisa. E assim apareceu, há alguns meses, o livro de J. T. Desanti sobre Spinoza. O primei-

ro livro marxista "oficial" e oficialmente aprovado e apoiado depois de muito tempo. Poderemos compará-lo, com razão, a um bolo com algumas amêndoas muito boas mas com muita massa de má qualidade. O autor tomou algumas análises penetrantes (insuficientemente fundamentadas e aprofundadas, porém) sobre as condições históricas do sistema de Spinoza. Junto-lhes um conjunto de considerações banais, comuns — aceitas como integradas ao espírito de partido — sobre a luta do materialismo e do idealismo. Sem renovar a questão, sem mesmo encarar os problemas colocados pelas categorias, seu desenvolvimento histórico, problemático e teórico...

Quase ao mesmo tempo soubemos da existência de trabalhos periféricos exteriores ao marxismo "oficial".

Uma dessas obras, a do sr. Naville (2), rejeita a filosofia marxista por inteiro e reduz o marxismo a um positivismo científico: quantificação dos fenômenos econômicos e sociais (por exemplo, medida do tempo de aprendizagem considerado como elemento do valor da força de trabalho). Tal pesquisa pretende se colocar à esquerda do marxismo "oficial": julga-se mais audaz, mais negativa, mais revolucionária.

Outra das obras, a tese do sr. Goldmann sobre *Pascal* considera, ao contrário, o marxismo como uma ideologia pura, como uma visão ou uma concepção do mundo. Sob este aspecto compara-o com outras visões ou concepções, ligadas a outras classes ou frações de classes; especialmente ao jansenismo considerado como ideologia da nobreza do século XVII. Um método puramente ideológico, não histórico, sob a aparência de história de idéias, chega a delinear seus contornos. Ele compara as idéias mais diferentes sem analisar as condições e os conteúdos históricos concretos. O autor chega a derivar o marxismo de Santo Agostinho e da *Cidade de*

*Deus*, considerando-o como uma escatologia, uma fé, uma aposta sobre o futuro. Apresenta seu método como maior, mais compreensivo, menos sectário do que o do marxismo "oficial".

Essas duas tentativas chamaram a atenção do público culto, muito mais do que o livro de Desanti, que lhes é superior apesar dos defeitos. Sua qualidade não se impõe, não se destaca das banalidades que a encobrem.

Último paradoxo: os trabalhos mais respeitáveis publicados nos últimos tempos sobre o marxismo são assinados por jesuitas: o padre H. Chambre (*Le Marxisme en Union Soviétique*) e o padre Y. Calvez (*La Pensée de K. Marx*). São obras imensas, extremamente bem informadas, onde a polêmica se cobre, admiravelmente, com a informação "objetiva" e aparentemente compreensiva...

E é assim que estamos. Crise do marxismo? Crise final ou crise de crescimento? Nem uma nem outra. Uma situação nova.

Prometeram-nos uma bela casa. Ela não foi construída. Mostraram-nos somente a imagem de uma casa acabada, enorme e sombria. Alguns acreditaram que seus espíritos poderiam habitar a imagem de uma casa. Os clássicos do marxismo deixaram-nos os planos, os materiais, as pedras cortadas, os muros. Os que vieram depois demoliram um ou dois muros, dispensaram ou amontoaram, informemente, muitos materiais. Talvez acrescentaram, ao mesmo tempo, alguns blocos, alguns baixos-relêvos. Cabe a nós retomar a obra e construir um palácio aberto por todos os lados à luz, ao ar, aos povos. Cada geração futura, cada país, poderá construir neste palácio sem fim uma ala, um edifício.

E' evidente que aqui falo sobretudo pelo que conheço, pela França, pelo marxismo e pelos marxistas da França. Mas não falo em seu nome: e creio que não falo tampouco unicamente para eles.

Paris, dezembro de 1956.

(1) Especialmente — Gaston Casanova: *Materialisme dialectique et Mathematiques* — A. Cornu: *Karl Marx e la Pensée Moderne*. — R. Garaudy: *Sources Françaises du Socialisme Scientifique* — H. Lefebvre: *Logique Formelle, Logique Dialectique* — H. Mougín: *La Sainte Famille Existentialiste*.

(2) M. P. Naville defendeu duas teses na Sorbonne. Apenas uma, sobre aprendizagem profissional, foi publicada até hoje. A outra, a principal, sobre a teoria da alienação em Marx só é conhecida pela defesa da tese.

# A REVOLUÇÃO DE 30 (\*)

LEÔNICIO BASBAUM

Apesar de que já tenham decorrido cerca de trinta anos sobre os acontecimentos narrados, é cedo ainda para que se possa fazer um estudo histórico objetivo da Revolução de 30, que se aproxime da realidade dos fatos. Muitos personagens ainda estão vivos, as paixões políticas ainda não se extinguíram de todo, os documentos e os interesses permanecem ocultos.

Grande foi o número de livros e depoimentos escritos sobre o movimento de 30 e seus antecedentes, alguns mesmo a partir do ano seguinte à Revolução. A maioria não tem qualquer valor desde que em geral se preocupam mais com o autor do que com os acontecimentos. Outros são contribuições de qualquer modo, se não valiosas, ao menos úteis, pelos testemunhos que representam, embora se sinta que, como nas novelas policiais "não dissessem tudo o que sabiam". Nesse caso, por exemplo, se acham os de

Virgílio de Melo Franco (*Outubro-30*), Maurício de Lacerda (*Segunda República*), Sertório de Castro (*A República que a Revolução destruiu*) e Barbosa Lima Sobrinho (*A Verdade sobre a Revolução de Outubro*). Este, sem dúvida, o melhor de todos, pois além de narrar os fatos mais importantes e decisivos, procura analisá-los e buscar as suas causas. Mas como todos os demais, analisa os fatos do ponto de vista das classes dominantes. O que é perfeitamente natural.

Mais importante, como depoimento, é o do Gen. Goes Monteiro, o chefe militar da Revolução (Lourival Coutinho; "O General Goes depõe..."). Nêle se faz a narrativa histórica dos acontecimentos políticos e conspirativos que precederam o movimento, alguns aspectos da luta militar e, sobretudo, dos atos que se seguiram ao movimento.

Nessa parte do livro, a História, que começa como drama,

se transforma em tragi-comédia. Mas o Gen. Goes, como seria de supor, também não pôde dizer "tudo o que sabia" e além disso não analisa, não aprofunda, limita-se a narrar, o que, já por si, é uma grande ajuda para o futuro historiador.

O que queremos dizer, com êsse longo preâmbulo é que ninguém está habilitado ainda a fazer um estudo sereno daqueles fatos históricos, pelos motivos que já expusemos.

Mas não obstante, é tempo que se comece a estudar e a discutir o assunto. Nossas intenções se resumem, pois, a dar o sinal de partida. O futuro dirá até que ponto nos aproximamos da verdade utilizando os poucos elementos de que dispúnhamos: a situação real do país na época e as contradições internas; as notícias dos jornais e os depoimentos de alguns personagens e observadores, expostos em livros; o conhecimento pessoal do autor.



1) — Ao estudarmos as causas do movimento de 30 é impossível abstrair das condições internacionais da época.

O ano de 1929, que seguia tão promissor para o mundo capitalista, terminou por uma catástrofe. Uma violenta crise que parecia abalar os próprios alicerces do sistema, pôs fim, da noite para o dia, à famosa "prosperity" americana, que parecia eterna e indestrutível. O tremendo "crack" da Bolsa de Nova York arruinou milhares de empresas comerciais, industriais e bancárias, com uma seqüência trágica de falências e suicídios e pôs na rua milhões de desempregados. E, como uma espécie de reações em cadeia a crise se estendeu a quase todos os países do mundo, principalmente da Europa.

A repercussão dessa crise na economia brasileira era fatal e não se fez esperar.

Nossas exportações passaram súbitamente de cerca de 96 milhões de libras esterlinas, o padrão da época, em 1928, para 65 milhões em 1930. Em 1931 desceriam para 50 milhões.

O café que representava 70% do valor ouro da nossa exportação, de 4 libras passara a custar 1, ou em moeda brasileira da época, de Rs 200\$000 passara a custar Rs 50\$000. Era a *débacle* da nossa economia, tôda ela voltada ainda para o comércio exterior.

Os salários sofreram baixas de 40 a 50%. Inúmeras fazendas de café foram abandonadas, pois já não cobriam o seu custo, algumas foram

(\*) Conferência realizada no dia 2 de outubro, sob os auspícios de NOVOS TEMPOS. Este trabalho resume as idéias e os fatos expostos no livro do Autor, "História Sincera da República (1889 a 1930)", a sair dentro em breve.

posteriormente loteadas, outras mudaram de cultura. O café passara a ser maldição.

Os colonos, abandonando as fazendas, enchiam as cidades. Mas nestas a crise se tornara ainda mais grave. Em São Paulo, as fábricas, lojas e armazens estavam abarrotados de mercadorias e gêneros de toda espécie, sem compradores. Os saques aos estabelecimentos comerciais se sucediam. 50% das fábricas encerraram suas atividades por tempo indeterminado. E as que continuaram trabalhando, só funcionavam 3 a 4 dias por semana.

Nesse ano de 1930, cerca de dois milhões de pessoas entre homens, mulheres e crianças, ficaram sem trabalho e, sem qualquer possibilidade de conseguir meios para a sua subsistência, enchiam as cidades e as estradas.

Não é preciso ter muita imaginação para calcular a situação de verdadeiro desespero em que se encontravam todas as classes sociais. As mais ricas, simplesmente estarrecidas, sem compreender o que estava acontecendo, iam consumindo os seus haveres. As mais pobres, simplesmente morriam de fome.

Na verdade todos precisavam, todos buscavam uma saída.

2) — Mas essa crise não era apenas um reflexo da crise mundial nem mesmo uma simples crise cíclica de produção e superprodução que em geral somente atinge as classes trabalhadoras.

Ela era ao mesmo tempo o começo de ruptura de um sistema retrogrado de produção e de relações de produção, a explosão parcial da estrutura arcaica, semifeudal da nossa economia.

A 1.<sup>a</sup> guerra mundial marca para o nosso país uma fase de acentuado desenvolvimento industrial. Os elementos capitalistas de nossa estrutura econômica, que lentamente se vinham firmando e consolidando desde o século anterior, e que haviam tomado um efêmero impulso com a libertação dos escravos — colocando a serviço do capitalismo um excesso de mão de obra disponível, sofre novo incremento com a guerra.

A par disso, um novo influxo proveio da imigração, trazendo não apenas mais braços para a lavoura e para a indústria, mas também um espírito novo. Os imigrantes, sobretudo portugueses e italianos que aqui vinham “fazer a América”, não andavam em busca de empregos públicos, mas de criar riquezas, ganhar dinheiro. A guerra, com as dificuldades que criou para a importação de produtos manufaturados e o excesso de população relativa que originou,

dera grande impulso ao desenvolvimento de nosso capitalismo.

Esse período de crescimento intensivo durou mais ou menos até 1922/23, quando se começa a notar uma relativa diminuição no ritmo de nosso desenvolvimento capitalista.

Começa aí, de forma mais ou menos sensível, o choque entre o desenvolvimento das forças produtivas e a estrutura arcaica semifeudal ainda predominante no interior do país. O desenvolvimento de nossa economia se vê freiado pelo peso de uma população cujas três-quartas partes, ligadas à terra e vivendo dela, num regime de relações feudais e semi-feudais de produção, quase nada produz e ainda menos consome.

Essa *crise de sistema* torna ainda mais profundos e mais graves os reflexos da crise mundial e atinge a todas as camadas sociais. Sua consequência mais importante, do ponto de vista social e político, é o enfraquecimento das antigas classes dominantes e o esfacelamento do PRP, o famoso Partido Republicano Paulista.

3) — As contradições, ou mesmo simples antagonismos entre diferentes setores das classes dominantes, são perfeitamente naturais em toda parte. As lutas daí decorrentes tomam um caráter mais agudo e, por vezes, sangrento, nos períodos de crise. Nos países pobres, em que o bolo é pequeno para tantas bocas, os conflitos são ainda mais graves. Em geral as divergências giram em torno da *melhor maneira de resolver os problemas* em curso. Outras vezes as divergências são apenas meros pretextos na luta pelo poder. Isto é, pelo bolo.

Dominava o país, havia muitos anos, uma burguesia agrária e latifundiária que vivia quase exclusivamente da exploração da terra em condições ainda semifeudais e semiescravidas. Essas condições eram encontradas, como vimos, tanto na zona do café como na do açúcar, ou do algodão, do cacau ou da borracha. Dentro dessa economia que se esforçava por ser “essencialmente agrícola”, a parte mais rica era constituída pelos fazendeiros de café de Minas e de São Paulo.

O principal partido político era o Partido Republicano Paulista. E, em segundo plano, o Partido Republicano Mineiro. Esses dois partidos, sob a égide do primeiro, se alternavam no poder desde 1894.

Em torno deles gravitavam os irmãos menores, os Partidos Republicanos dos demais Estados, seguindo as mesmas crenças essencialmente agrícolas, mantendo em seus domínios os mesmos tipos de exploração do trabalho e vivendo das migalhas do café.

A principal divergência de natureza econômica no seio das classes dominantes e que foi a base aparente da cisão, surgiu quando, em 1929, no Convênio Cafeteiro Nacional, o PRM se opôs à política de retenção e valorização do café, que desde o Convênio de Taubaté, em 1906, era a cartilha econômica das classes dominantes.

Era o instrumento direto dessa política econômica, o Instituto do Café, que desde a sua criação em 1924 era financiado pelos banqueiros ingleses. Um dos motivos que se impuseram aos fazendeiros exigindo uma mudança radical na política cafeeira, era bem poderoso: uma espantosa safra de 28 milhões de sacas para 1930, sem destino certo diante da crise mundial, com os mercados de consumo praticamente fechados.

Como principal conseqüência dessa disputa surgiu o Inst. Mineiro do Café. Era a ruptura do célebre *eixo de café-com-leite*, isto é, S. Paulo-Minas.

Mas seria evidente ingenuidade supor que todo o movimento armado de 30 tivesse por origem uma divergência no seio das classes dominantes por causa dos preços do café! Na verdade todos pressentiam que o Reino do Café, ou melhor, dos fazendeiros de café, havia terminado. Ninguém, entretanto, percebia que a causa mais profunda da crise residia nos efeitos da estrutura econômica nacional, no lento desenvolvimento de nossas riquezas, na pobreza das classes dominantes, na debilidade de nosso capitalismo, na marcha crescente da produção capitalista em luta contra os remanescentes feudais e semifeudais, as velhas formas de relações de produção ainda predominantes no país.

É fora de dúvidas, porém, que uma parte das classes dominantes acreditava que uma aproximação com os Estados Unidos, a cujos interesses se estava ligado, seria uma arma de grande alcance para ajudá-la a safar-se da crise e das suas conseqüências.

Além disto, certos setores das classes dominantes, alguns velhos, outros novos, começavam a reclamar uma parte mais razoável no quinhão do bolo, quase exclusivamente nas mãos do PRP: uma burguesia mercantil, agora mais forte; uma burguesia industrial que começava a sair da simples manufatura para a produção em larga escala e em bases capitalistas. Já como reflexo dessa diversificação surge em 1926, em S. Paulo, em oposição ao PRP, o Partido Democrático, que se junta ao PRM pugnando pela aproximação com os investidores

capitalistas americanos e contra a valorização do café.

4) — Há, pois, um outro fator de importância fundamental para a compreensão da Revolução de 30: a extensão em nosso país da luta interimperialista em disputa da América do Sul.

Hoje, certamente, depois de tantos exemplos — de que está cheia a História contemporânea — de revoluções, pronunciamentos, de golpes militares manobrados e financiados pelo imperialismo americano, já não causa espanto ou ceticismo afirmar que a intervenção americana foi fator decisivo da Revolução de 30.

Não afirmamos, não podemos afirmar, que todo o movimento tenha sido obra do imperialismo norte-americano. É claro que não há documentos nem o governo norte-americano iria afirmá-lo publicamente. Só podemos deduzi-lo pelos fatos. Por isso mesmo cremos não haver exagero em afirmar que o capitalismo norte-americano se aproveitou de nossas dificuldades econômicas e financeiras para fazer o seu jogo. E nesse momento os seus interesses coincidiam com os de uma parte ponderável da burguesia brasileira.

Durante mais de cem anos esteve a nossa economia subordinada aos banqueiros ingleses. A partir de 1918, isto é, após, o término da 1.ª guerra mundial, uma grande mudança se verificou na correlação de forças entre os principais grupos imperialistas. Os ingleses, ao fim do conflito, haviam passado de credores a devedores. Seu império, que abrangia uma quarta parte do mundo civilizado, se desmoronava. Uma nova potência surgiu no mundo, os Estados Unidos, onde um capitalismo em fase de rápido e avassalador crescimento depois de locupletar o seu mercado interno, começa a exportar capitais, a procurar fontes de matérias primas e a disputar mercados.

Essa nova supremacia do dólar e sua luta por desalojar a influência inglesa, sobretudo nos países latino-americanos, Brasil inclusive, era tão evidente que até o Gen. Goes Monteiro a havia constatado. Com efeito ele observa em suas "revelações" que em 1930 havia "uma diminuição da influência do esterlino e um avanço da predominância do dólar", embora isso lhe pareça não causar mas uma das conseqüências da Revolução de 30.

Essa luta interimperialista por certo não foi definitivamente decidida em 1930. Ela se prolonga ainda por muitos anos e a vitória só vem em 1945. Mas aquele ano marca, sem dúvida, o começo da supremacia do imperialismo americano no domínio da economia e da política em nosso país.

5) — Mas há ainda uma outra força em jôgo. O crescimento industrial da segunda década do século havia contribuído para o surgimento e consolidação de uma nova classe social, que mal se esboçava nos anos anteriores: o proletariado. E como consequência natural, surgia em 1922 o Partido Comunista.

A ação desse Partido, como educador político e ideológico, e como organizador das classes trabalhadoras, foi das mais fecundas naqueles anos. Em 1928 já possuía dois representantes na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. No ano seguinte era fundada a Confederação Geral do Trabalho do Brasil, que congregou a maioria do operariado sindicalizado do país. O 1.º de Maio de 1929 reuniu na Praça Mauá do Rio cerca de 60 mil manifestantes, a maior concentração de trabalhadores já havida no Brasil até aquela data.

A ação do Partido Comunista era motivo de inquietação para as classes dominantes. As leis de repressão, sobretudo a famosa “*Lei Celerada*” de 1927, não conseguiram, entretanto, destruí-lo. Ele continuou na vanguarda das classes trabalhadoras lutando pela lei de 8 horas que não era cumprida, pela lei de férias e outras de interesse imediato dos trabalhadores.

Diante da crise de 1930, ele tentou uma aliança com Luiz Carlos Prestes, cujo prestígio no seio das massas populares era enorme. Não tendo tido êxito, tentou uma linha independente, apresentando um candidato próprio. Mas sua debilidade orgânica em relação às tarefas que se impunham, sua pobreza ideológica, nascido que era de um proletariado novo, sem grande tradição e consciência de classe e em parte imbuído ainda de idéias anarquistas, impediram-no de evitar que grande parte das massas trabalhadoras fosse envolvida na luta que se avizinhava, iludida pelas promessas de um dos grupos em luta. A situação para o Partido Comunista tornou-se ainda mais difícil pelas dissensões políticas em suas fileiras, principalmente o *prestismo*, que considerava inútil o papel do Partido.

Washington Luis, Presidente da República, membro proeminente do PRP, declarando que a questão social era “um caso de polícia”, expunha em quatro palavras a posição do seu Partido em face das lutas e das reivindicações das massas populares. Mais do que afastar-se delas, punha-se contra elas.

Antônio Carlos, membro destacado do PRM, ex-líder da Maioria da Câmara, então Presidente do Estado de Minas, afirmava por sua vez: façamos a revolução antes que o povo a faça!

Dessa maneira, ao contrário do PRP, ele buscava habilmente uma base popular para os seus planos.

6) — Mas entre o proletariado em formação e a burguesia agrária e urbana, surge um novo fator: uma classe média quase inexistente antes da República, constituída pela pequena burguesia das cidades, por uma grande massa de funcionários públicos, empregados do comércio, as chamadas classes liberais e intelectuais e, por fim, os militares cuja origem social era agora a própria classe média.

Uma das mais importantes características desse período entre 1900 e 1930 é principalmente a *proletarização crescente* das classes médias: é o começo do fim das pequenas manufaturas, dos artezãos, é a criação de uma massa urbana, cada vez mais pobre, o *proletariado de colarinho*, de vida ainda mais difícil que a do operário comum.

É essa massa urbana alfabetizada e sacrificada que irá formar a massa principal dos “revolucionários de Outubro”.

7) — Ao lado dessa nova caracterização da paisagem social, há a considerar o fator político. As classes dominantes jamais haviam tomado conhecimento da existência de um povo, que praticamente não existia antes da República, como expressão política. Elas não se haviam dado conta das transformações sociais, das novas classes que novas circunstâncias faziam surgir.

Os candidatos eram escolhidos nos concênios dos gabinetes, por cima do povo e sem o conhecimento deste. Os candidatos, na realidade, eram impostos ao povo. As eleições, pura farsa. Os candidatos opositoristas, sistematicamente *degolados*.

Tomados de consciência política, esses diferentes setores das classes médias sonhavam com uma participação no poder ou, pelo menos, com a possibilidade de intervir na escolha dos homens públicos, o que, para eles, já seria suficiente para salvar o país.

A indicação de um candidato governamental, Júlio Prestes, para a sucessão de Washington Luis, numa época em que já havia um povo, pelo menos nos centros urbanos, que, bem ou mal, pretendia pensar por sua própria conta, veio tornar ainda mais difícil a posição do governo e, como era lógico, do seu Partido, o PRP.

Extravasara o cálice. Washington Luis iria pagar pelos pecados de todos os seus antecessores.

8) — A equação estava posta nestes termos: de um lado, o partido governamental, o

PRP, ligado tradicionalmente ao imperialismo inglês, dono do poder e contando com o apoio dos grupos políticos estaduais dominantes; de outro o PRM, agora na oposição, e o PD — unidos ambos aos partidos sul-riograndenses, desejando partilhar do bolo governamental e dar novos rumos à economia e à política do país, buscando o apoio do imperialismo americano, ansioso aliás por cedê-lo, todos agora reunidos, para fins eleitorais, na Aliança Liberal.

Para atingir os seus objetivos e, seguindo a linha já traçada por Antônio Carlos, que Getúlio Vargas, o candidato da Aliança Liberal, também seguiria na habilidade a ponto de superar o mestre, isto é, fazer a revolução antes que o povo a fizesse, a Aliança iniciou a maior campanha demagógica a que o país já havia assistido. Levantando a bandeira da “regeneração dos costumes”, do voto secreto, das leis sociais, para ganhar o operariado que acompanhava os comunistas, prometendo tudo aquilo com que o povo sonhava, êle conquista o apoio das grandes massas urbanas mais politizadas.

Dada a situação em que se encontrava o povo esmagado sob o peso do desemprego e da fome, a tarefa lhe foi das mais fáceis.

Mas a máquina eleitoral montada e aperfeiçoada pelo PRP durante trinta anos, não se destruiu com discursos. O *Coronelismo*, fenômeno social característico da nossa estrutura semifeudal, dominando o interior do país, onde vivem 70% da sua população, garantia o domínio político para a burguesia agrária e os latifundiários dos Partidos Republicanos.

E assim, nas eleições de 1.º de março de 1930, o candidato da Aliança Liberal foi derrotado pelo candidato do PRP, Júlio Prestes.

Como se sabe, a insurreição se estava preparando desde muito antes das eleições, cujo resultado era aliás perfeitamente previsível. Assim, não restava aos derrotados outra alternativa a não ser o “prélio das armas”. Também aí, com a crise a desagregar o PRP, a derrota dêste era perfeitamente previsível.

9) — O General Goes, em suas “revelações” na obra já mencionada, atribui, como é natural, a vitória, ao plano militar da insurreição por êle traçado. Todavia, a causa real dessa vitória reside justamente num fator que absolutamente não foi levado em conta pelo General: as massas populares descontentes e desesperadas.

Tal era a situação das massas que estas aceitariam qualquer espécie de revolução. As

tropas receberam apoio popular por toda parte em que passavam, principalmente das classes médias, nas cidades. Em algumas cidades do Nordeste, o povo se antecipou mesmo às forças militares e, em outras, os governadores, completamente abandonados até mesmo por seus auxiliares imediatos, simplesmente fugiram.

Essa participação ativa de grandes massas, que poderia aliás ter sido muito maior, tira ao movimento a qualidade de simples quartelada ou golpe militar, os quais são feitos por cima do povo, sem o conhecimento dêste e, por vezes, contra êle. Como aconteceu em outubro de 1945.

Mas poder-se-á afirmar que se trata realmente de uma revolução? Temos neste trabalho nos referido ao movimento de outubro de 1930 como *Revolução*, mais cedendo ao título que o movimento recebeu — *Revolução de 30* — que propriamente ao seu real conteúdo e significado técnico ou político.

Na verdade seria preferível inventar outro nome, para dar à palavra *Revolução* um significado mais profundo e mais rico de conteúdo.

Que houve, pois, realmente em 1930? A *substituição de um setor das classes dominantes por outro*, sem que nada mais se alterasse no país. Como em 1889.

Êste conservou íntegra a sua estrutura econômica, a terra continuou em mãos de seus antigos proprietários, o café continuou a ser o elemento dominante da nossa exportação e a fonte máxima de divisas, as classes sociais continuaram onde estavam, as relações de produção no campo permaneceram as mesmas. Só que as classes pobres ficaram ainda mais pobres.

Dêsse modo a *Revolução de 30* não foi na realidade uma *Revolução* como não foi igualmente um movimento puramente militar e menos ainda uma guerra civil. Talvez pudesse classificá-lo como uma insurreição político-militar com apoio parcial do povo, embora possa continuar chamando-se *Revolução de 30*, nome que, com as devidas ressalvas, não prejudica a ninguém.

10) — Em 1930 o PRP foi derrotado, mas não esmagado. Em 1922, sob a bandeira da “luta constitucionalista”, usando por sua vez a arma da demagogia, êle tentou reaver suas antigas posições e privilégios. Conseguiu mesmo levantar a seu favor todo o povo de S. Paulo, excetuando o operariado. Mas foi novamente derrotado.

Daí por diante, êle deixou de existir definitivamente, depois de haver dirigido o país

durante trinta e seis anos, enterrado sob os próprios escombros. *Sic transit gloria mundi*. Já havia cumprido sua missão histórica e era necessário abrir caminho para novos setores das classes dominantes, que se vinham formando, consolidando e buscando o seu lugar ao sol.

11) — Mas restam outros problemas a resolver ou elucidar: 1.º) Quem passou a dominar o país depois de 1930? E, 2.º), como foi resolvida a crise de estrutura?

Para responder a estas perguntas, temos de voltar a algumas questões anteriores.

O PRP, como temos dito, era o Partido dos fazendeiros de café. A partir de um momento que não é possível precisar, um novo grupo econômico se foi formando no sistema de exportação do café, o exportador, que de simples despachante ou embarcador que era, ainda em fins do século passado, passou a ser o comprador, financiador e vendedor de café. O papel desses homens ou das empresas, nacionais ou estrangeiras, criadas para esse fim, ia crescendo rapidamente de importância no intrincado e longo processo de transformação do grão de café em dolar-ouro. Enquanto o papel dos fazendeiros, ao contrário, se resumia cada vez mais a fazer cada vez menos, limitando sua atividade a plantar e colher café e a governar o país.

De outro lado observamos uma nova diversificação dentro das classes possuidoras, pelo fortalecimento de antigos grupos econômicos outrora decadentes e agora reanimados, desde o fim da guerra, pelo crescimento do mercado interno. Os lavradores de açúcar, de algodão, os criadores, antes vivendo, depois de um período áureo, das sobras do café, começam a reanimar-se com o aumento do consumo e o desenvolvimento natural da economia do país.

Além disso, novos setores, antes inexistentes, vão surgindo e buscando igualmente um lugar ao sol: uma nova burguesia industrial e essencialmente capitalista.

Mas, acima de todos esses grupos econômicos novos e velhos, um outro surge, lenta e seguramente, dominando todos os demais, a agricultura como a indústria e ainda o comércio: o capital financeiro.

É sobretudo a partir da segunda década do século que o papel dos bancos começa a assumir em nossa economia um papel cada vez mais preponderante. O número de bancos triplica, o seu capital cresce cinco vezes. E ele está em toda parte: no café, no açúcar, como no comércio, na importação e na exportação como na indústria.

É ele quem fornece o capital necessário para o financiamento à indústria, ao comércio, à lavoura, quem entra em relação com os compradores e vendedores de outros países, quem encaminha os investimentos do capital estrangeiro, quem domina e dirige toda a economia do país.

É um novo grupo de homens mais enérgicos e brutais, mais imediatistas e reacionários, que quando não estão nas Diretorias de Bancos se colocam como advogados administrativos e testas de ferro das empresas estrangeiras, principalmente americanas, que a partir dessa época começam a proliferar. Foram estes os homens que, aberta ou encobertamente, comandaram a Revolução de 30. Os negociatas, por excelência. Depois de 1930 poderemos vê-los nas diretorias das empresas de petróleo, de automóveis, de seguros, ao mesmo tempo que são deputados, senadores ou ministros ou simplesmente advogados de partido.

Em 1930, do antigo PRP, o elemento dominante da economia e política brasileiras durante tantos anos, nada mais resta. Sua época, seus métodos, suas doutrinas, tudo fôra superado. O desaparecimento do PRP não foi, pois, o simples resultado de uma operação militar. Esta somente foi possível — e vitoriosa — porque ele já havia desaparecido no processo natural das mutações econômicas e já se havia transformado em mero apêndice do capital financeiro.

Marx conta que depois da Revolução de julho de 1830 na França, quando o banqueiro Laffite acompanhou em triunfo ao Hôtel de Ville seu compadre, o Duque de Orleans, deixou escapar estas palavras. "Doravante reinarão os banqueiros". "Laffite traíra o segredo da revolução", diz Marx.

No Brasil, ao que se saiba, nenhum dos chefes revolucionários proferiu qualquer frase histórica que traísse o segredo da revolução. Só os fatos iriam comprová-lo, muitos anos mais tarde e torná-lo patente aos olhos do observador.

Não se pode afirmar que em 1930 foi imediatamente o capital financeiro que assumiu o poder. De início foi este, antes, presa de uma chusma de aventureiros e *profiteurs* de todos os matizes, no meio de alguns igênuos idealistas, que transformaram o país e o tesouro nacional em propriedade particular, porque não havia ainda classe ou setor da classe dominante suficientemente organizado e capacitado para dominar e dirigir o país.

Mas os homens do capital financeiro cada vez mais presos ao capital estrangeiro, souberam reorganizar suas forças e rapidamente aprenderam a dirigir o país... à sua maneira. Como em 1830 na França, começava para nós o reino dos banqueiros.

A lavoura, derrotada, teria agora de viver à mercê dos novos dominadores, a aristocracia financeira, os homens dos Bancos e os testas-de-ferro das grandes empresas imperialistas.

A burguesia industrial e o capitalismo indígena que aderiram aos revolucionários na esperança de que o país afinal deixasse de ser essencialmente agrícola, passaram evidentemente a apoiar as novas forças vitoriosas não para dirigi-las mas para receber ao menos algumas migalhas a mais.

Quanto à pequena burguesia e às classes médias em geral elas acreditaram dominar o país durante os primeiros anos após 1930, participando do novo governo alguns dos chefes mais destacados, como ministros de Estado ou como interventores estaduais. Era uma espécie de ala *radical*, dentro do comando da Revolução, representando por sua vez algumas camadas radicais da pequena burguesia e das classes médias, cheias de ilusões de amplas reformas: "tenentismo". Mas pouco a pouco foram estes sendo alijados do poder pela habilidade política de Getúlio Vargas, contentando-se alguns com cartórios, outros com excelentes postos na administração ou nas representações diplomáticas. Enquanto isso, a massa desiludida, que enfrentara os combates, batera palmas aos chefes e jogara flôres sobre as cabeças dos soldados, voltava aos seus antigos empregos sonhando com nova revolução.

E tudo mais continuou como dantes. Parece-nos, entretanto, necessário frizar que o capital financeiro ligado aos trusts internacionais, não estava ainda preparado para assumir o poder e jamais chegou a dominar por completo o país, politicamente, embora o dominasse economicamente. A *sua revolução* não chegara a ser completada. Fôra uma vitória parcial.

12) — Resta-nos um problema; como foi resolvida a crise de estrutura se esta na realidade permaneceu a mesma?

A verdade é que essa crise *não foi resolvida*. Ela continuou a atormentar a nossa vida econômica e política.

A revolução de 30 entregou o poder a um novo fator econômico, o todo poderoso *dinheiro*. O novo setor das classes dominantes era sem

dúvida *mais industrializado e mais capitalista*, na medida em que o permitiam os interesses imperialistas, aos quais estavam presos, que os governos anteriores a 1930.

Procurou resolver alguns problemas regionais com a criação dos mais variados Institutos, o do Açúcar, do Trigo, do Cacau, etc. Mas o problema fundamental, a barreira anticapitalista do semifeudalismo, este não foi solucionado.

A brutal reação desencadeada em 1935, e 1937, e, a seguir, a segunda guerra mundial, foram importantes fatores que, de um lado impediram novos levantamentos populares e, de outro, com o novo afluxo de imigrantes e capitais abrindo novas fontes de consumo e ampliando o mercado interno detido na barreira semifeudal do campo conseguiram postergar por um prazo indefinido, o desencadeamento de novas explosões revolucionárias.

Mas o crescimento do capitalismo industrial continua em ritmo acelerado, sobretudo depois de 1945, mais rapidamente do que permite a estrutura social e econômica do país. E as conseqüências certamente não se farão esperar.

13) — Para bem compreender a evolução dos acontecimentos depois de 1930, é necessário lembrar que, no topo da Revolução, onde entravam em choque vários grupos e tendências, das mais radicais às mais reacionárias e fascizantes, havia alguns elementos progressistas: uma burguesia nacional, ainda bem débil, realmente interessada no desenvolvimento industrial e capitalista do país, e que se opunha, consciente ou inconscientemente aos interesses e ao predomínio exclusivista do capital financeiro que, desde a sua lenta formação, no começo do século, sempre esteve ligado aos interesses imperialistas.

Esses elementos progressistas faziam por vezes sentir sua presença no governo de Vargas. Daí a política deste principalmente durante os 15 anos de ditadura, fôsse caracterizada pelas constantes vacilações e oscilações, ora pendendo para a direita, ora para a esquerda, ora inclinando-se, como nos primeiros anos após 30, para o imperialismo inglês, ora para o americanismo, ora para o fascismo, ora contra todos eles.

O mesmo acontecia com o capital financeiro e os seus agentes instalados na presidência de empresas subsidiárias ligadas aos trusts estrangeiros que ora conseguiam influenciar di-

retamente o governo revolucionário, ora se-riam forçados a ficar na oposição.

Getúlio não era um representante do capital financeiro. Sua posição, como chefe da Revolução, foi uma dessas contingências da guerra que nele encontrou, acima de tudo um hábil político. Embora estancieiro ele representava, a nosso ver, parte dessa burguesia nacional que buscava um caminho sem saber onde encontrá-lo. Mas ele representava uma pequena minoria dentro do governo revolucionário e para manter-se no poder viu-se forçado a realizar uma política que lhe trouxesse o apoio das grandes massas-políticas que deu origem às famosas "leis sociais" e ao *queremismo*. Assim, pensamos que o Partido Trabalhista Brasileiro, com Getúlio Vargas à frente, formou-se em parte à base desses elementos progressistas contidos na Revolução de 30 e do *queremismo*, ou seja, a ala proletária conquistada pelas "leis sociais".

Ao contrário a União Democrática Nacional — UDN — se constituiu à base dos grupos fascizantes, mais reacionários de 1930, sempre subordinados aos interesses do capital financeiro e do imperialismo americano. Os chamados *golpistas* de hoje, dentro e fora da UDN, são os mesmos que em 1945 derrubaram Getúlio Vargas porque este, ao restabelecer as relações diplomáticas com a União Soviética e permitir a legalização do Partido Comunista, tornara-se suspeito ao capital financeiro e ao imperialismo americano. E os mesmos ainda que, em 1954, o levaram ao suicídio quando ele quis resistir à pressão americana para a entrega do petróleo e dos minerais atômicos.

Como em 1945 e 1954, esses grupos não visam a outra coisa senão concretizar a vitória de

1930, estabelecendo o predomínio definitivo do capital financeiro e do imperialismo americano

14) — Tantos anos são passados e os problemas permanecem atuais e cada vez mais agudos. Mas, como diz Marx, a humanidade somente se propõe objetivos que possa alcançar e, acrescentamos, problemas que possa resolver.

A solução para esses problemas estaria numa reforma agrária que quebrasse os grilhões semifeudais, dividisse pelo menos os grandes latifúndios inexplorados libertando e humanizando o camponês e o trabalhador do campo. E expulsando os agentes do imperialismo.

Mas quem pode fazer isso? A burguesia nacional não ligada aos interesses dos trusts é ainda débil e se acha amarrada aos bancos. O capital financeiro procura apoiar-se no interior do país sobre os grupos desalojados, os lavradores e os proprietários da terra, os *coronéis*. Porque agora domina o dinheiro e este se encontra nas mãos dos banqueiros. E externamente se apoia nos interesses crescentes do imperialismo americano em nosso país, que o alimenta e sustenta e para o qual uma *burguesia nacional independente* é uma constante ameaça.

As classes médias, pela sua própria natureza flutuante e vacilante, já demonstraram através de nossa própria história sua incapacidade para a direção conseqüente dos movimentos de massas. Só o proletariado, que nada tem a perder senão as cadeias, pode pôr-se à frente de todo o povo brasileiro, o campesinato, as classes médias e a própria burguesia nacional inclusive, unindo-os em torno de um problema que hoje interessa a todas as classes e camadas sociais: a expulsão do imperialismo americano. Tal foi a herança e a responsabilidade que nos legou a Revolução de 30.

L E I A M

## HISTÓRIA SINCERA DA REPÚBLICA

DAS ORIGENS A 1889

(Tentativa de Interpretação Marxista)

de LEÔNCIO BASBAUM

UMA EDIÇÃO DA LIVRARIA SÃO JOSÉ

A venda nas livrarias

# Dogmatismo no combate ao Revisionismo e "Revisionismo" no combate ao Dogmatismo

CARLETO FERRER FAVALLI

(A propósito do informe de Luiz Carlos Prestes, "O trabalho de direção e a composição do Presidium e do Comitê Central", publicado em "Voz Operária", n.º 432).

Os últimos documentos do PCB são a mais viva demonstração das inúmeras dificuldades, erros, incompreensões, incertezas e perplexidades políticas e ideológicas em que seus dirigentes se acham mergulhados.

O Projeto de Resolução de outubro de 1956 representava o marco inicial de um novo curso, começo de auto crítica e formulação embrionária do novo. Entretanto, êsse significativo documento foi enterrado pelos seus próprios criadores, que se comportavam como homens desencorajados ou frustrados. Convencendo-se apressadamente de seus "erros", revoltaram-se por se haverem deixado levar pela "vacilação ideológica" (de fato, pela força revolucionária da verdade). Isto porque o Projeto de Resolução significava sua própria condenação como dirigentes. Os militantes viram, dessa maneira, desvanecerem-se tôdas as esperanças de auto crítica de seus comandantes, que irresponsavelmente atiraram o PCB num círculo de desorientação ideológica, passividade política, ceticismo e desconfiança.

Isso teve início com a Carta de Prestes, que os militantes apelidaram de "carta-rôlha", porque estabelecia a censura nos debates, ao mesmo tempo que seu autor afirmava, contraditoriamente, ser um entusiasta de tais debates — nos quais só tomou parte para reprimi-los. Esta situação culminou com a malfadada "Resolução sobre Unidade", tachada pelas bases do Partido como "decreto de cisão", pois seu conteúdo extremamente contraditório levou os reduzidos efetivos pecebistas a definharem ainda mais, de vez que, através de demissões públicas e internas, centenas de militantes se desligaram da orientação do Comitê Central do PCB. É que chegaram à conclusão de ser impossível a renovação através da luta interna e se constituíram em organização completamente independente do PCB como corrente renovadora do movimento marxista brasileiro, cientes de ser esta a maneira eficaz de garantir o desenvolvimento dêste novo curso no movimento socialista no Brasil.

Novamente, aquêles que permaneceram na velha máquina partidária defrontam-se com as mais profundas incertezas em face do último trabalho de Prestes, apresentado na reunião plenária do C. C. do PCB em setembro último.

Para facilitar o raciocínio sobre êste informe, é providencial partir dos próprios dizeres de Prestes, neste trecho cheio de contradições:

"Constitui tarefa atual e inadiável, relacionada com a própria sobrevivência de nosso Partido como vanguarda revolucionária do proletariado, a luta inconciliável contra as tendências revisionistas. Não é, porém, apegando-nos a posições sectárias e dogmáticas, que poderemos enfrentar o revisionismo e derrotá-lo".

Daí se deduz que o fundamental é a luta contra o novo, contra o "revisionismo". Mas qualquer dedução pode pecar por precipitação. Eis que êle continua:

"Para rebater o revisionismo, que tende a negar os princípios e as leis fundamentais do marxismo-leninismo, é necessário não apenas reafirmar os princípios mas, antes de tudo, considerar os fatos que servem de base ao revisionismo. Será esta a maneira de destruir suas bases falsas e de deduzir da polêmica a linha geral do desenvolvimento".

Não se pode saber ao certo a que polêmica se refere êle, uma vez que a única que se estabeleceu, logo foi tolhida pela famosa Carta de sua autoria. Enfim, continuemos a ouvi-lo:

"Esta a atitude científica, porque contrária ao dogmatismo. Para êste, o principal é a defesa do que já está consagrado, negando-se a tomar em consideração o novo (esta é a doença crônica do PCB — CFF). Precisamos, no entanto, suprimir todo dogmatismo, tôda separação da teoria da prática, abrir a mente às novas realidades e saber valorizar tôdas as opiniões, venham de onde vierem (os renovadores, que acreditaram em semelhantes palavras, sofreram amarga decepção — CFF). Isto não significa nenhuma tolerância de tipo oportunista (ai já vêm as costumeiras ameaças — CFF), porque a defesa dos princípios (leia-se: a defesa dos dogmas pelos conservadores — CFF) e de nossos objetivos revolucionários está colocado no centro irremovível de uma atitude firme e intransigente".

Realmente, não é fácil entender este emaranhado de dogmatismo no combate ao revisionismo e de "revisionismo" no combate ao dogmatismo deste informe de "double face". As raízes reais deste curioso fenômeno tem uma única explicação: é o dogmatismo forcejando por dissimular-se, por mostrar falsas raízes. Ele sabe organizar a luta contra o próprio dogmatismo, mas de molde a salvar o essencial do dogmatismo perante os dogmáticos.

Assim fica desvendado o mistério da luta de Prestes em duas frentes: contra o dogmatismo e o revisionismo, simultaneamente, o que não é mais que uma forma de perpetuação do fanatismo ortodoxo e da escamoteação da dialética como método de análise em benefício do "marxismo pontifical"...

Vamos penetrar no interior destas conclusões. Antes, um esclarecimento mais. Por que constantemente a palavra "revisionismo" vem assim entre aspas? Porque este "revisionismo" do qual são acusados os renovadores, significa o resultado das primeiras tentativas de aplicação do marxismo à realidade brasileira, originado, como não podia deixar de ser, do livre debate e fecunda troca de opinião, iniciada com a meritória posição de vanguarda assumida pelos ex-redatores do órgão "Voz Operária", através do artigo de João Batista de Lima e Silva — "Uma discussão que Está em Todas as Cabeças".

Claro está que as diretrizes programáticas, táticas e estruturais do PCB, evitadas de dogmatismo e sectarismo, não resistiram ao exame crítico dos militantes que, como um vendaval, jogou por terra a orientação e diretivas do antidemocrático IV Congresso. Imediatamente os conservadores, embalados pela "Carta Rolha", censuraram os debates para posteriormente encerrá-los, restabeleceram o culto da personalidade e o mandonismo, num afã desesperado de reerguer os dogmas que a vida já tinha condenado. Tudo isso em nome da "defesa dos princípios", aferrando-se a posições ultraclericais, antimarxistas, portanto, como tábua de salvação, revelando nitidamente a absurda negação dos princípios de que se intitulavam defensores.

Se "revisionismo" é rever tudo aquilo que contraria a teoria marxista-leninista na sua aplicação concreta ao Brasil, como procuram fazer os renovadores, este "revisionismo" é benéfico, útil e necessário, e o único caminho a seguir para quem quer romper com posições oportunistas para ser revolucionário.

Este "revisionismo" teve de ser oficializado por Prestes, que não teve outro recurso

senão adotá-lo, se bem que camufladamente em muitos casos, porque esse "revisionismo" dos renovadores é o reflexo subjetivo da realidade objetiva encarada do ponto de vista marxista.

Vejam alguns exemplos.

Os renovadores contrapunham-se à concepção de "guerra à vista", que o "núcleo dirigente" difundia entre os organismos partidários, e optavam pela análise realista da situação mundial, que era de propensão ao alívio da tensão internacional. Veja-se, a propósito, o artigo de Agildo Barata, "Pela Renovação e o Fortalecimento do Partido", publicado na época. Esta posição justa dos renovadores era considerada pelos conservadores, inclusive por Prestes, como fazendo "o jogo do imperialismo americano em face do agravamento da situação internacional", e agora é o próprio Prestes quem acentua:

"A análise do panorama mundial nos mostra que, nos últimos anos, vem firmando a tendência para um relativo alívio da tensão internacional".

Esta recente "descoberta" de Prestes, em relação aos problemas de guerra e paz, é uma flagrante demonstração de seu intuito de entrar na luta contra o dogmatismo para perpetuar o próprio dogmatismo. Por isso não tem audácia para penetrar nas questões de princípios do desenvolvimento internacional contemporâneo, ponto essencial para o ajuste da orientação política de todos os partidos que realmente são marxistas e não dogmáticos e rotineiros. Quais são essas questões?

a) Que a política de coexistência pacífica entre os países de diferentes regimes sociais não é um passo tático da URSS para derrocar o capitalismo em outros países, mas sim um princípio básico da política exterior soviética, desde os primórdios do Poder Soviético, e que corresponde inteiramente aos interesses de toda a humanidade e constitui o cerne dos ideais socialistas contra todas as guerras de conquista e pela soberania de todos os povos.

b) Que a revolução não é artigo de exportação, que é ridículo pensar que as revoluções se fazem por encomenda. O estabelecimento de um novo regime social é assunto interno dos povos desses países e não da intromissão teleguiada da URSS. Nossa certeza da vitória do socialismo em todos os países depreende-se do próprio processo objetivo do desenvolvimento econômico (sociedade comunal primitiva, escravagismo, feudalismo, capitalismo, so-

cialismo) e das vantagens decisivas do modo de produção socialista sobre o capitalista, que possibilitam aos ideais marxistas ganhar cada vez mais a consciência das massas trabalhadoras em todo o mundo. Portanto, a posição do PCB de voluntária submissão ao PCUS, coincide com as provocações imperialistas, que acusam os propósitos de "agressão comunista" por parte da URSS. Daí a justeza da posição dos renovadores de "igualdade, solidariedade e independência entre os partidos operários e comunistas". Esta questão essencial, Prestes omite.

c) Que antes os marxistas afirmavam que enquanto existisse o imperialismo, as guerras seriam inevitáveis e que hoje existem, não só apoio moral como também condições materiais para impedir as guerras, mesmo sem o desaparecimento ainda do imperialismo. Entretanto, para muitos marxistas dogmáticos esta é uma brutal violação dos princípios e puro "revisionismo" de Khrushchiov no XX Congresso do PCUS e ficam oportunisticamente montando o aparelho partidário para assumir o poder no dia em que a URSS, através de uma terceira guerra mundial, esmagasse o imperialismo e lhes entregasse o poder de mão beijada. Como êsses falsos marxistas ajudam os provocadores de guerra!

d) Que a transição do capitalismo ao socialismo se dará em cada nação por seus caminhos originais e que, de acordo com a atual conjuntura mundial e nacional, é possível o caminho pacífico (sem guerra civil) para essas transformações. Prestes omite esta questão (\*) e declarou em recente entrevista que é preciso combater aqueles que querem dar um caráter "oportunistamente" às decisões do XX Congresso do PCUS — posição que coincide com a da IV Internacional (trotskista). Também esta posição favorece os imperialistas, que gostam de apresentar os marxistas como sanguinários e partidários da violência, sempre e em todos os casos. A verdade é que a virulência da luta, a guerra civil, durante a transição do capitalismo ao socialismo não depende tanto do proletariado quanto da resistência que os exploradores oponham, do emprego da violência pela própria classe exploradora. Portanto, *o responsável pela violência são as classes dominantes e nunca o proletariado*. Entretanto, os marxistas dogmáticos, tanto os dirigentes pecebistas como trotskistas, insistem em transferir essa responsabilidade das classes dominantes, que têm as mãos tintas de sangue, para as mãos limpas do proletariado em sua luta pela justiça social! Êsses ortodoxos continuam pregando

a derrubada violenta do poder, através da guerra civil, com o que oficializam as torpes acusações dos inimigos do socialismo. Quando se trata de um esforço na pesquisa do caminho brasileiro para o socialismo, como fazem os renovadores, os conservadores — marxistas tipo papel-carbono — acusam-nos de "revisionistas", "comunismo nacional" e "antiinternacionalistas".

Tudo isso demonstra que Prestes foge à essência dessas questões porque, do contrário, teria que romper com o dogmatismo e com os dogmáticos, quando prefere fazer magistras elocubrações para satisfazer os dogmáticos.

É chegado o momento de compreender que nos países em que o marxismo quiser desenvolver-se, não poderá limitar-se a ser simplesmente "produto e ação do pensamento estrangeiro". Se quiser triunfar, far-se-á necessário um esforço para conseguir explicar, dentro do Brasil, a realidade histórica concreta à luz dos princípios marxistas. O método do materialismo dialético é universal; daí que a realidade de um país tenha sua própria explicação em si mesma, na luta de suas contradições internas, na luta de classes no desenvolvimento do antagonismo, enfim em sua realidade histórica, concreta, econômica e geográfica, etc. Por isso somos marxistas brasileiros. Lênin encontrou a solução marxista para os problemas russos; cabe a nós encontrar a solução marxista para os problemas brasileiros.

Os renovadores afirmam que a hegemonia do proletariado é possível quando o proletariado adquire a consciência dessa hegemonia e a pratica; condenam assim a posição do PCB de "hegemonia por decreto". Entretanto, esta justa posição dos renovadores foi tachada de renúncia à hegemonia do proletariado. Mas eis que de repente é o próprio Prestes quem diz: "Se nós, comunistas, soubermos atuar de maneira justa, à frente das grandes massas trabalhadoras das cidades e do campo, *poderá* a classe operária transformar-se em força hegemônica no curso dos acontecimentos políticos". Quer dizer, dessa forma também Prestes "renuncia" à hegemonia!

(\*) Este artigo já estava sendo composto na tipografia, quando saiu o trabalho de Prestes sobre a Revolução de Outubro, já admitindo o caminho pacífico da revolução no Brasil. Essa brusca mudança de posição vem confirmar aquilo que afirmo no começo: os dirigentes do PCB continuam mergulhados num mar de incertezas, incompreensões, perplexidades, afirmando uma coisa hoje, desdizendo-se amanhã. — CFF.

Por êsse mesmo "poderá" de Prestes, Agildo Barata e demais renovadores são chamados de renegados e acusados de terem cedido ante a pressão ideológica burguesa e quererem entregar a hegemonia à burguesia! Esta foi uma das questões básicas a que se apegaram os conservadores, mesmo quando êstes já se haviam demitido do PCB.

A questão de hegemonia do proletariado foi devidamente tratada por Lênin, que também tinha seu "poderá":

"El proletariado, como la única clase revolucionaria hasta el fin en la sociedad contemporánea, *deve* ser el dirigente, mantener la hegemonia en la lucha de todo el pueblo por la revolución democrática completa, en la lucha de todos los trabajadores y explotados contra los opresores y explotadores. *El proletariado es revolucionario sólo cuando tiene conciencia de esta idea de la hegemonia y la realiza.* El proletariado que ya adquirió conciencia de esta tarea es un esclavo que se alzó contra la esclavitud. El proletario que no tiene conciencia de la idea de la hegemonia de su clase o que reniega a esta idea, es un esclavo que no comprende la condición de esclavo en que se encuentra; en el mejor de los casos, es un esclavo que lucha por mejorar su situación de tal, *pero* no por el derrocamiento de la esclavitud". (\*)

É necessário, portanto, que os marxistas brasileiros envidem seus esforços para que dentro dos quadros objetivos da nação, que exige a mais efetiva presença do proletariado, tudo façam visando a dotar a classe operária da consciência e da prática desta hegemonia. Êste é o papel a ser desempenhado pelos marxistas, ou seja: "a social-democracia é a fusão do movimento operário com o socialismo" (Karl Kautsky).

Os partidos do proletariado brasileiro ainda não fundiram o movimento operário espontâneo com o socialismo. Prestes sempre coloca, pretenciosamente, o PCB como "vanguarda revolucionária do proletariado". É justa essa definição? Lenin assim abordava a questão:

"Quando começou a desenvolver-se a forma superior de união de classe dos proletários, o partido revolucionário do proletariado (que não merecerá êste nome enquanto não souber ligar os líderes com a classe e as massas em um todo indissolúvel...)" (\*)

Uma autocrítica sincera, com vontade de corrigir o *baluartismo* e a auto-satisfação, deveria partir do fato de que êste partido revolucionário do proletariado não existe nas condições que preconizava Lênin. Êste partido precisa ser criado. Poderá surgir do próprio PCB, se

mudar sua orientação sectária, dogmática e mandonista, se seus atuais dirigentes se voltarem para a classe operária e para os agrupamentos de esquerda do país, despidos de sua arrogância de monopolistas da verdade e participarem em pé de igualdade com todos no sentido de criar um novo instrumento que seja de fato e não por desejo de seus chefes o *verdadeiro partido revolucionário do proletariado*. Com êste objetivo, já trabalham os renovadores.

Se o *poderá* de Prestes já representa um indicio de autocrítica, é lastimável que logo em seguida procure explicar todos os acontecimentos políticos de vulto como obra da "participação decisiva dos comunistas" (11 de novembro, movimento nacionalista, movimento sindical, etc.) e também a afirmação de que "a classe operária é hoje uma força de primeira ordem no cenário político brasileiro" (2.<sup>a</sup> edição da hegemonia por decreto). Êsse subjetivismo *baluartista* desarma o movimento operário no Brasil, desde há muitos anos. Já é chegada a hora de falarmos com modéstia, sinceridade e honestidade: a classe operária *poderá* ser uma força política de primeira ordem se conseguirmos inculcar-lhe a consciência de sua hegemonia (lutar pelo poder político) e os comunistas desempenharão o papel decisivo se conseguirem corrigir-se e construir, ao lado das demais forças que lutam pelo socialismo no Brasil, o partido revolucionário do proletariado.

A luta política tem demonstrado claramente que dois partidos têm disputado o poder desde o ascenso democrático de 1945. Um é o PSD, que se mantém no Catete há longos anos, e o outro é a UDN, que incessantemente acossa o governo através de tentativas de golpe militar. Ambos são partidos conservadores e direitistas. O PTB, também de direita, com raízes profundas no proletariado, sempre tem se acomodado com algumas fatias do bôlo do Catete. Entretanto, por mais paradoxal que pareça, o PCB — sempre "ultra-revolucionário" — e o PSB, sempre ultra-reformista, são dois partidos que se intitulam de operários e de esquerda, mas são os que menos objetivam o poder! As camadas mais oprimidas, aliás maioria esmagadora da nação (2 milhões de operários, 4 mi-

(\*) Lenin — El Reformismo en el seno de la socialdemocracia rusa, in MARX, ENGELS Y EL MARXISMO, pag. 281 — Ediciones en Lenguas Extranjeras, Moscu, 1947

(\*) — Lênin — A DOENÇA INFANTIL DO "ESQUERDISMO" NO COMUNISMO, pag. 47 — Ed. Vitória — Rio, 1946.

lhões de assalariados agrícolas e 3 milhões de comerciários), não possuem representantes no aparelho governamental e são imperceptíveis suas vozes no Parlamento!

Esta é a realidade concreta. Devemos enfrentar os problemas que a vida nos apresenta, apesar de que provoquem máguas e desatinos. A verdade é sempre concreta e fugir dela é cair no mais vazio subjetivismo. (Os sectários acham que isto é derrotismo e sonham com o "estouro" da revolução proletária no dia seguinte). As condições objetivas são inteiramente favoráveis para radicais transformações no país, em favor das classes oprimidas, mas estas estão desorientadas, sem possuir o instrumento que possibilite essas transformações. Portanto, basta de afirmações vazias, como a de que hoje a classe operária é força de primeira ordem (para contentar os sectários) e de que *podrá* ser a força hegemônica (para contentar os renovadores). A verdade é uma só: está para ser criada a força política (partido) capaz de levantar a consciência de hegemonia do proletariado e capacitá-lo para realizá-la (conquistar o poder político), através do processo objetivo no desenrolar da luta pela emancipação econômica e social do Brasil. Quem fôr revolucionário, que saia das catacumbas, arregace as mangas e se lance à construção desta magnífica obra, da qual até ontem tínhamos sido péssimos construtores.

Assim transcorre todo o informe de Prestes, marcado de dogmatismo no combate ao "revisionismo", visando sempre a perpetuar o dogmatismo. Eis mais alguns exemplos.

Os renovadores dizem: "é inegável, no momento atual o avanço mais rápido da luta anti-imperialista em nosso país, em relação ao movimento camponês que se encontra em grande atraso". Os conservadores, tendo Prestes à frente, dizem que isso é renunciar à aliança operário-camponesa. Prestes diz, porém: "É indispensável no entanto, que acabemos em nossas fileiras com a subestimação do trabalho entre os camponeses..." Em outras palavras, reconhece o atraso de que falam os renovadores; mas isso dito por êle não representa "renúncia à aliança operário-camponesa"!

Os renovadores executam uma ação visando a aproveitar as possibilidades de legalidade democrática existentes. Os conservadores, tendo Prestes à frente, retrucam furiosamente: "Isso

é prosternar-se diante da justiça burguesa!" Mas em seguida Prestes afirma: "É indispensável também que tomemos plena consciência das condições favoráveis que possibilitam o aproveitamento da legalidade democrática..." Mas isso, dito por êle, não é prosternar-se ante a justiça burguesa!

Os renovadores afirmam que o nacionalismo é um trecho da estrada que nos conduzirá ao socialismo. Os conservadores, com Prestes à frente, replicam: "Isto é nacionalismo burguês, nacional-reformismo, capitulação ante o fortalecimento da burguesia nacional..." Mas eis que em seguida Prestes afirma: "O movimento nacionalista é expressão do grau de crescimento e de unidade daquelas forças que, na arena brasileira, se opõem ao imperialismo americano". Mas isso, dito por êle, não significa capitular ante a burguesia!

Os renovadores afirmam que "as forças patrióticas devem ter em vista a conquista, ainda dentro dos quadros do atual regime, de um governo nacional e democrático que realize uma política de soberania..." etc. Os conservadores com Prestes à frente, classificam esta posição de fuga da luta de classes, de oportunista e de traição à classe operária. Mas eis que de súbito Prestes fala em "...conquistar aquelas mudanças em sua orientação que definam uma nova política de sentido nacionalista e democrático". E não fugiu, não é oportunista e não traiu!

E assim decorre sucessivamente êste mar de contradições: ora ataca o governo em bloco, como antinacional e antipopular, para em seguida reconhecer em seu seio um setor patriótico. Ora se mantém nas posições programáticas de "estancamento", ora reconhece o "desenvolvimento do capitalismo no país", e assim por diante.

Enfim, êste informe, que aparenta idéias renovadoras para salvar o dogmatismo (e os dogmáticos), ataca ao mesmo tempo aqueles que formularam essas idéias "revisionistas", acendendo uma vela ao deus-Dogma e outra ao diabo-Revisionismo, para manter a rotina, a seita e o dogmatismo. Arrogando-se qualidades de monopolistas da verdade, donos dos princípios e detentores de toda a ideologia proletária, êsses dirigentes pecebistas procuram esconder seu oportunismo de "alto nível". Com razão dizia Lênin:

"O oportunismo nem sempre significa a negação direta da teoria marxista ou de suas diversas afirmações e conclusões. O oportunismo, por vêzes, apresenta-se aferrado a cer-

tas afirmações do marxismo, já envelhecidas, transformando-as em dogmas com o objetivo de deter, por esse meio, a evolução ulterior do marxismo e, por conseguinte, também o desenvolvimento do movimento revolucionário do proletariado”.

O marxismo é uma ciência criadora. Marx e Engels sempre consideraram sua teoria como revolucionária, como um movimento no sentido da realidade. É necessário o rompimento com a estagnação ideológica e o ingresso sem temor neste estado de ebulição que atravessa o movimento operário mundial.

O antimarxismo encontra, atualmente, sua maior expressão no dogmatismo que esmaga qualquer tentativa de aplicação criadora do marxismo à realidade brasileira. O fogo central deve ser desfechado contra o dogmatismo, que é um mal enraizado no movimento socialista mundial há mais de 30 anos, mantendo-se à sombra da mais brutal violação de seus princípios, inclusive quanto ao papel do indivíduo e das massas na história, tão deturpado pelo stalinismo.

Não restam dúvidas de que no processo criador do marxismo poderão surgir algumas manifestações revisionistas, muito fáceis de acontecer quando alguém se dedica a interpretar uma nova realidade. Este defeito pode ser corrigido na própria marcha, mas a manutenção em posições rotineiras burocráticas e sectárias para intitular-se de “marxista puro”, eis o que representa a antítese do marxismo — o conservadorismo reacionário que entrava o processo revolucionário do movimento proletário no mundo e no Brasil. Com justeza afirmou Togliatti no VIII Congresso do PCI:

“Este é o momento do desenvolvimento criador do marxismo”.

Esta situação coloca os marxistas brasileiros diante de algumas tarefas essenciais para elevar o movimento socialista no Brasil à altura atingida pelas idéias socialistas em todo o mundo, que com ímpeto cada vez maior superam as caducas estruturas capitalistas:

1.º) Incrementar o livre debate e a fecunda troca de opiniões, objetivando a elaboração de teses marxistas à luz da realidade brasileira.

2.º) Isto será conseguido simultaneamente à base de sua comprovação na prática, através das lutas do proletariado, capazes de elevar sua consciência de hegemonia e realizá-la.

3.º) Para atingir êstes objetivos, é necessário criar o poderoso instrumento (partido), tendo como base de surgimento a unificação de tôdas as forças que lutam pelo socialismo, capaz de fundir o movimento operário com o socialismo, ou seja — criar o verdadeiro partido revolucionário do proletariado brasileiro.

A execução dessas tarefas, eis a que se propõem os renovadores.

Algumas dessas questões merecem ser desenvolvidas, assim como certos problemas de direção referidos no informe de Prestes merecem análise. Mas isso é assunto que exige um artigo à parte.

São Paulo, 24-7-57.

L E I A M

LÍDERES SOVIÉTICOS

d e O S V A L D O P E R A L V A

A VENDA NAS LIVRARIAS E NA SEDE DE

N O V O S T E M P O S

# Trotsquismo – Fantasma que quer materializar-se

CALVINO FILHO

## I

O “trotsquismo” foi uma corrente que existiu dentro do PC (b) da URSS, a cuja frente se encontrava Leão Trotsqui, seu inspirador, mestre e guia. Corrente minoritária, que pretendeu apoderar-se da direção do Partido e do Estado Soviético, após a morte de Lênin. Promoveu prolongada luta no seio do Partido, mas por fim, foi liquidada, teóricamente, por Stálin e, na prática, pela vida, no seu eterno desenvolvimento, indiferente às falsas concepções e teorias.

Leão Trotsqui foi grande orador, irrequieto e palavroso, mas revolucionário caracteristicamente sem firmeza, conciliador e oportunista. A meu ver é um desses famosos casos de psicopatologia, que certamente será estudado no futuro. Megalômano, não poderia sujeitar-se a um papel secundário na história e para conquistar a posição de *primus inter pares*, não titubeou em renunciar ao seu passado revolucionário, cheio de sacrifícios e de lutas, aos seus próprios ideais da mocidade, sacrificando ao mesmo tempo impiedosa e estultamente centenas de dedicados e fiéis companheiros.

Lênin dizia, se me não falha a memória, que todo homem, mesmo inteligente, poderia errar, mas que somente era inteligente realmente aquele que soubesse pronta e radicalmente corrigir o erro cometido.

Trotsqui errava repetida e obstinadamente, pois não tinha capacidade para corrigir os erros cometidos. Pelo contrário, aprofundou-se no erro, e de erro em erro, chegou ao crime de pretender que o Socialismo fôsse derrotado a pretexto de torná-lo vencedor, a quanto equívoca a derrota na construção do socialismo na URSS, se acaso fôsse desencadeada a revolução em seu seio, pregada por Trotsqui. E por que inútilmente pregava a revolução? Apenas porque Stálin, paciente e tenazmente, o esmagara do ponto de vista teórico e, defendendo o Estado proletário, liquidara a sua ambição suprema de ser o guia e mestre do proletariado mundial. Derrubar Stálin era a neurose obsessiva de Trotsqui.

Devido à onda antistalinista que sacode os partidos comunistas de todo o mundo, em face dos denunciados erros e métodos de direção ocorridos na última fase da vida de Stálin, pretendem alguns comunistas equivocados toda espécie de revisionismo e os trotsquistas interessados redimir os incríveis e grosseiros erros teóricos e políticos de Trotsqui, admitir e reviver uma corrente que já não tem mais bases de existência. Pretendem redimir Trotsqui não porque este tivesse a sua teoria fundamental, a da impossibilidade da vitória do “Socialismo em um só país”, comprovada como certa pela prática histórico-social, daí a justificação das suas ações de real traição ao Socialismo, mas porque Stálin também se tornou passível de críticas restritivas à sua atuação nos últimos anos de vida. À base de erros de Stálin querem a absolvição dos injustificáveis erros de Trotsqui. Os trotsquistas querem ressuscitar, mas terão que continuar como fantasmas, condenados definitivamente pela História.

Aos créculos trotsquistas por ingenuidade e às pessoas honestas que, por ignorância, olham até com piedosa simpatia essa corrente inexpressiva, que constitui o trotsquismo, valorizada, “et pour cause”, pela burguesia internacional, dedicamos os excertos abaixo, transcritos do livro de Trotsqui, “Revolução Traída”, para que sobre eles meditem e os confrontem com a realidade que nos cerca, à luz do marxismo-leninismo.

Não discutiremos as falsas e fundamentais idéias antileninistas de Trotsqui sobre a “revolução permanente” e a impossibilidade da construção do “Socialismo num só país”, porque já agora foram liquidadas pela prática história-social, e antes, paciente, exaustiva e brilhantemente por Stálin, em diferentes ocasiões, principalmente em páginas dos seus trabalhos “Sobre os fundamentos do Leninismo”, “A revolução de Outubro e a tática dos comunistas” e “Em torno dos problemas do leninismo”. Basta que esses trabalhos sejam estudados para

que nenhuma dúvida possa subsistir sobre os erros grosseiros e pertinazes de Trotsqui. Basta olhar para o mundo atual e em particular para a URSS, a fim de verificar o ridículo das previsões de Trotsqui. Neste artigo, pretendemos apenas ressaltar, mais uma vez, as contradições e a traição de Trotsqui ao Socialismo, sob o mendaz pretexto de defendê-lo.

Marx, durante toda a sua criadora vida, fustigou quantos procuraram extinguir o espírito revolucionário dos operários. Engels afirmava que "os oportunistas "honrados" são os mais perigosos para a classe operária". Bastante razão tinha Lênin quando escreveu: O SERVIDOR TROTSQUI É MAIS PERIGOSO QUE UM INIMIGO! — (Lênin — Obs. Escog. T. I, pág. 901 — ELE, 1948).

Depois de longos anos de luta contra Lênin e Stálin, Trotsqui se sentiu na obrigação de dar uma satisfação aos seus seguidores, aos que iludira com as suas falsas teorias, às famílias dos que foram mortos e condenados por sua culpa, e também a si próprio, porque inconformado com as derrotas que lhe infligira Stálin. Este se constituiu no obstáculo insuperável para a satisfação de sua vaidade mórbida, daí o seu ódio ao velho bolchevique.

Trotsqui, por conseqüência, escreveu, em 1937, como justificativa, o seguinte:

"O historiador da URSS terá que reconhecer que nos grandes problemas, a política da burocracia dirigente foi contraditória e composta de uma série de zig-zags. Explicar ou justificar esses zig-zags pela "mudança de circunstâncias" é algo visivelmente inconsistente. A fração *Stálin* não previu para nada os inevitáveis resultados do desenvolvimento que persegue, reagiu com reflexos administrativos, criando posteriormente aos fatos uma teoria de suas mudanças de opinião, sem preocupar-se do que proclamara na véspera. Os fatos e os documentos indiscutíveis também obrigaram o historiador a aceitar que a "posição de esquerda" analisou de maneira infinitamente mais justa as evoluções que se desenvolviam no país e que previu muito melhor o seu curso posterior.

"A primeira vista, esta afirmação parece contraditória pelo simples fato de que a fração (Stalinista-C.F.) do partido, menos capaz de prever, alcançou incessantes vitórias, enquanto o grupo (Trotsquista-C.F.) mais perspicaz foi de derrota em derrota. Esta objeção que se apresenta espontaneamente ao espírito somente é convincente para aquele que aplicando à política o pensamento racio-

nalista, não vê nela mais que um debate lógico ou uma partida de xadrez. Porém, no fundo, a luta política é a dos interesses e das forças, não a dos argumentos. As qualidades dos que dirigem não são indiferentes para o resultado dos combates, mas não são o fator único e decisivo. Além do mais, os campos adversos exigem chefes feitos à sua imagem". (Os grifos são meus. C. F.).

(L. Trotsqui — "A Revolução Traída" — pág. 79 — Editorial Claridad, 1938).

O texto transcrito acima é um espelho que reflete toda a capacidade do pensamento errado e sofista de Trotsqui. Todos sabemos que a história de qualquer povo ou época não se faz em linha reta, porque impossível. A teoria do conhecimento marxista demonstra-o. Só um metafísico poderia desejar e admitir a política de construção de um sistema novo de relações de produção realizada em linha reta e teorias a priori. Sucede, todavia, que a conclusão intelectual é uma imagem subjetiva do mundo objetivo; sendo uma das formas do raciocínio humano reflete o processo do desenvolvimento, os vínculos e relações. Se os conceitos não mudassem, ficariam petrificados; não poderiam refletir corretamente a conexão objetiva dos fenômenos da natureza e da sociedade humana.

Sem dúvida que, no fundo, a luta política é a dos interesses das forças, conscientes ou não, e não a dos argumentos. Justamente por isso, porque os interesses e forças representadas por Trotsqui não eram os do proletariado mundial, seus argumentos primários não puderam prevalecer.

Ao pretender transferir para o futuro o julgamento da sua atuação de eterno derrotado, Trotsqui pretendeu anular, mistificando, sofismando, o julgamento que já lhe fora imposto pela prática histórico-social, o critério da verdade marxista, a quanto equivale a construção do Socialismo na URSS, donde se irradiou para outros povos e outros continentes, esmagando as previsões primaristas de Trotsqui.

Por que Stálin infligiu derrota sobre derrota à fração Trotsquista?

Primeiro, porque Stálin, verdadeiramente marxista, soubera analisar a realidade nacional e internacional acertadamente.

Segundo, porque a sua característica pessoal era a firmeza das suas convicções marxistas e apaixonada defesa da vitória do Socialismo, da grande conquista do proletariado mundial, a URSS.

Enquanto Trotski se confundia mais profundamente em erros, a partir da "revolução permanente", e "impossibilidade da vitória do Socialismo em um só país", criando as falsas teorias da degeneração do Partido e da burocracia soviéticas, a do terror dominando a sociedade soviética, donde a impossibilidade do desenvolvimento da Ciência e da Técnica na URSS, etc., e pregando a insurreição dentro da URSS, ainda em 1937, que dizia Stálin, grande marxista, em 1924, sobre a revolução de outubro, princípio e fator da Revolução Mundial?

O seguinte:

"E' indubitável que os rumos de desenvolvimento da revolução mundial não são tão simples com poderiam parecer precedentemente antes do advento do imperialismo desenvolvido que assinala a "véspera da revolução socialista". E' que apareceu um novo fator: a lei do desenvolvimento irregular dos países capitalistas, lei que funciona nas condições de pleno desenvolvimento imperialista e que mostra a fatalidade das colisões armadas, o esgotamento geral da frente capitalista mundial e a possibilidade da vitória do socialismo em países separados. E' que apareceu um novo fator como o imenso país dos soviets, situado entre o Oriente e o Ocidente, entre o centro da exploração financeira mundial e a arena da opressão colonial, país cuja presença basta para revolucionar o mundo.

"São esses os fatores (e não cito senão os mais importantes), dos quais é impossível prescindir no estudo dos caminhos da revolução mundial.

"Antes, acreditava-se comumente que a revolução se desenvolveria pela "maturação" regular dos elementos do socialismo, em primeiro lugar nos países mais desenvolvidos, nos países "adiantados". Essa maneira de ver deve estar na atualidade consideravelmente modificada.

"...O mais provável é que a revolução mundial se desenvolva pela separação revolucionária de certo número de países que se desligarão do sistema dos Estados imperialistas com o apoio do proletariado desses Estados. O primeiro país que se separou, o primeiro país vitorioso, já conta com o apoio das massas operárias e camponesas dos demais países em geral. Sem esse apoio não teria podido sustentar-se. Não há dúvida que esse apoio se irá reforçando e aumentando. E' fóra de dúvida igualmente que o próprio desenvolvimento da revolução mundial, que o processo da separação do imperialismo de uma série de países será tanto mais rápido e profundo quanto mais solidamente se ache enraizado o socialismo no primeiro país vitorioso, quanto mais rapidamente se haja transformado esse país em base de desenvolvimento da revolução mundial, em fermento da decomposição imperialista.

"Se é certo que a vitória definitiva do socialismo no primeiro país libertado é im-

possível sem os esforços comuns dos proletários de vários países, também é certo que o desenvolvimento da revolução será tanto mais rápido e profundo quanto mais eficaz for o auxílio dado pelo primeiro país socialista às massas operárias e trabalhadoras de todos os demais países".

"...Eis por que os que, esquecendo o caráter internacional da revolução de outubro, proclamam que a vitória da revolução em um só país é um fenômeno puro e exclusivamente nacional, cometem um grave erro. E, por outro lado, os que, recordando o caráter internacional da revolução de outubro, se inclinam a considerar essa revolução como uma coisa passiva, unicamente destinada a receber um apoio do exterior, cometem igualmente um erro. Realmente, não só a revolução de outubro necessita do apoio da revolução nos demais países, como também a revolução nesses países tem necessidade do apoio da revolução de outubro para acelerar o desmoroçamento do imperialismo mundial".

Olhemos para o mundo e o que vemos? Um sistema de países socialistas, tal como previram Lênin e Stálin.

Colocando-se à frente do mundo capitalista no desenvolvimento da Ciência e da Técnica, como todos são obrigados a reconhecer, mesmo os inimigos mais ferrenhos, o sistema socialista tem assegurado, definitivamente, a sua vitória sobre o sistema capitalista.

O problema agora, portanto, se reduz tão só aos prazos, formas e condições em que os diferentes países atrasados se incorporarão ao vitorioso SISTEMA SOCIALISTA.

SÓ OS CÉGOS OU OS QUE NÃO QUEREM VER AINDA SOFREM DÚVIDAS E ANGÚSTIAS A RESPEITO.

Apesar disso, ainda há pessoas, entre nós, que querem reviver o "trotskismo" e suas teses. Incrível.

Trotski, cego pela sua autossuficiência mórbida, surpreende-se e confessa não poder compreender que a realidade não se ajuste às criações do seu pensamento, como metafísico que sempre foi, ou às fantasias de seu cérebro doentio.

As págs. 45 do seu livro "Revolução Traída", Trotski afirma:

"Continua sendo inexplicável, é certo, sobretudo se se aborda a história de um ponto de vista racionalista, como e porque a fração menos rica em idéias e carregada de erros, pode vencer aos demais grupos e concentrar

em suas mãos um poder ilimitado". (Refer-se à maioria que apoiava os pontos de vista teóricos de Stalin. — C. F.).

Prossegue Trotsqui:

"A análise posterior nos dará a chave deste enigma".

A análise que posteriormente faz é mentirosa, caluniosa e metafísica, sob o impulso de sua autossuficiência mórbida, em centenas de páginas de seu livro — "*Revolução Traída*" —, porisso não pôde reconhecer e confessar os seus erros, como um bolchevique. Aliás, Trotsqui foi e terminou a vida como um autêntico menchevique. O seu bolchevismo foi episódico e oportunista.

Na pág. 246, de seu livro, Trotsqui afirma:

"... Quanto mais longo seja o tempo que a URSS permaneça rodeada por um meio capitalista, mais profunda será a degeneração dos tecidos sociais. Um isolamento indefinido provocaria, *infaivelmente*, não o estabelecimento de um comunismo nacional, mas a restauração do capitalismo". (Os grifos são meus. — C. F.).

(Trotsqui — "*A Revolução Traída*", pág. 246 — Editora Claridad, 1939).

Nessa mesma página 246, entretanto, Trotsqui, melancolicamente confessa:

"E' verdade que o isolamento da URSS não teve as graves conseqüências que eram de se temer"...

Arrependido com a confissão, perde-se em considerações metafísicas e mergulha por fim na traição que se tornou a sua obsessão neurótica, pregando, promovendo, de longe, a insurreição na URSS, com o que só se beneficiaria o Imperialismo, o insaciável escravocrata das massas trabalhadoras de todo mundo. Daí a sua errada previsão:

"... Na vida interior da URSS também se anunciam tempestades inevitáveis. Em sua luta pela economia planificada, a burocracia teve que expropriar o Kulak; em sua luta pelo socialismo, a classe operária *terá que expropriar a burocracia*, sobre cuja tumba poderá gravar este epitáfio: "Aqui jaz a teoria do socialismo em um só país" (pág. 247).

À pág. 242 de seu livro, Trotsqui afirma:

"A teoria do socialismo em um só país, que Stálin não expõe e nem justifica em qualquer parte, se reduz à concepção estranha à História e mais ainda estéril, a de que as riquezas naturais permitem que a URSS construa o socialismo dentro de suas fronteiras geográficas".

E' uma falsificação o afirmado acima, pois Trotsqui, melhor que todos nós, sabia que a teoria da possibilidade do triunfo da revolução socialista em um só país fôra formulada por Lênin, em 1915, deduzindo-a da lei do desenvolvimento econômico e político desigual dos países capitalistas, à época do imperialismo.

Stalin defendeu brilhante e pertinazmente essa teoria de Lênin, fundamental na luta pelo comunismo, que estava de conformidade com a realidade, mas estupidamente (?) combatida pelos trotsquistas. A prática, no decorrer do tempo, provou ser ela verdadeira, à vista de qualquer um que saiba existir a URSS.

Os leitores que releiam o artigo de Lênin, publicado no "*Social Democrata*", n.º 44, de 23-8-1915, "A propósito do lema Estados Unidos da Europa", transcrito no T. I. das Obs. Escog., pág. 932 — ELE, 1948, para comprovarem que a teoria da possibilidade do socialismo em um só país fôra formulada por Lênin e não por Stálin.

Por se tratar de uma formulação genial de Lênin, e muito esclarecedora, passo a transcrevê-la:

"Os Estados Unidos do mundo (e não da Europa) constituem a forma estatal de unificação e liberdade das nações que nós relacionamos como socialismo, enquanto a vitória completa do comunismo não traga a desapareição definitiva de todo Estado, inclusive do Estado democrático. Como lema independente, a dos Estados Unidos do mundo duvidosamente seria justa, em primeiro lugar porque se funde com o socialismo e, em segundo lugar, porque *podéria motivar uma interpretação errônea sobre a impossibilidade da vitória do socialismo em um só país* e sobre as relações deste país com os demais.

"A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Donde se deduz que *é possível que o socialismo comece triunfando em uns quantos países capitalistas, ou inclusive num só país, isoladamente*. O proletariado triunfante deste país, depois de expropriar os capitalistas e de organizar a produção socialista dentro de suas fronteiras, se lançará contra o resto do mundo, *contra* o mundo capitalista, atraíndo para o seu lado as classes oprimidas dos demais países, levantando neles a insurreição contra os capitalistas, empregando, caso necessário inclusive a força das armas contra as classes exploradoras e seus Estados. A sociedade, na qual triunfe o proletariado, derrubando a burguesia, terá como forma política a República democrática que centralizará cada vez mais as forças do proletariado da nação ou nações de que se trate na luta contra os Estados que ainda não hajam passado para o socialismo. E' impossível suprimir as classes sem uma ditadura da classe oprimida, do proletariado. A livre união

das nações no socialismo é impossível, sem uma luta mais ou menos prolongada e tenaz das Repúblicas Socialistas contra os Estados atrasados. (Os grifos são meus. — C. F.).

Para que se possa dar o justo valor a Trotsqui, como marxista, da sua capacidade analítica e de previsão, conseqüentes, transcreveremos a seguir alguns textos seus, escritos em 1937, 3 anos antes de morrer.

"O fim científico e político que perseguimos, não é o de dar uma definição acabada de um processo inacabado, mas o de observar tôdas as fases do fenômeno, e de deduzir delas as tendências progressistas e as reacionárias, de revelar a sua interação, de prever as diversas variantes do desenvolvimento ulterior e de encontrar nessa previsão um ponto de apoio para a ação". (Os grifos são meus. — C. F.) — (Trotsqui, pág. 209).

Entretanto, sôbre o desenvolvimento da Ciência e da Técnica soviéticas, que previa Trotsqui? Leiâmo-lo:

"O regime soviético atravessa atualmente (1937 — C. F.) uma fase preparatória na qual importa, assimila, apodera-se das conquistas técnicas e culturais do Ocidente. Os coeficientes relativos da produção e do consumo testemunham que essa fase preparatória está longe de se encerrar; ainda admitindo a hipótese pouco provável de um marasmo completo do capitalismo, esta fase durará ainda todo um período histórico. Tal é a primeira conclusão de extrema importância a que chegamos e sôbre a qual insistimos no curso deste estudo". (Os grifos são meus. — C. F.).

(Trotsqui — "A Revolução Traída" — pág. 25 — Editorial Claridad, 1938).

"O papel progressista da burocracia soviética coincide com o período de assimilação. O grande trabalho de imitação, de enxerto, de transferência, de aclimações, fez-se no terreno preparado pela revolução. Até agora não se tratou de inovar no domínio das ciências, da técnica ou da arte. Podem-se construir fábricas gigantes segundo modelos importados do estrangeiro por encomenda burocrática e pagando-as, é certo, o triplice do seu preço. Porém, quanto mais longe se vá, mais se tropeçará com o problema da qualidade, que escapa à burocracia como uma sombra. Parece que a produção está marcada com o selo pardo da indiferença. Na economia nacionalizada, a qualidade supõe a democracia dos produtores e dos consumidores, a liberdade de crítica e iniciativa, coisas incom-

patíveis com o regime totalitário do medo, da mentira e da adulação.

"Ao lado do problema da qualidade se apresentam outros, mais grandiosos e mais complexos, que se podem abranger sob a rubrica da ação criadora técnica e cultural. Um filósofo antigo sustentava que a discussão era a mãe de tôdas as coisas. Onde o choque de idéias é impossível, não podem ser criados novos valores. A ditadura revolucionária, o admitimos, constitui em si mesma uma severa limitação à liberdade. Justamente por isso, as épocas revolucionárias jamais foram propícias à criação cultural para a qual preparam o terreno. A ditadura do proletariado abre ao gênio humano um horizonte tanto mais vasto quanto mais deixe de ser uma ditadura. A civilização socialista não se desenvolverá senão com a agonia do Estado. Esta lei simples e inflexível implica a condenação sem recurso possível do atual regime político da URSS". (Os grifos são meus. — C. F.).

(Trotsqui — "A Revolução Traída" — pág. 228 — Editora Claridad, 1938).

"Sem economia planificada, a URSS retrocederia dez anos (Trotsqui escreveu isto em 1937. — C. F.). Ao manter essa economia, a burocracia continua desempenhando uma função necessária. Porém, o faz de tal maneira, que prepara o naufrágio do sistema e ameaça tôdas as conquistas da revolução. Os operários são realistas. Sem manter ilusões sôbre a casta dirigente, pelo menos sôbre as camadas dessa casta, que conhecem um pouco de perto, consideram-na, pelo momento, como a guardiã de uma parte das suas próprias conquistas. Não deixarão de expulsar a guardiã desonesta, insolente e suspeita, quando seja possível passar sem ela. Para isto é necessário que estale uma revolução no Ocidente ou no Oriente".

(Trotsqui — "A Revolução Traída" — pág. 235 — Editora Claridad, 1938).

"Os "chefes" inamovíveis repetem que é necessário "aprender", "assimiliar a técnica", "cultivar-se", e outras coisas que tais. Porém, os amos, êles próprios, são ignorantes, pouco cultos, não aprendem nada seriamente, continuam sendo grosseiros e desleais. Sua pretensão à tutela total da sociedade, tratase de mandar nos gerentes de cooperativas ou nos compositores musicais, torna-se intolerável. A população não poderá alcançar uma cultura mais elevada se não sacode sua humilhante sujeição a essa casta de usurpadores".

(Trotsqui — "A Revolução Traída" — pág. 234 — Editora Claridad, 1938).

Em 1927, março, a "oposição de esquerda", ou seja, Trotsqui, espalhava ilegalmente um documento em que se lia:

"Se admitirmos que (o capitalismo) possa desfrutar de um novo período de prosperidade que dure algumas dezenas de anos, falar do socialismo em nosso país atrasado será uma triste necessidade; teremos que reconhecer que nos enganamos ao considerar a nossa época como a da putrefação do capitalismo. Neste caso, a República dos Soviéticos será a segunda experiência da ditadura do proletariado, mais longa e mais fecunda que a da Comuna de Paris, porém ao fim e ao cabo, uma simples experiência..."

"...A parte sómente poderá vencer com o todo. O proletariado europeu necessita um tempo  *muito menos*  longo para tomar o poder, que o de que nós necessitamos para superar, do ponto de vista técnico, a Europa e a América..."

No próximo número, continuaremos a transcrever os textos de Trotsqui, para que os trotsquistas possam melhor julgar seu guia e mestre. Os textos acima não foram comentados por julgarmos dispensável para qualquer leitor.



## Retificação e esclarecimento

Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1957.

Sr. Diretor de NOVOS TEMPOS,

Venho, pela presente, pedir-lhe registrar nas colunas de NOVOS TEMPOS, o seguinte:

1.º — Nas "cartas abertas", à pág. 63, 1.ª coluna, do n.º 2, após o texto "Ou então o que o Sr. Diógenes Arruda também escreveu?", foi omitido o que o Sr. Arruda disse, que foi o seguinte: "Sua genial obra teórica (de Stálin) **Problemas Econômicos do Socialismo na URSS, A EXPRESSÃO MAIS ALTA DO MARXISMO-LENINISMO**, foi a bússola que norteou todo o tra-

balho fecundo do Congresso"... (O versal é meu-C.F.).

Essa omissão deixou o meu juízo sobre o Sr. Arruda sem base objetiva. É verdade que não prejudicou totalmente o meu juízo porque todos que conhecem o Sr. Arruda têm de sobra razões pessoais para o julgarem da mesma forma porque o julguei.

2.º — Na mesma página referida, mas na 2.ª coluna, na 31.ª linha, está impresso: "...Capacidade cognoscitiva humana é limitada no"... quando consta do original o seguinte: "...capacidade cognoscitiva humana é ILIMITADA no"...

3.º — Como é óbvio, discordei inteiramente da publicação nesta Revista de certos conceitos emitidos nos artigos dos Srs. Eurico Mendes e Luís Alberto, bem como dos que se encontram na "Plataforma da Oposição na RDA" sob a responsabilidade de Wolfgang Harich, tudo publicado no n.º 2 de NOVOS TEMPOS. Logo que disponha de espaço nesta revista, mostrarei quão falsos eles são, chegando mesmo os de Harich a ultrapassar as raiais da insanidade, razão porque a sua publicação se faz sob os meus mais veementest protestos.

Grato pela publicação desta.

CALVINO FILHO

# Caminhos da Renovação Socialista no Brasil

RAIMUNDO SCHAUN e HÉLIO OLIVEIRA

A luta, por vêzes violenta, que há dois anos põe em efervescência o movimento operário e socialista, tem sua gênese na estagnação das concepções e formas de organização ante as novas condições do mundo e a realidade particular de cada país. Está evidente que, no Brasil como em tôda parte, esta contradição ainda está longe de ser superada. Em primeiro lugar porque as forças que, neste embate, agem no sentido do progresso, não estão nitidamente configuradas. Por mais estranho que pareça, sucessos positivos contribuem também para acentuar a confusão. Os grandes êxitos culturais e científicos da URSS, a derrubada de forças retrógradas no PCUS, o afrouxamento da tensão internacional, o avanço do movimento nacionalista, a perspectiva de plena legalidade constitucional no país, incontestáveis vitórias da causa socialista, possibilitam igualmente às forças de contenção ainda acasteladas no PCB confundir inúmeros homens de vanguarda.

O jovem movimento de renovação não tem conseguido intervir na vida política com a rapidez e eficiência que a situação exige, impregnado que está daquele pavor puritano (anti-revolucionário) à contaminação ideológica, à dispersão orgânica e à anulação política.

Não é fácil delinear as fronteiras que separam, no âmbito de nosso movimento, tendências dogmáticas e sectárias vestidas de novas roupagens e tendências verdadeiramente renovadoras. Em nossa opinião, duas posições principais compreendem partidários de umas e outras:

1) Os que, rompendo com o PCB e se constituindo, provisoriamente, em Corrente Renovadora do Movimento Marxista Brasileiro, desejam a formação de um novo partido político ou um movimento ao lado das demais forças de esquerda;

2) Os que (oriundos ou não do PCB) defendem a nossa participação em todo o movimento de esquerda, em particular no seio dos partidos políticos com raízes na classe operária ou de orientação socialista, mantendo a

coesão ideológica e a coordenação de esforços necessárias ao desempenho de um papel independente de impulsionadores do movimento.

A característica da primeira tendência é a posição sectária de preconceitos para com as outras forças de esquerda e contra todos os que não vieram de nossa velha família; é a incapacidade de se ligar às amplas massas e de não se descaracterizar no meio de grupos heterogêneos; é a maneira mecânica e estreita de conceber o problema da independência e da não desfiguração do movimento. Independência não é isolamento orgânico. E isolamento orgânico, particularmente nas condições que rodeiam o nosso movimento, levará, fatalmente, ao isolamento político.

Tememos muito mais a burocracia, o culto à personalidade, a fossilização dogmática, o definhamento por uma atuação voltada para nós mesmos, que a eventualidade de uma possível absorção orgânica e anulação política. Preferimos o combate em campo aberto ao torneio numa arena fortificada. Confiamos de fato no poder de atração das idéias socialistas e na superioridade da doutrina marxista. À concepção organizativa de Stalin, opomos o pensamento de Marx e Engels exposto no segundo capítulo do Manifesto Comunista:

“Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários... Não tem interesses que os separem do proletariado em geral... Não proclamam princípios sectários, segundo os quais pretendiam modelar o movimento operário”.

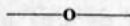
.....

“Na prática, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta, mais avançada dos partidos operários de cada país, a fração que arrasta tôdas as outras; na teoria têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário.”

Se olharmos o passado veremos quanto o esquecimento deste princípio resultou de nega-

tivo para o socialismo. Eis por que lutamos para que o mesmo volte a orientar a ação dos homens de vanguarda em nosso país.

A escolha de um ou outro caminho é uma questão carece de solução breve, embora o debate tenha sido, até aqui, insuficiente. Do desfecho desta luta depende o futuro de nosso movimento.



Ao adotarmos a segunda posição, atribuímos grande importância ao problema da coesão ideológica do movimento e de sua coordenação prática. A questão fundamental da independência é a caracterização política e ideológica do movimento. Aqui assume toda importância a definição dos nossos princípios e objetivos.

Na Convenção de fundação do Movimento Socialista Renovador de São Paulo, opondo-nos à definição imprecisa consubstanciada no projeto de estatutos apresentado, propusemos a adoção de uma Carta de Princípios que suprisse essa lacuna. Discussões posteriores levaram-nos a introduzir importantes modificações no documento primitivo, que, em sua forma atual, submetemos à apreciação do movimento.

### CARTA DE PRINCÍPIOS

1 — Lutamos pela abolição da exploração do homem pelo homem, pelo estabelecimento da sociedade socialista em que “os indivíduos, donos por fim de sua própria existência social se convertem, ao mesmo tempo, em donos da natureza, em donos de si mesmos, em homens livres”. A evolução social, impulsionada pelos choques de classe, conduzirá, inevitavelmente, a este fim. Nas condições do mundo de hoje, esta meta, de aspiração específica dos proletários, ampliou-se a outras camadas da sociedade.

Para a construção da sociedade socialista é necessário que a direção efetiva da sociedade passe às mãos do proletariado e das camadas que não auferem proveitos com o sistema de apropriação do trabalho alheio.

Embora a luta por tal objetivo implique na destruição das velhas estruturas, desde que o socialismo deixou de ser “um espectro” para se transformar num sistema mundial, sua vitória não requer, obrigatoriamente, insurreições e guerras. Nas condições atuais do Brasil, consideramos possível a luta pelo socialismo

sem a subversão da legalidade constitucional vigente.

A causa socialista não está confinada a fronteiras nacionais — os interesses fundamentais dos trabalhadores são os mesmos em toda parte. Por isso somos solidários com a luta de independência dos povos das colônias, com o movimento operário e socialista de todo o mundo, mas não aceitamos, nas relações internacionais, a idéia de nação ou partido dirigente, e afirmamos que cada povo tem o seu próprio caminho para a libertação nacional e social.

2 — Consideramos que o caminho brasileiro passa pela estrada do movimento nacionalista. A vitória da luta nacionalista trará profundas transformações que abrirão caminho para o desenvolvimento ulterior do processo social brasileiro.

Na ampla união nacionalista, as massas trabalhadoras e todas as forças de esquerda, que representam a maioria, empenham-se em conduzir esse processo num sentido socialista. A coligação destas forças é condição vital para a vitória do movimento nacionalista em geral e para encaminhá-lo para a satisfação dos interesses das massas populares.

3 — Consideramos que a situação nacional demonstra a viabilidade da instauração de um governo nacional e democrático capaz de levar a cabo as transformações urgentes que se fazem necessárias na conjuntura econômica, política e social brasileira. Lutamos pela instauração desse governo que, contando com a participação ou efetivo controle das massas populares e estimulando a organização do povo, poderá assegurar o desenvolvimento independente da economia nacional, a plena vigência das franquias constitucionais e mesmo ampliá-las, realizar uma política externa independente, adotar medidas agrárias progressistas e elevar o nível de vida do povo.

4 — O movimento nacionalista poderá determinar modificações no atual governo, ou conseguir a vitória de uma poderosa coligação eleitoral que possibilitem a instauração desse governo nacional e democrático. Visando a este fim, as esquerdas, tendo como objetivo o socialismo, deveriam buscar a unificação de todas as forças nacionalistas e democráticas sob um programa de NACIONALISMO, LIBERDADE e BEM ESTAR DO POVO.

5 — Para conduzir o processo político e social brasileiro pela estrada que leva à completa emancipação nacional e, no futuro ao so-

cialismo, é necessária a existência de um grande partido político de massas capaz de liderar, de modo conseqüente, o movimento operário e socialista. Esse partido ainda não existe no Brasil. Ele poderá surgir da transformação de um dos partidos da esquerda existentes ou da aglutinação, sob uma legenda nova, de tôdas as alas socialistas conseqüentes que se desenvolvem no seio dos atuais partidos, particularmente daqueles que têm raízes na classe operária.

Colocando a Carta de Princípios como elemento fundamental de caracterização política e ideológica do movimento, apresentamos os seguintes substitutos aos artigos 1.º e 2.º do projeto paulista:

Art. 1.º — O Movimento Socialista Renovador é uma entidade civil de caráter científico e político apartidário que tem por fim a vitória de sua *Carta de Princípios*.

Art. 2.º — Para conseguir os seus objetivos o MSR estabelecerá o livre debate, o intercâmbio de experiências e a unidade de ação entre todos os que adotem sua Carta de Princípios e participem do movimento geral de renovação que se verifica na vida política e cultural brasileira como membros de partidos políticos e outras instituições.

A caracterização imprecisa do que acusamos o referido projeto de estatutos consiste principalmente nas formulações que definem o caráter marxista do movimento. Sem enunciar de modo claro os seus princípios e objetivos, limitando-se apenas a se declarar marxista, o nosso movimento não se destacaria na confusão oriunda das deformações pseudo-marxistas. Por outro lado é muito comum, num país sem tradição marxista como o nosso, vermos socialistas honestos aderirem a princípios e objetivos resultantes da concepção marxista mas se negarem a aderir ao marxismo, particularmente tendo-se em conta que o PCB conseguiu incorporar, em parte, a idéia que se faz sobre marxismo ao seu sistema profundamente sectário. Por isso, muitos socialistas que são realmente renovadores não concordariam em participar de um movimento que se constituisse oficial e formalmente como marxista. Já é tempo de nos curarmos da "enfermidade infantil" das declarações pomposas. Importam-nos muito mais o conteúdo e a ação.

Vejamos, finalmente, a última parte do nosso trabalho. É uma contribuição para que o nosso movimento se edifique à base de concepções renovadoras e sob uma forma geral que o coloque em condições de desempenhar, legitimamente, o papel de força impulsionadora de todo o movimento operário e socialista num sentido novo.

Um bom número de elementos que fundaram o MSR paulista e mesmo elaboraram o já referido projeto de Estatuto, declararam-se contrários à formação de um movimento à parte, concorrente com as demais forças de esquerda e, principalmente, contra a formação de um novo partido político com as atuais forças do movimento de renovação. Eles chegam a advogar que os participantes do MSR possam fazer parte dos mais diversos partidos políticos. Acontece, entretanto, que as formas de organização que advogam e mesmo a caracterização que propõem para o movimento, levariam inevitavelmente, a se formar um movimento em si, e a que os seus participantes se transformassem em quistos dentro dos partidos de esquerda. Ora, isso seria inteiramente contrário à missão unitária a que nos propomos. Transformar-nosíamos em força extranha, exclusivista, no seio dos demais partidos e seríamos motivo de desconfiança e desunião no movimento, negando inteiramente o nosso papel.

Por outro lado, é preciso que se leve em conta que adotando os princípios e objetivos gerais, mesmo ainda pouco claros como estão, os participantes do nosso movimento não defendem as mesmas soluções. Desde a reunião interestadual de junho último, a discussão em torno do caminho a seguir e da forma geral de organização a adotar, realiza-se cada dia mais acêsa. As experiências vividas nos principais centros do movimento de renovação reforçam os pontos de vista destes ou daqueles. Em resumo, não devemos adotar uma forma *única* de organização e generalizá-la a todo o movimento.

Não é justo partir de nenhum tipo de organização que incorpore adrede, um determinado caminho defendido por determinada tendência, desde que ainda não temos elementos suficientes para tomar partido por este ou aquele caminho. O justo caminho existe objetivamente como exigência natural da realidade brasileira. O que não existiu ainda foi a descoberta desse caminho, a sua formulação teórica, a sua elaboração consciente, a organização das forças revolucionárias de acordo com esse caminho.

Mas o elemento consciente jamais encontrará essa estrada, por um processo idealista subjetivo de conhecimento, nem tampouco através de um praticismo estreito ou de um empirismo sem princípios.

Precisamos então organizar as forças do movimento de modo a permitir-lhes um processo científico de conhecimento na elaboração do rumo a tomar. Isso só será possível, em nossa opinião:

1.º — se abandonamos qualquer pretensão de traçar, desde já, um possível caminho;

2.º — se temos a prática do movimento operário e socialista como única fonte de sabedoria;

3.º — se possibilitarmos a todas as tendências integrantes do movimento viverem as suas experiências, o que só conseguiriam se lhes permitissem organizar-se *especificamente*;

4.º — se garantimos o intercâmbio vivo e responsável das experiências e pontos de vistas de todas as tendências integrantes do movimento; se garantimos a coesão ideológica de todas essas tendências em torno da Carta de Princípios e a coordenação geral do esforço de todas elas para a vitória de objetivos parciais comuns e dos objetivos gerais da Carta.

5.º — se garantimos a sistematização desse intercâmbio e, através disso, a elaboração do caminho brasileiro para o *Socialismo*.

Condicinando sempre à adoção da Carta de Princípios, devemos ter o mais amplo sentido de liberdade de opiniões e filiação a qualquer das tendências possíveis, mas isso não deve levar à subestimação de certos elementos básicos, do ponto de vista de uma aplicação criadora do marxismo.

Assim, em nossa opinião, nossos esforços devem atender ao seguinte:

1) Uma das condições essenciais para a condução do processo social no sentido do socialismo é a organização *Política da Classe Operária*. Para onde tende a classe operária brasileira quando se trata de organizar *politicamente em escala de massas*?

2) Quais os partidos de esquerda no Brasil (aquêles de tendência ou orientação socialista e os que têm raízes na classe operária)? Quais os que mais se aproximam das características brasileiras, da índole, da formação e das tendências naturais de nossos trabalhadores e de nosso povo?

Salvador, Bahia, novembro de 1957.

# Mario de Andrade e o Desvairismo

ELYSEU MAIA

Confessadamente, tôda a barulheira encenada pelos organizadores da Semana de Arte Moderna, recebia ostensivo apoio da aristocracia rural de S. Paulo. É o próprio Mario de Andrade, considerado espécie de Papa do modernismo, quem nos dá sobre isso o melhor depoimento na sua já célebre conferência pronunciada em 1942, no Itamarati. Os paulistas de 400 anos incitavam os anjos rebelados do movimento contra a burguesia industrial nascente. Por outro lado, o ano de 1922 foi marcado por uma série de acontecimentos da maior importância para os destinos do Brasil, entre os quais a rebelião tenentista e a fundação do partido independente do proletariado. Havia uma fermentação extraordinária de idéias, resultado de fatores econômicos e sociais que não cabem ser analisados neste trabalho, mas que indicava estar o país procurando às apalpadelas um caminho certo para o progresso, em todos os sentidos.

Documento dos mais importantes para o estudo do movimento modernista e suas conseqüências para a atual poesia brasileira são as "Poesias Completas" de Mário de Andrade, publicadas há já quase dois anos. No entanto, um silêncio quase completo tem sido observado a respeito dêsse livro. Alguns se calam, porque não valeria a pena escrever sôbre o autor falecido, sem esperança de oportuna retribuição. Mas, de parte dos intelectuais mais moços, há uma subestimação desdenhosa por aquilo que costumam chamar de "exageros modernistas", embora, em sua maioria, revelem um desconhecimento completo pela obra. Não leram e não gostaram.

A nosso ver, a herança poética que nos foi legada por Mário de Andrade é a mais rica e substancial de todo o movimento modernista. Nenhum outro dos nossos poetas modernos abriu maior número de caminhos, possuiu tanta consciência dos recursos formais e domínio mais seguro do artesanato.

Examinemos, por exemplo, o livro com o qual deu o "estouro" para uma renovação completa e revolucionária da sua poesia, isto é,

"PAULICÉA DESVAIRADA", que se encontra nas "Poesias Completas". Em um "prefácio interessantíssimo" funda o "desvairismo" e entre tiradas humorísticas fundamenta a sua nova poética, com observações lúcidas, exatas e ainda hoje válidas. Faz questão de acentuar que não é futurista (de Marinetti), mas no próprio prefácio o leitor já adverte que a posição do poeta diante do povo é inteiramente diversa da que adotava aquêle caixeiro-viajante do fascismo. Vejamos êste trecho: "A turba é confusão aparente. Quem souber afastar-se idealmente dela, verá o imponente desenvolver-se dessa alma coletiva, falando a retórica exata das reivindicações".

Não encontramos, e isto vamos tentar demonstrar, em "Paulicéia Desvairada", marco inicial da moderna poesia brasileira, a gratuidade, a anarquia formal ou o piadismo inconseqüente apregoados pelos que detratam sem conhecimento de causa. Inaugura, isto sim, no país, técnica mais adequada para expressar a nova paisagem psicológica e urbana, já então bem diversa do bucolismo e da admiração ufanista da natureza que ainda constituíam o "tom" dos poetas da época.

E' através de "Paulicéia Desvairada" por onde desfilam as ruas da Metrópolis, com seus bondes, automóveis, cinemas, pregões, que se incorporam êsses elementos do mundo moderno à poesia nacional. O poeta sentiu bem a necessidade de atualizar o universo lírico, insistindo nesses novos motivos, o que fica bem caracterizado pelos próprios títulos de poemas do livro, tais como "Paisagem" ns. 1, 2, 3, 4, ou "Rua de S. Bento", "Anhangabaú", "Tietê", etc. Eis um trecho de "Paisagem n.º 4" que documenta perfeitamente o que afirmamos: "Os caminhões rodando, as carroças rodando, / rápidas as ruas se desenrolando, / rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos ... / E o largo côro de ouro das sacas de café! ... (Note-se, de passagem, os recursos de aliteração de que lança mão para tentar reproduzir o próprio ruído que emerge do ambiente descrito). E a paisagem humana surge também nêsses poemas: as costureirinhas, os vendedores de batata

assada, as meninas que mordem os beijos pensando em fita alemã, as famílias dominicais por atacado ou, finalmente, o "heróico sucessor da raça heril dos bandeirantes" que passa galhardo, o "filho de imigrante, loiramente domando um automóvel!".

O processo de simultaneidade, de sincronização utilizado, por exemplo, em "Noturno", é de grande efeito para a fusão da paisagem registrada pelo poeta, no tempo. Assim é que enquanto descreve visualmente todo o campo de suas observações, vez por outra vem o grito do vendedor, que o leitor sente passar no momento: "— Batat'assat' o furnn!". É como se o leitor estivesse assistindo a um filme sonoro, em que os ruídos ajudam a compôr o ambiente, impregnando de realidade sonora o que já é realidade visual.

Mestre das metáforas e imagens contundentes, Mário de Andrade rompe a tradição das conjunções comparativas, vigorantes na poesia de então. A lógica formal da retórica tradicional, o corolário poético da chave de ouro e outros ingredientes explorados até a saciedade foram excluídas dos versos de "Paulicéia Desvairada". A técnica do corte brusco, do verso sincopado, da aproximação de elementos aparentemente contraditórios para uma síntese de dialética lírica, são os novos recursos que aparecem nesse livro datado de 1921. Não despreza o poeta, também, as rimas interiores, as aliterações, heranças da poética tradicional, ao lado do verso em língua estrangeira, interpolações e outros processos que andam embasbacando atualmente as recentíssimos "descobridores" de Ezra Pound e T. S. Eliot.

Não importa o que motivou ao poeta, na época da sua elaboração, a "Ode ao burguês", ou "As enfibraturas do Ipiranga". São poemas que anunciam uma tendência social na moderna poesia brasileira. (Essa tendência em Mário de Andrade, desabrochou plenamente em seu último livro, aliás publicado póstumamente,

"Lira Paulistana"). A "Ode" é uma tremenda diatribe que se inicia com os versos: "Eu insulto o burguês! O burguês-niquel, / o burguês-burguês", e onde se proclama um "Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!" às "aristocracias cautelosas! / Os barões lampeões / os condes Joões, os duques zurros!" Em "As enfibraturas do Ipiranga — (Oratório Profano)", entram várias vezes em discussão. Algumas, denominadas "Juvenildades Auriverdes", representando "as forças vivas do torrão natal" que "almejam localizar-se triunfalmente na fremente celebração do Universal", enquanto que outras advogam a permanência do "statu-quo" e ameaçam: "Para os desafinados doutrina do cipó". O poeta que intervém no oratório como "Minha loucura" profetiza: "Mas em vinte anos se abrirão as searas! / Virão os setembrós das floraças virginais! / Virão os dezembros do Sol pojando os grânulos! / Virão os fevereiros do café-cereja! / Virão os marços da maturação!" Em "O Rebanho", os deputados de chapéus altos, em quem o poeta depositou as esperanças de ver tudo salvo, se transformaram repentinamente em cabras e se põem a pastar "rente ao palácio do velho presidente".

Não somos dos que consideram a literatura apenas por seu aspecto documental, nem dos que pensam ser possível explicar uma obra de arte somente sob o ponto de vista sociológico. Mas é inegável que as grandes transformações produzidas pelo pós-guerra 1914, o começo da migração para as cidades, o processo de urbanização que é resultado da industrialização e da necessidade de um mercado de mão de obra, transformou a paisagem social e abalou os fundamentos de uma estética que já não representava o momento vivido pelo país.

Que outros aprofundem estes estudos. Desejamos, aqui, apenas mostrar alguns aspectos do que trouxe de novo para a poesia brasileira a obra de Mário de Andrade, incontestavelmente quem abriu os certos caminhos para os que vieram depois... e se consagraram.

# O Caráter Popular do Nacionalismo Brasileiro

OSVALDO PERALVA

1 — Conceituação do fenômeno em bases histórico-concretas. 2 — O integralismo, reflexo condicionado do chovinismo de grande potência (Alemanha). 3 — Os “Três Princípios do Povo”, de Sun Yat-sen, raiz ideológica do nacionalismo nos países subdesenvolvidos.

A palavra nacionalismo encerra um conceito complexo. Para bem compreendê-lo, é preciso utilizar o método dialético de análise, que exige levar em conta, no caso, os fatores histórico-concretos. Do contrário, ter-se-á uma visão unilateral e fatalmente errônea desse fenômeno sociológico.

O nacionalismo é a ideologia da burguesia. Mas essa ideologia não se expressa igualmente por toda parte e em todas as ocasiões. Seu conteúdo varia conforme se trate de uma nação opressora ou de uma nação oprimida, de uma nação burguesa ou de uma nação socialista, e assim por diante.

Até fins do século passado, no período pré-imperialista, essa questão era mais simples, porque se referia apenas a nações burguesas, já formadas, que estabeleciam entre si a concorrência econômica e chegavam até à subjugação política de umas por outras. As colônias não eram nações ainda: faltava-lhes aquele conjunto de denominadores comuns que dão fisionomia própria a essa categoria histórica.

A nação se forma, no território colonial, com o surgimento do capitalismo local, quando as metrópoles imperialistas passam a exportar para aí muito mais capitais do que mercadorias, construindo fábricas (para beneficiamento de certos produtos junto às fontes de matérias primas), ferrovias e rodovias (para o transporte de matérias primas e produtos semi-elaborados até aos portos de mar), etc., etc., e fazendo surgir assim, não só a classe dos proletários industriais, como também uma burguesia nacional. E essa burguesia, embora defen-

dendo interesses particulares de classe, chama todo o povo à luta pela independência nacional.

Assim aconteceu e acontece nos países da Ásia e da África. Na América Latina existe a particularidade de que, mesmo antes da época imperialista, na primeira metade do século XIX, os diversos países conquistaram sua independência política, desde a Colômbia (1810) até o Uruguai (1830) e a América Central (1838). Nesses movimentos emancipadores, destacou-se como força dirigente a burguesia. No Brasil, por exemplo, a força motriz principal das lutas pela independência que eclodiram desde fins do século XVIII, foi a burguesia comercial não ligada ao monopólio português e por ele prejudicada. É certo que nosso país permaneceu subdesenvolvido, economicamente dependente e com uma estrutura semicolonial.

Nesses casos, as semicolônias, embora possuindo o “status” de nação independente e estando isentas de numerosas formas de opressão de que são vítimas as colônias, empreendem de novo, em outro nível, a batalha da independência nacional, desta vez visando essencialmente à emancipação econômica. Daí que o nacionalismo assuma aqui um aspecto primordial de luta pelo desenvolvimento econômico, ao passo que na África do Norte, por exemplo, a luta nacionalista coloca em primeiro plano objetivos de independência política; em países como a Índia, Egito, Indonésia e Síria, a batalha se trava em duas frentes — pela consolidação da independência política recém-conquistada e pelo desenvolvimento e emancipação econômica.

Em tôdas essas nações mais ou menos oprimidas, participa também do movimento nacionalista, além de outras, uma força de tanta envergadura como o proletariado, em aliança política com a burguesia. Observe-se de passagem que a ausência dessa força, o proletariado moderno, nos movimentos de independência da América Latina, no século passado, explica as dêbeis conseqüências dessas revoluções nacionais, a insuficiência de seu ímpeto, suas limitações.

Mas essa participação operária hoje em dia não autoriza de modo algum a conclusão, a que têm sido levados inclusive alguns marxistas brasileiros, de que o nacionalismo seja uma ideologia comum à classe operária. Ela apóia o nacionalismo como movimento político progressista, da mesma forma que apóia a revolução democrático-burguesa, porque esta representa um passo adiante no caminho de sua libertação. Compreende-se: no Brasil, presente-mente, sem a libertação nacional, não é possível a libertação social do proletariado. Daí que êste, em certas circunstâncias, seja mais firme e mais conseqüente como combatente nacionalista, como combatente democrático-burguês, do que a própria burguesia.

A ideologia do proletariado é o internacionalismo, assim como o nacionalismo é expressão ideológica da burguesia. Por cima das fronteiras nacionais, os trabalhadores de todos os países se apertam as mãos, fortalecem sua solidariedade, já que não têm contradições básicas entre si e necessitam de unir-se para enfrentar a coligação capitalista, que se manifesta nas associações monopolistas internacionais. Assim, o proletariado brasileiro e o proletariado americano podem adotar como divisa o "tudo nos une; nada nos separa". É que um e outro são vítimas, em maior ou menor grau, da mesma exploração capitalista e em certos casos, por parte das mesmas emprêsas monopolistas americanas que atuam lá e cá. Sem dúvida, indireta e parcialmente o proletariado americano se beneficia também da exploração a que o imperialismo americano submete os trabalhadores brasileiros e os de outros países. Mas isso não é fundamental. Fundamental é a contradição entre todo o povo brasileiro, de um lado, e os imperialistas ianques, de outro.

Quanto à burguesia, convém atentar, antes do mais, em sua situação específica em cada país. A burguesia de uma nação oprimida encara a nação opressora em bloco, sem distinguir suas classes. Daí a xenofobia, o chovinismo e outras manifestações de ódio indiscriminado ao

natural do país opressor, seja burguês ou não. Por sua vez, a burguesia da nação opressora tem contradições e rivalidades comerciais (disputa do mercado interno, imposição de um comércio não equivalente, etc.) com a burguesia da nação oprimida, mas também com o proletariado desta (greves, lock-outs e outras formas de luta pelo aumento ou redução da mais-valia extraída dos trabalhadores). Daí o desprezo, o ódio e os meios de opressão empregados contra tôda a nação oprimida. Hitler, um dos mais cínicos e brutais ideólogos da burguesia imperialista, proclamava: "O pavor do chauvinismo, hoje freqüente, é uma demonstração de incapacidade. Como falta ao Estado burguês aquela força exuberante que até parece desagradável, o mesmo não mais está destinado a grandes ações" (1).

O pior é que essa hostilidade nacional, generalizada e mútua, não raro contagia os próprios operários das duas nações — opressora e oprimida. Viu-se como, anos atrás, em São Paulo, militantes comunistas queimaram em praça pública o pavilhão dos Estados Unidos, que simboliza tôda a nação norte-americana, inclusive os seus trabalhadores e não apenas a burguesia imperialista. Como já observava Marx em seu tempo, as idéias dominantes em uma determinada época são as idéias das classes dominantes. Eis por que o proletariado, cuja ideologia é o internacionalismo, muitas vezes pratica atos de puro nacionalismo burguês.

Mas no mundo atual, quando há todo um campo de nações socialistas, cuja ideologia proclama a solidariedade entre os povos, sobretudo entre os trabalhadores de todos os países, quando mesmo em nações burguesas a imprensa socialista difunde as concepções ideológicas do proletariado e quando, como no Brasil, as idéias marxistas adquirem extraordinária expansão, mesmo entre uma parte da intelectualidade burguesa, não há dúvida de que a burguesia sofre, por sua vez, a influência dos pontos de vista internacionalistas.

Aliás, essa influência é bem maior e tende a crescer. A crítica marxista aos males inerentes ao regime capitalista tem sido pesada também pelos homens mais esclarecidos da burguesia. As crises cíclicas e as guerras, com seu sinistro cortejo de milhões de desempregados, fome, destruição de massas de capitais, etc., não são uma bela perspectiva para a burguesia da

(1) Adolf Hitler — MINHA LUTA, pág. 355. Edição da Livraria do Globo, P. Alegre.

nova geração, a qual, por isso mesmo, busca descobrir um caminho diferente, que aceita até certos postulados socialistas secundários.

Tudo isso torna mais evidente ainda que esse nacionalismo burguês, típico de uma nação subdesenvolvida, nada tem a ver com o nacionalismo fascista, típico de grande potência imperialista, do qual o integralismo foi um exemplo, um reflexo, uma cópia servil em nosso país.

Para um nacionalismo dêsse tipo nunca houve condições econômico-sociais, favoráveis no Brasil. Ele surgiu, pois, como um subproduto estrangeiro, para a defesa de interesses estrangeiros, a serviço dos agentes dêsses interesses. Em verdade, o integralismo, que hoje busca voltar ao picadeiro com a mesma máscara tragicômica, sempre foi aqui simples sucursal do nazismo.

A sigla nazismo, aportuguesamento de NAZIST, foi extraída, como se sabe, do nome do partido de Hitler: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido dos Operários Nacional-Socialistas Alemães). Sim, dizia-se partido dos operários, mas, "embora o programa nazista contivesse muitas promessas de natureza socialista, êle se forrava sobretudo em termos de férvido nacionalismo" (2) E foi isso que o caracterizou.

O nazismo surgiu em condições históricas terríveis para a burguesia: estava no tapete da discussão a eficácia tanto de seu regime político como de seu regime econômico. Uma década após a grande guerra mundial, vem a crise mundial de superprodução, de 1929 a 1933. E esta, da forma como se manifestou na Alemanha, gerando a desordem econômica e financeira, atirando à miséria e à revolta milhões e milhões de desempregados — colocava ante a oligarquia financeira germânica a ameaça iminente de uma vitória proletária. Nas eleições de 1933, pouco antes da ascensão de Hitler ao poder, o Partido Comunista obteve 5.980.000 votos. E a própria Constituição de Weimar em vigor, a própria República sob a égide da social-democracia, objetivando a conquista gradual do socialismo, não era de molde a tranquilizar o futuro dos magnatas das corporações monopolistas.

Assim, como porta-voz dos monopólios e financiado por êles (Krupp, Thyssen, etc.), Hitler, declarava podre a liberal-democracia e apresentava como solução um governo forte, apoiado num partido único, isto é, a ditadura total, aberta e terrorista do capital financeiro

alemão. No domínio econômico, declarava fadido o capitalismo (leia-se: o livre empreendimento capitalista) e apresentava como solução o capitalismo monopolista de Estado (isto é, as empresas de propriedade privada operando sob rígido controle estatal, a serviço dos monopólios). Em política exterior, a reivindicação de "espaço vital". Já em 1920, no "Programa do Partido Nacional-Socialista", estabeleciam-se com tôdas as letras os seguintes pontos: "3 — Exigimos zonas territoriais (colônias), para prover a subsistência de nosso povo e para dar saída a nosso excesso de população. — 13 — Exigimos o controle estatal de tôdas as empresas trustificadas. — 23 — Exigimos a luta legal contra o sistema da mentira política deliberada e sua difusão pela imprensa. — Ficará proibido de circular todo jornal que prejudique o interesse comum. Exigimos a luta legal contra toda orientação da arte e da literatura que tenda a exercer influências perniciosas ou dissolventes na vida de nosso Povo..." (3) E tudo isso disfarçado com a roupagem de socialismo nacional, ou "nacional-socialismo", a fim de empulhar as massas.

Quase duas dezenas de anos antes, Lênin concluíra, analisando o processo imperialista, que "à livre concorrência corresponde a democracia; ao monopólio, a reação". Com efeito, a oligarquia imperialista desdênhava e se desfazia de tôdas aquelas idéias liberais inscritas na bandeira da burguesia nascente e que vicejaram, outrora, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e em tantos outros países capitalistas.

No Brasil, o integralismo surgiu e se desenvolveu à imagem e semelhança do nacionalismo hitlerista. Sem compreender a essência do que se passava na Itália, Alemanha e Japão, países que haviam atingido um grau mais ou menos elevado de desenvolvimento capitalista e cujas classes dominantes buscavam no fascismo um meio drástico para sua sobrevivência; tentando aplicar mecanicamente, a uma economia de estrutura semifeudal e semicolonial, como a nossa, superestruturas copiadas de países em que já predominava o capitalismo monopolista de Estado, o fascismo verde estava fora de tempo e lugar, só podia apoiar-se nos

(2) Louis Wasserman — MODERN POLITICAL PHILOSOPHIES AND WHAT THEY MEAN, pág. 196 — Philadelphia, USA.

(3) Otto Dietrich — !Hitler, Caudillo!, págs. 217 a 222 — Manuel Marín, Editor — Granada, Espanha.

elementos mais retrógrados da sociedade, ante os quais agitava o espantinho do "perigo comunista", e em alguns prolongamentos aqui dos países cujo regime parodiava — as representações diplomáticas da Alemanha, Itália e Japão, as minorias nacionais dessa mesma origem e os grupos da alta burguesia comercial vinculados a interesses daqueles três países.

Econômicamente, pois, a ação integralista só poderia servir de freio e não de motor do progresso nacional. Politicamente, negava tôdas aquelas liberdades que foram o apanágio dos movimentos abolicionista, republicano e tenentista, e proclamava o obscurantismo escravista e feudal, combinado com o terror fascista.

Como um eco de Hitler, Plínio Salgado repetia aqui as mesmas tiradas pretensamente "anticapitalistas". Em "O que é o Integralismo", de sua autoria, há um capítulo que começa com este título: "Guerra de Morte à Liberal-Democracia". E assim êle o desenvolve:

"Dois conceitos foram consagrados pela democracia-liberal:

1.º — o conceito do "homem-cívico";

2.º — o conceito da "soberania nacional", como a expressão das vontades dos "homens-cívicos".

O primeiro é o absurdo biológico e o segundo o absurdo sociológico.

A relação entre êsses dois conceitos denominou-se: o "voto".

Foi o terceiro absurdo oriundo dos dois primeiros." (4)

Mais adiante acrescenta:

"Condenando a liberal-democracia, que arastou o mundo à crise pavorosa em que se encontra, queremos feri-la no seu próprio coração, que é o instituto do sufrágio." (pág. 64).

"Combatemos o voto desmoralizado e a liberdade sem lastro." (p. 76).

"Foi a obra do liberalismo-democrático e é contra êle que se levanta o integralismo, com a sua concepção de Estado Totalitário." (p. 118).

"...o Integralismo moverá, desde já, guerra de morte a todos os partidos, sejam êles quais forem. A Nação é una e indivisível e os partidos dividem a Nação.

O Integralismo acabará com os partidos..." (pág. 133).

E todos êsses ataques à democracia são combinados com uma pregação nacionalista, às vezes simplesmente ridícula (o grito indígena de anauê, a camisa verde, o sigma, etc.), mas às vezes xenófoba: "sufocar o cosmopolitismo, o snobismo, as imitações de costumes estrangeiros..." (pág. 132); às vezes antifederativa: "Impor às Províncias um ritmo uniforme de política nacionalista, visando à unidade da Pátria." (p. 132).

\* \* \*

O nacionalismo aparecia, assim, como uma contrafação, simples reflexo do nacionalismo de grande potência da Alemanha hitlerista, portanto diretamente ligado a uma corrente política reacionaríssima: o fascismo, com todos os seus derivados, inclusive o anti-semitismo, de que se fez teórico entre nós o prócer integralista Gustavo Barroso.

Como pôde, no entanto, o "nacionalismo" integralista atrair tantos intelectuais e personalidades políticas que se revelaram depois patriotas ardorosos e conscientes? É que o integralismo, como um eco, agredia com a mesma violência de Hitler as grandes potências liberal-democráticas, rivais imperialistas da Alemanha — Inglaterra e Estados Unidos. E essas personalidades supunham, talvez, que isso se fazia em defesa, realmente, do Brasil.

Na aludida obra, Plínio Salgado refere-se (pág. 100) ao "jugo do capitalismo internacional, subordinando a nossa vida de povo às oscilações e caprichos de Londres e depois de Nova York". Em outra parte (pág. 67) apresentava os presidentes da República norte-americana como eleitos pela máquina de votar dos "gangsters".

Essas observações, no entanto, não procediam de uma análise que tivesse como ponto de partida a realidade brasileira. Tanto assim que, hoje em dia, o integralismo longe de hostilizar os Estados Unidos e Inglaterra, transfere para êles o centro de seu apoio e a própria esperança de sua sobrevivência como resto de uma corrente política.

Em verdade, tôda a análise realizada pelos teóricos integralistas estava marcada daquele dedutivismo que o sr. Guerreiro Ramos ainda há pouco notava, falando em geral: "Desde que se empresta aos sistemas estrangeiros o ca-

(4) Plínio Salgado — O QUE É O INTEGRALISMO, pág. 54 — Schmidt-Editor — Rio.

ráter de validade absoluta, êles passam a ser tomados como pontos de partida para a explicação dos fatos da vida brasileira" (5). Assim, "...o sociólogo brasileiro tem realmente assumido uma atitude perfeitamente equivalente à do estrangeiro que nos olha a partir de seu contexto nacional e em função dêste nos interpreta" (5-A).

É mesmo quando assim não acontecia, mesmo quando o sociólogo brasileiro baseava sua análise no contexto nacional do Brasil, assumindo em conseqüência uma posição nacionalista justa, nem sempre sabia distinguir politicamente entre êste nacionalismo de país dependente e o nacionalismo de grande potência. A confusão era geral. Recordar-se que ainda há pouco dois jornais (entre êles, "Última Hora", 28-3-57) citavam esta definição de nacionalismo, dada por Jackson de Figueiredo, militante e pensador católico:

"O Brasil se depaupera por falta de um comércio nacional de exportação, por não auferir os lucros da venda de seus produtos que poderiam alimentar a sua vida. O Brasil se depaupera por falta de um comércio brasileiro interior, que por perder, em cada momento, e em cada operação comercial, embora realizada por brasileiros, embora realizada na zona mais remota do interior do país, a maior parte de seu dinheiro, o qual, ganho por estrangeiros, é remetido para o estrangeiro."

Jackson de Figueiredo (1891-1928) não viu bastante para ver o surgimento do integralismo, mas alguns de seus discípulos abraçaram fervorosamente o nacionalismo do Sigma, certos de que assim permaneciam fiéis aos ensinamentos do mestre.

\* \* \*

O nacionalismo brasileiro, portanto, não só não se identifica com o integralismo, como o rechaça. Mas tampouco se identifica — pois tem características distintas — com o nacionalismo das minorias oprimidas dos países europeus, que coexistiam com as nações opressoras dentro do mesmo quadro estatal (os húngaros no Império Austro-Húngaro; os eslovacos na antiga Tchecoslováquia; as nacionalidades caucasianas, centro-asiáticas e outras, no império dos tzares etc.). Essas minorias sustentavam uma batalha diuturna contra as tentativas desnacionalizadoras, absorventes, assimiladoras, por parte da nação dominante (russificação

dos turkmenos, ossetinos, kirguizes, etc.; germanização dos húngaros, etc.). Lutavam pelo direito de falar, escrever, ter escolas, teatros, jornais em seu próprio idioma; reivindicavam — uns, autonomia cultural e política nos quadros do Estado; outros exigiam plena independência. Nessas condições surgiam a desconfiança e o ódio entre os membros da nação opressora e os da nação oprimida.

Êsses sentimentos são duradouros, permanecem, embora atenuados, muito tempo após a abolição da situação concreta que os gerou. É o que se verifica mesmo em países do campo socialista. Algum tempo atrás, em viagem pela Rumânia, o autor destas notas ouviu de uma senhora, comunista, membro do Comitê Central de seu partido, portanto insuspeita, o seguinte comentário: "a desconfiança e mesmo a hostilidade de parte da população húngara que habita a Rumânia é ainda sensível, apesar dos plenos direitos que goza hoje aqui essa minoria nacional". E relatou que indo ela a uma cidade cuja população é predominantemente húngara (e onde há escolas, teatros, hospitais, jornais, etc. não só em língua rumena, como em húngaro), abordou na rua um jovem para pedir-lhe uma indicação qualquer. Êste, arrogantemente, declarou em bom rumeno: "Só falo húngaro; não sei rumeno". Perguntei então a essa senhora se a recíproca não era real, se não se verificavam também manifestações semelhantes por parte de rumenos em relação às minorias. Admitiu que sim.

O Estado Soviético tem tido que arcar, por sua vez, com uma terrível herança de ódio e desconfiança nacional, legada pelo império tzarista, que era não só uma "prisão de povos", como ainda o "gendarme da Europa". Nas manifestações anti-soviéticas ocorridas na Polônia e na Hungria nêstes últimos tempos, explodiu ainda boa parte dêsse ódio nacional. Mas uma parte dessa tempestade originou-se dos ventos semeados pelo próprio governo soviético, que em mais de uma ocasião trocou o internacionalismo proletário pelo nacionalismo de grande potência. Como disseram os chineses, Stálin, "na solução de certas questões concretas, mostrou uma tendência para o chovinismo de grande potência e careceu de espírito de igualdade" (6). Já em seu testamento, Lênin che-

(5) e (5-A) — Guerreiro Ramos — INTRODUÇÃO CRÍTICA A SOCIOLOGIA BRASILEIRA, pág. 21 e 22 — Editorial ANDES Ltd. — Rio.

(6) Editorial do Jin-Min-Ji-Pao — AINDA SOBRE A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA DITADURA DO PROLETARIADO, pág. 25 — Ed. Vitória — Rio.

gou a identificar e estigmatizar essa atitude, em Stálin e Dzerjinski:

"O georgiano que despreza êste aspecto do problema (refere-se a Stálin — O. P.), que lança desdenhosamente acusações de "social-nacionalismo" (quando êle próprio é não sômente um "social-nacional" autêntico e verdadeiro, mas um brutal esbirro grão-russo), êsse georgiano subestima, em essência, os interêsses da solidariedade proletária de classe, porque nada retarda tanto o desenvolvimento e a consolidação desta solidariedade como a injustiça no terreno nacional, e para nada são mais sensíveis os "ofendidos" componentes de uma nacionalidade como para o sentimento de igualdade e o menosprêzo dessa igualdade por seus camaradas proletários, ainda que o façam por negligência, ainda que a coisa pareça uma brincadeira" (7).

Os fatos históricos posteriores vieram provar que, desgraçadamente, êsses erros se repetiram em escala ainda maior, reavivando sentimentos nacionalistas em países cuja ideologia dominante é — ou deveria ser — o internacionalismo proletário.

\* \* \*

Não podemos fechar os olhos a problemas menores, como o das minorias nacionais e raciais no Brasil, com suas reivindicações próprias, ou como o da possível conversão do nacionalismo de país subdesenvolvido em nacionalismo de grande potência, à medida em que se desenvolver e ganhar força a burguesia brasileira. Mas êsses problemas merecem um exame separado.

O que está agora na ordem do dia é um tipo de nacionalismo, que eu qualificaria de popular, porque espelha as aspirações do povo, ao contrário do nacionalismo imperialista, que espelha as aspirações da burguesia financeira. O nacionalismo popular tem suas raízes ideológicas na doutrina do revolucionário democrata chinês Sun Iat-sen (1866-1925). Foi êle o primeiro, com efeito, a generalizar e consubstan-

ciar numa plataforma as idéias nacionalistas populares, cuja síntese são os "Três Princípios do Povo": nacionalismo (luta pela independência nacional), democratismo (criação do regime republicano) e prosperidade do povo (entrega da terra aos camponeses e limitação do capital).

Só que o nacionalismo popular no Brasil, diferentemente das colônias africanas e asiáticas, inclusive da China da época de Sun Iat-sen, tem um conteúdo marcadamente econômico, aliás bem visível nas reivindicações em que se expressa (defesa do petróleo, dos minerais atômicos, liberdade de comércio internacional, desenvolvimento da indústria pesada, etc.). Não que se possa dissociar a economia da política, em tais casos; não se trata disso, mas de em que aspecto deve recair a tônica. Por isso, ao ser fundada a Federação Nacionalista Mineira, o deputado Leoberto Leal, um dos convidados, declarou à imprensa ("Última Hora", 30-4-57):

— Parte novamente de Minas Gerais mais um movimento de libertação nacional. Agora é no campo econômico, como outrora foi no plano político.

Efetivamente, a Inconfidência Mineira e outros movimentos idênticos nos séculos XVIII e XIX tinham como um dos principais objetivos livrar o Brasil da escorcha dos impostos extorquidos pela Metrôpole, mas o que se colocava em primeiro plano era uma reivindicação política, a independência nacional. O movimento nacionalista atual tem como um dos principais objetivos libertar o Brasil da tutela norte-americana, dos acôrdos lesivos e humilhantes, da subordinação da política externa brasileira ao Departamento de Estado, mas o que se coloca em primeiro plano é a emancipação econômica.

Essa reivindicação é que mobiliza e congrega o povo, desde o proletariado até a burguesia, para a grande batalha do progresso nacional.

(7) QUE E' O STALINISMO?, pág. 180 — Ed. Vitória — Rio.

# Livros do Mês

## "Caminhos e Fronteiras"

GARCIA RAMOS

O volume de Sérgio Buarque de Holanda encerra, além de material inédito, trabalhos já publicados em jornais e revistas. Apresentam-se certos aspectos significativos da implantação em terra brasileira de uma civilização adventícia. A idéia já revelada em "Monções" reaparece desenvolvida, com os temas dispostos em seqüência natural. Na primeira parte são abordadas as situações surgidas do contacto entre a gente civilizada e os antigos naturais da terra, com a subsequente adoção por aquela de certos padrões de conduta e, ainda mais, de utensílios e técnicas próprias dos últimos. Nas outras partes, trata-se das técnicas rurais, sobretudo de herança indígena.

Indicam as pesquisas que os conquistadores tiveram de se habituar com os meios materiais dos primitivos moradores da terra. Os índios tinham tido tempo e oportunidade para arrancar à natureza o máximo de recursos e os colonos adotaram estes recursos de aproveitamento do mundo animal e vegetal para a aquisição do modo de subsistência. "A necessidade de enfrentar desde a infância uma natureza cheia de caprichos, tornara o índio apto a triunfar sobre todas as contrariedades de seu meio".

Os estudos sobre os expedientes de pesca, inventados pelos selvagens, as habilidades no manejo dos instrumentos, a capacidade de cálculo e previsão na caça, a medicina e a magia, bem como a incorporação das entidades místicas ao catolicismo, tudo nos convence de que "entre nossos indígenas e sertanejos, os laços que unem o homem ao mundo ambiente são bem mais estreitos do que tudo quanto pode alcançar nossa imaginação".

Nos primeiros tempos nada se acrescentou às veredas e aos atalhos e o sistema de viação existente foi o auxiliar necessário. Prática do gentio para marcar os caminhos, processos de sinalização convencional, a própria categoria indígena, enfim toda a experiência do selvagem foi avaramente aproveitada pelos conquistadores portugueses. O perfilar pelos incolos das técnicas importadas completa o estudo e nos dá a idéia da interação de influências.

O assunto é cativante e o autor vai registrando os elementos. São subsídios valiosos para o conhecimento da colonização e de suas vicissitudes. Os trigais de São Paulo, o milho e o mungo, marcando toda uma região, o chuço e o arado, as redes e redeiras, são investigados, sugerindo o título da obra. Se o aceno ao caminho, que convida ao movimento, quer apontar exatamente para a mobilidade característica das populações do planalto paulista — explica-nos o autor — o fato é que essa própria mobilidade é condicio-

nada entre elas e irá, por sua vez, condicionar a situação implicada na idéia de fronteira.

Certa feita, estranhava Silvio Romero que o indígena, senhor de vasta região, tivesse desaparecido sem deixar vestígios no desconhecido de uma retirada fantástica. A tese merecera a contestação de Capistrano de Abreu, em defesa da influência indígena. "Caminhos e Fronteiras" vem de endossar os argumentos do historiador cearense, cujo trabalho não mereceu de Sérgio Buarque de Holanda qualquer referência. Mas não há, de nossa parte, restrição à bibliografia a que se recorreu. O material é precioso e oportuno.

Elogiável a pesquisa sobre um engenho de ferro que teria sido o segundo no Brasil, no sítio de Ibirapuera, do lado esquerdo do rio Pinheiros. A investigação, desfazendo os equívocos de J. J. Ribeiro e Calogeras, revela-nos que a usina já funcionava nos princípios do século dezessete. O levantamento feito das dificuldades de instalação, de sua história curiosa, denuncia o esorço. Admitiu-se que o malôgo da iniciativa coube à carência de braços para os trabalhos de fundição, bem como à pobreza de minérios. O endosso para tal asserto foi buscado num requerimento da época ao explicar as causas supostas da ruína: falta de mão de obra e de boa pedra.

Consideramos que neste ponto — para nós importantíssimo — a conclusão é superficial. Impossível explicar o aniquilamento das iniciativas industriais no Brasil-colônia, sem a análise da fazenda brasileira. As condições da época impunham que os domínios fossem forçados, na expressão de Oliveira Vianna, a "viver por si mesmos, de si mesmos e para si mesmos". Era a autonomia econômica que existia em cada fazenda, na mescla indistinguível das funções de produção e consumo. A descrição está em Antonil, em Burton ou naquele expressar pitoresco do bispo de Tucumã, em passagem pelo Brasil: "Na verdade, andam as coisas trocadas nesta terra, porque ela toda não é república, sendo-o cada casa". Na fazenda havia o forjador de metais, o carpinteiro, o sapateiro, aves domésticas e curral de porcos. Todos os elementos de subsistência eram fornecidos à vizinhança: a carne, o toucinho, a farinha, o açúcar, a aguardente, o fumo, os panos grosseiros, o café e os medicamentos.

Com exceção do produto principal, destinado ao mercado exterior, os bens produzidos em tais unidades autônomas, só tinham valor de uso, não atingiam o mercado. A grande propriedade absorvia atividades econômicas diversas, passando as matérias primas ali por todas as fases até o seu preparo definitivo para o consumo da população nela existente.

No complexo rural também havia a siderurgia. Eschwege registra que lavradores e ferreiros produziam ferro em quantidade suficiente para as suas necessidades. Não podia prosperar a indústria. Em estudo ainda inédito sobre as origens da indústria manufatureira no Brasil, o Sr. Gilberto Paim: "Existia também mercado para o ferro, mas os seus reclamos seriam satisfeitos pelos métodos de produção que a época comportava: a pequena siderurgia dentro do complexo rural. Não resta dúvida de que o malôgro das tentativas de estabelecimentos manufatureiros, dissociados da economia camponesa, pode ser atribuído à pressão da economia natural".

Em virtude dos mesmos argumentos, sustentamos que se exagera, no capítulo sobre o declínio da indústria caseira, a eficácia do Alvará de 1785, tendente a extinguir as indústrias. Desnecessária a providência de finalidade proibitiva, já que através de simples competição, as fábricas se arruinavam. Diríamos que um simples alvará não poderia ocasionar este arruinar, quando a fazenda, com a sua auto-suficiência, não permitia ampliação de mercado que possibilitasse o desenvolvimento das indústrias manufatureiras. Um pouco adiante o fenômeno é quase percebido

pelo autor. Discorrendo dos primitivos métodos na produção algodoeira, declara que "mesmo as medidas de caráter restritivo como foi o caso das determinações do Alvará de 1785 não encontrariam grandes possibilidades de exercer-se. No que diz respeito aliás à indústria têxtil, o resultado das providências tomadas para a execução dessa lei não parece ter confirmado a alegação, contida no próprio texto do Alvará, e apresentada para justificá-lo, de que na maior parte das capitanias do Brasil se iam estabelecendo fábricas de pano de várias qualidades".

Os estudos sobre a realidade brasileira despertam cada vez mais o interesse dos sociólogos e escritores. "Caminhos e Fronteiras" agrada pelos subsídios valiosos que apresenta e sobretudo pela maneira prudente do autor no abordá-los. Não há dúvida de que tais trabalhos poderão contribuir seriamente para o estudo da realidade nacional. O exame de nosso processo histórico importa em contribuição para o estudo das leis econômicas que atuaram no complexo rural e, conseqüentemente, na inteligência da fazenda brasileira. Da análise de todos estes problemas, sobretudo da rutura do complexo rural, poderemos partir para o reexame de nossa história e sua indispensável interpretação.

Dois trabalhos do ISEB

**"IDEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NACIONAL" — Alvaro Vieira Pinto.**

**"CONDIÇÕES SOCIAIS DO PODER NACIONAL" — Guerreiro Ramos  
Instituto Superior de Estudos Brasileiros. — Rio — 1957**

ONALDO FREIRE DINIZ

Nota-se, presentemente, no Brasil, a preocupação de estudar os problemas nacionais e solucioná-los à base de conclusões que correspondam, tanto quanto possível, às necessidades históricas dos dias em que vivemos. O processo de desenvolvimento material do país, que se vem acentuando de alguns anos a esta data, tem exigido um esforço mais concentrado dos estudiosos, no sentido de compreender suas linhas mestras, suas linhas estruturais.

Das correntes que se destacam nessa tarefa, a do Instituto Superior de Estudos Brasileiros tem desempenhado papel dos mais relevantes. A equipe que a constitui, dada sua qualificação intelectual, merece lugar de vanguarda: seus componentes apesar das dificuldades e incompreensões, estão contribuindo para que se forme a mentalidade necessária à transformação da sociedade brasileira. E' provável que as idéias, as apreciações, as análises ali feitas, ainda careçam de clareza e precisão. E' muito cedo para que se possa considerar a orientação dos ideólogos do Instituto, como a que melhor se coaduna com as condições brasileiras. Ahamos mesmo que al-

gumas de suas afirmações estão dominadas por certo intelectualismo, pôsto que seus autores se perdem, às vêzes, em generalizações no afã de conciliar princípios e conceitos antagônicos.

A verdade, já disseram alhures, é simples e está ao alcance de todos. Leônidas de Rezende afirmava que, quando alguém domina o conhecimento científico, o transmite em termos e fórmulas acessíveis a qualquer pessoa.

As dificuldades que encontramos, por exemplo, para solucionar os chamados problemas básicos da sociedade brasileira decorrem, sem qualque dúvida, da imprecisão de nossos conhecimentos. Falta-nos, como faltou de certo modo aos nossos antepassados, o amadurecimento cultural apto a nos proporcionar a visão clara do que necessitamos. Falta-nos personalidade cultural.

Cada um de nós raciocina, geralmente, sob a influência das prenoções estrangeiras; não sabemos distinguir e diferenciar os princípios gerais e universais que se aplicam a tôdas as culturas, das prenoções e técnicas particulares que são peculiares aos povos que as adotaram. Isso

acontece porque somos uma nação que ainda se sente satisfeita com seu papel complementar, seja no campo econômico, político ou cultural.

E' evidente que neste ambiente, por mais cautela que se tenha, por mais resistência que se oponha, não se escapará a êsse determinismo, a êsse imponderável.

Todavia, quando se objetiva destruí-lo, romper com essa espécie de grilhão, quando se pretende fazer obra séria e capaz de contribuir para que a nação se liberte o mais breve possível de todo um sistema ultrapassado, essa mancha passa a representar pouco, ou melhor, deixa de ser elemento essencial, como ocorre, e felizmente, com Guerreiro Ramos e Álvaro Vieira Pinto que, escrevendo sobre **As Condições Sociais do Poder, a Ideologia e o Desenvolvimento Nacionais**, abordam temas e apresentam conclusões que nos permitem meditar e que muito nos ajudam a entender a **questão nacional**.

Ambos constatam que as massas participam, e decisivamente, de nossa atual conjuntura histórica. Já não é admissível qualquer movimento de envergadura no país, do qual estejam divorciadas as classes e camadas mais populares da sociedade brasileira. Os trabalhadores da cidade e do campo, aqueles mais do que êstes, exercem, hoje, certa influência nas deliberações governamentais. Ficou para trás a época do comando único das elites. Episódios semelhantes à proclamação da República, por exemplo, só se consolidarão com o apoio imediato e concreto das massas, as quais marcham em cadência regular para a conquista do poder político, apesar da inexistência de uma organização em condições de liderá-las. O processo histórico as impele e as obrigará também a encontrar a forma mais adequada ao cumprimento de sua missão. Haja vista o que ocorreu com Getúlio em 1950 (Dutra e sua política reacionária foram derrotados), o que ocorreu no último pleito (a UDN e seu grupo, opondo-se ao curso dos acontecimentos, sofreram profunda derrota) e o que ocorre com a política do petróleo (apesar do poderio dos grupos

antinacionais, a Petrobrás permanece nacionalista).

Nestes três anos, a palavra final coube às massas (ao povo) que, embora ainda não tenham criado tôdas as condições para controlar o poder político, representaram fator essencial no sentido de impedir um retrocesso que a mentalidade colonial tentara.

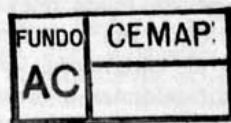
E' evidente que o sociólogo, o historiador, o filósofo ou o político brasileiro que se aperceba dessa tendência, dêsse curso, pode cometer deslises, mas tem condições de encontrar os caminhos que o levarão a equacionar objetivamente a questão nacional.

A sociedade brasileira sofre, incontestavelmente, transformações qualitativas: a liderança política e cultural transfere-se paulatinamente das mãos dos fazendeiros e da burguesia exportadora para a burguesia nacionalista e industrial que procura, de mil maneiras, aliar-se ao proletariado, convencida como está de que sua vitória depende da consistência, da homogeneidade dessa aliança.

A revolução democrática nacional entra na sua fase decisiva, e a burguesia não entreguista, cheia de esperanças, desejando consolidar-se no poder político a que foi alçada pelos acontecimentos, compreendeu que seu êxito depende da cristalização dessa tendência. Contraditariamente, seus interesses de classe coincidem, neste momento, com os das massas proletárias.

A equipe do Instituto, ao que parece, percebeu êsse fato; ao discerni-lo criou condições para influenciar sobre os acontecimentos. E o está fazendo sem dogmatismo, sem "parti-pris", com realismo e audácia.

Alvaro Vieira Pinto, em "Ideologia e Desenvolvimento Nacional", e Guerreiro Ramos, em "Condições Sociais do Poder Nacional", são duas magníficas amostras disso. Que o empreendimento a que se obrigaram atinja seu ápice, eis o que desejam todos aqueles que acreditam ser possíveis transformações substanciais na estrutura econômica do Brasil com reflexos imediatos na sua superestrutura jurídico-política.



## INTELOGÊNCIA DO FOLCLORE

Este ano de 1957 foi bastante fecundo para o Folclore nacional. Em julho realizou-se mais um Congresso Nacional de Folclore, reunindo folcloristas de todos os Estados, que dentro de um espírito sumamente científico aprovaram conclusões positivas para a conceituação do estudo do Folclore.

Fouco tempo depois do certame de Salvador, a bibliografia folclórica enriqueceu-se com o notável livro de Renato Almeida — *Inteligência do Folclore*.

Com esta obra, uma grande lacuna foi preenchida em parte, e facilitada, para os estudiosos das nossas tradições e costumes populares, a compreensão e sistematização de suas pesquisas. Ela pode ser comparada, numa escala de valores, à *Diática del Folclore*, de Moya, e tornar-se-á, no plano internacional, um trabalho clássico, como o do folclorista hispanoamericano.

Antes do livro de Renato Almeida poucos trabalhos existiam em nossa literatura encarando o Folclore como ciência autônoma e com largueza interpretativa. Havia, sim, estudos isolados, de João Ribeiro, Câmara Cascudo, Artur Ramos, Edison Carneiro e Joaquim Ribeiro. E outros como Silvío Romero, José Veríssimo, Pereira da Costa, Basílio de Magalhães, J. da Silva Campos, Diegues Junior, Rodrigues de Carvalho, Mário de Andrade, Theo Brandão, para só citarmos os mais conhecidos, apenas realizam pesquisas ou fizeram interpretações de motivos isolados.

Contudo, sem subestimar a contribuição magnífica desses desbravadores, temos que reconhecer o livro do senhor Renato Almeida um novo ângulo no estudo de Folclore.

Encara o senhor Renato Almeida as diversas escolas interpretativas com objetividade, comentando-as de modo racional, numa linguagem elegante, onde primam a simplicidade e a clareza do estilo. Assim, *Inteligência do Folclore* pode ser lido e compreendido não só pelos estudiosos do Folclore como pelos curiosos da cultura geral, prontos a enriquecerem os seus conhecimentos.

G. R. R.

## A SETA E O ALVO

Oswaldino Marques reuniu em volume editado pelo Instituto Nacional do Livro, além do trabalho "Canto e Plumagem das Palavras", distinguido com o Prêmio "Euclides da Cunha" (ensaio), no Concurso Literário de 1956, promovido pela Revista do I.P.A.S.E., sobre a obra de Guimarães Rosa, vários outros ensaios de análise estrutural de textos e crítica literária, alguns dos quais já divulgados em jornais.

Estudioso e preocupado há vários anos com os problemas da crítica literária, o autor se esforça para encontrar, de acordo com as suas próprias palavras, um "alicerce sólido para a edificação de um organon crítico incompatível com a glotalia inconsequente, e para todo o sempre eximido do arbítrio do gosto pessoal." (O grifo é nosso). Sabemos do seu horror ao subjetivismo do chamado "impressionismo crítico" e de como honestamente vem pesquisando através de um árduo trabalho, as bases para um critério realmente científico na apreciação dos textos literários.

Achamos altamente louvável essa busca e essa preocupação do autor, embora, a nosso ver, em se tratando de apreciação de arte, cuja simples definição envolve problemas até agora insólúveis, dificilmente se poderão formular as bases teóricas que possam transformar a crítica literária em uma ciência exata como a matemática. O próprio Oswaldino Marques que, na introdução do trabalho sobre Guimarães Rosa, manifesta-se arduamente contrário ao impressionismo subjetivista, quando passa à análise do texto daquele autor, várias vezes recai no mesmo "arbítrio do gosto pessoal" de que pensou poder escapar, mercê dos princípios e normas de técnica experimental que adotou. Disso, aliás, o autor se adverte, como, por exemplo, à pág. 93, quando diz: "Mas, não nos estaríamos rendendo a certas seduções interpretativas, extrapolando dos limites objetivos que havíamos preconizado antes? Não resta dúvida de que num estudo desta natureza é quase impossível não resvalar para o probabilístico, o inferencial, dada a extrema fluidez dos sinais estéticos."

É que Oswaldino Marques, apaixonado, afetivo por temperamento, embora procure conter-se nas normas e princípios que utiliza para seu trabalho, aos poucos vai-se deixando arrebatar pelo entusiasmo e a admiração que lhe desperta o texto examinado e rompe os limites em que pensara se ater inicialmente. E nesta observação não vai nenhuma censura de nossa parte, muito pelo contrário.

Na parte do trabalho a que estamos nos referindo, relativa à "Invenção de Palavras", constatamos que o autor atribui a Guimarães Rosa a cunhagem de palavras que, realmente, não foram inventadas por este. É o caso, por exemplo, de "estepário", que foi apenas tomada de empréstimo ao castelhano, e "boiun" que é a modificação do vocábulo "boiuno", já dicionarizado. Entre as afixações, encontramos "desviveu", que também não é neologismo, pois o verbo desviver consta do "Dicionário de Verbos e Regimes" exemplificado ilustremente por trechos de Rui Barbosa e Euclides da Cunha.

A parte as observações que tomamos a liberdade de fazer nesta nota, o trabalho de Oswaldino Marques merece a atenção de todos os que se interessam por assuntos de cultura no país, pois o autor é realmente um honesto estudioso dos problemas literários que agita com a publicação deste livro, pelo qual está de parabéns.

E. M.

## FILME E REALIDADE

Uma obra cinematográfica tem valôr na medida que exprime a realidade da vida, na linguagem internacional da imagem e do som — este o critério através do qual Alberto Cavalcanti faz um estudo das várias fases do cinema no mundo, — como arte e como indústria, — em seu livro "Filme e Realidade", editado pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil.

Alberto Cavalcanti, diretor e produtor cinematográfico de fama universal, tendo trabalhado em França, na Inglaterra, no Brasil e na Suécia, faz, também, uma crítica de todos os elementos que compõem a estrutura do cinema, tanto na arte como na indústria, focali-

zando o drama dos bastidores.

O livro começa com o filme silencioso e, nos seus vários capítulos, apresenta uma história geral do cinema, assim como a contribuição de países como a França, a Inglaterra, a União Soviética e os Estados Unidos, fazendo um confronto com o que no Brasil se tem feito no terreno da chamada sétima arte.

O autor, conhecedor profundo da cinematografia, no seu aspecto industrial e artístico, denuncia os crimes contra o cinema nacional, entre os quais o desvio do filme virgem importado para o mercado negro de outros países e o boicote realizado pelas empresas estrangeiras que detêm o monopólio da distribuição.

O estudo termina com um apêlo de Alberto Cavalcanti para que se incentive o desenvolvimento do cinema nacional, fazendo algumas apreciações sobre o comportamento da crítica, em face deste, o qual considera por vezes injusto e parcial. As suas esperanças estão depositadas nos moços. Nos que começam.

S. T.

#### VILA DE PRATA

O drama de um povo que luta para conquistar o seu lugar ao sol é o tema da peça teatral de Edmundo Moniz, — intitulada "Vila de Prata", — em que são revividas as aventuras de Melchior e Robério Dias, resistindo, tenazmente, a entregar o segredo das famosas minas de prata aos opressores estrangeiros.

Edmundo Moniz, jornalista e escritor, apresenta de um ângulo inteiramente novo a epopéia dos sertanistas balanos, cujo papel julga tão importante como o dos bandeirantes de São Paulo, reconstituindo uma época, em que se confundem a história e a fantasia, a realidade e a ficção.

O assunto, que tem sido objeto das mais diversas discussões, é abordado do seu ângulo social, tendo Edmundo Moniz procurado caracterizar um período da história, em que se travaram as lutas pela conquista do solo e do sub-soilo, na ação dos que, em busca de uma quimera, trabalharam pela colonização do Brasil.

São imaginárias muitas das personagens que aparecem em "Vila de Prata", bem como os diálogos. Edmundo Moniz teve como objetivo a restauração psicológica daquela época e dos grupos em conflito, representando Robério Dias o povo que, em defesa dos seus direitos, não hesitava diante da morte nem da opressão dos poderosos.

A obra de Edmundo Moniz é um grito de liberdade, representando o eterno drama da história — "de um lado, a força, a violência, a inteligência, a opressão, o abuso do poder; do outro, o direito que tem o homem, dispondo de si mesmo, de pensar e de agir livremente".

L. A.

#### O BRASIL EM 1845

De autoria do Conde de Suzannet, sob o título acima, acaba de ser lançado pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, um interessante trabalho escrito por um estrangeiro inteligente, vale dizer, por um homem de olhos abertos a todas as coisas de nosso país.

Nem sempre nos agradam suas observações, algumas delas nos chocam, mas sente-se que não existe nele a preocupação de ser hostil, mas apenas crítico. Não é um basbaque dominado pela extensão de nosso território, pela nossas maravilhas naturais, mas um homem que examina e critica desde as coisas governamentais, até os costumes e hábitos da população e a realidade geográfica, econômica, etc.

Esse nobre explica suas andanças por aqui com estas palavras: "Era jovem, independente e livre; por isso, não tardei em me aborrecer com a vida inativa e monótona que levava, e deixei a França para completar minha educação, visitando países estrangeiros."

Feito isso, e tendo escrito este livro, pode-se dizer que o Conde de Suzannet não só terá completado sua educação, como contribuído para completar a educação de milhares de brasileiros, propiciando-lhes o conhecimen-

to de uma época da história do Brasil, através de observações inteligentes, como estas que fez em seu livro: "O Brasil em 1845".

R. L.

#### "LÍDERES SOVIÉTICOS

Editorial Andes — 1957

Osvaldo Peralva acaba de publicar o volume em epigrafe, contendo biografias das principais personagens e dirigentes da Revolução de Outubro. Após algumas noções sobre a URSS, seus aspectos físicos e sua economia, dá-nos o autor uma idéia geral sobre os homens, cujas vidas estão ligadas à revolução, mesmo sobre aqueles, como Trotsky e Béria, "cuja passagem pelo movimento comunista deixou um sulco que não se pode apagar simplesmente passando a borracha".

A Lênin coube um espaço maior, explicável pela sua fecunda atividade teórica e prática e por sua figura marcante.

As cinquenta páginas dedicadas a Stálin são interessantíssimas porque o situam, pela primeira vez em nossa literatura marxista, sem o exagero de louvores que reclamava o instituto do culto à personalidade.

Trotsky e Béria mereceram alguns capítulos. O primeiro, retratado sem o tradicional rancor, expostos, porém, os erros que desnortearam o tino do revolucionário frustrado; o segundo, braço direito de Stálin, transformado, depois de uma luminosa carreira política, num dos enigmas de nossa época. Por fim, em rápidas pinceladas, passam os velhos e novos bolcheviques: Svérlov, Kalinin, Molotov, Vorochilov, Chvérnik, Jdanov, Malenkov, Bulganin, Khruschiov e Jukov.

Assentado em selecionado material bibliográfico, inclusive obras em original russo, ainda não traduzidas para os idiomas mais conhecidos, de que pôde lançar mão o autor na própria União Soviética, "Líderes Soviéticos" é um trabalho que contribuirá certamente para o estudo do socialismo e para a restauração da verdade sobre alguns líderes soviéticos.

G. R.

Enderêço para a remessa de livros:

NOVOS TEMPOS

Av. Rio Branco, 185 — Sala 509 — Rio

# Revista das Revistas

## O NOVO NA POLÍTICA DO PETRÓLEO

No número 39, de setembro, de "Tempos Novos", revista semanal soviética, Y. Vasiliev publica curto mas informativo artigo sob o título acima, o qual resumimos a seguir.

A vitória do Egito, na luta que sustentou contra as forças imperialistas na defesa de seus legítimos direitos sobre o canal de Suez e de libertação da sua economia contra o jugo dos monopólios estrangeiros, teve enorme repercussão entre os povos do Oriente Médio, despertando-lhes o entusiasmo e segurança na luta contra a exploração monopolista imperialista.

Um novo fenômeno na política desses países é a tendência para debilitarem a preponderância dos monopólios estrangeiros mediante contratos mais favoráveis com as companhias "independentes", isto é, as que não participam do cartel internacional.

Por força disso, o governo iraniano acaba de ratificar o contrato de prospecção e extração com uma nova companhia chamada SIRIP, em que participam a Cia. Nacional de Petróleo do Irã e a italiana ENI-AGIP. O contrato especifica que enquanto não se extraia petróleo, a parte italiana custeará as despesas de prospecção. Os lucros líquidos da companhia mista, quando ocorrerem, serão divididos igualmente entre o governo do Irã e a Sirip. Esta última dividirá, por sua vez, os lucros em partes iguais com a ENI-AGIP e a Cia. Nacional de Petróleos. Portanto, o Irã obterá 75% dos lucros, o que jamais

ocorreu dantes, em qualquer país.

A notícia da fundação da SIRIP enfureceu os monopolistas norte-americanos. Em primeiro lugar, intranquiliza-os a aparição de novos concorrentes no Irã. Em segundo lugar, os 75% dos lucros em favor desse país infringe o princípio imposto pelo cartel internacional de que o governo do país onde extraíam petróleo não participe senão com 50%, no máximo. Em terceiro lugar, porque é uma ameaça ao preço monopolista no mercado mundial.

Também é novo na política petrolífera do Irã a inclinação do Governo a elevar a independência das companhias nacionais na extração do petróleo.

Comentando essas medidas do governo iraniano, o periódico inglês "The Observer" expressou o temor de que todo o Oriente Médio siga o exemplo do Irã.

Como novo fenômeno, devemos assinalar igualmente a tendência dos países árabes em participar dos negócios petrolíferos. Em fins de maio e princípios de junho, o Conselho Econômico da Liga dos Países Árabes, reunido no Cairo, aprovou uma resolução concernente à necessidade de coordenar a política petrolífera dos países membros. Resolveu também convocar para fevereiro de 1958, no Cairo, a 1.ª Conferência Árabe de petróleo. Mais ainda, no Conselho Econômico da Liga dos Países Árabes, a Arábia Saudita sugeriu criar-se uma companhia interarábica para construir uma rede de oleodutos.

Em outros países do Oriente Médio surgem distintos projetos petrolíferos, mas sua materialização será impossível se previamente esses países não se libertarem do controle político e militar das potências ocidentais.

C. F.

## MULTIPLICIDADE PARTIDÁRIA

A "Revista Brasileira de Estudos Políticos", que principiou a ser editada este ano pela Universidade de Minas Gerais, dirigida pelo professor Orlando M. Carvalho, publica em seu segundo número uma série de artigos e estudos de interesse, entre os quais se destaca o do próprio O.M. Carvalho, intitulado "Os partidos políticos em Minas Gerais".

O autor, em seu estudo, aborda os aspectos seguintes: delimitação do tema; o que havia em 1945; os partidos nacionais e o bipartidarismo local; a distribuição das forças; classificação econômica dos partidos principais; os partidos do centro em Minas e no Brasil; a desarticulação das oligarquias; perspectivas do futuro próximo; reforma de base dos partidos centristas. Uma das observações de importância está no benefício da multiplicidade para o desencabrestamento do eleitorado, no instante em que se acentua em certos círculos a tendência a reduzir artificialmente o número de partidos.

Constam ainda do número referido, além de notas bibliográficas diversas, outros trabalhos, como: **Avaliação estatística da democracia na América Latina**, de Russell H. Fitzgibbon; **Planejamento econômico em uma sociedade capitalista**, de Shepard B. Clough; **A política e a Constituição na história dos Estados Unidos**, de Leda Boechat Rodrigues e **Cachoeira do Campo**, a vila das rivalidades, de Luiz Silva.

ELM

## O PENSAMENTO INDUSTRIALISTA

Já no seu 4.º número, o novo órgão da Confederação Nacional da Indústria — “Desenvolvimento e Conjuntura” — nos permite examinar uma das principais tendências do pensamento social progressista do Brasil. Infelizmente, a timidez ainda presente na tomada de posição dos industriais, ainda incapazes de formular uma política econômica coerente com os interesses do desenvolvimento econômico, dificulta a crítica às suas teses. Os compromissos e as contradições existentes entre os grupos predominantes nas entidades da burguesia industrial estão retratados nas páginas de “Desenvolvimento e Conjuntura”.

As tendências expressas no editorial de abertura da revista podem ser sintetizadas em alguns itens:

a) realizar o desenvolvimento econômico através da industrialização;

b) combater a inflação, sem sacrificar o desenvolvimento econômico;

c) admitir a “preciosa contribuição” do capital estrangeiro, mas apenas em caráter complementar;

d) o papel do Estado, sem ser negado em sua função positiva, deve ser o de “criar as condições de base do desenvolvimento”, deixando ao empreendimento particular a “realização”.

Ainda pouco elaborado, o programa contém elementos bastante positivos, contrapondo a revista às tendências negativistas, entreguistas, livrecambistas (disfarce de entreguismo), defendidas por setores ainda fortes da burguesia. Em muitas matérias, vão sendo esmiuçadas as teses centrais acima indicadas, e outras colaterais. Para situar o caráter e a função da revista dos industriais, seria preciso compará-la com suas congêneres (“Conjuntura Econômica”, “Revista Brasileira de Economia”, “Digesto Econômico”), que colecionam a produção literária dos Gudín, Roberto Campos, Bulhões, Barbosa da Silva, principais corifeus do pensamento entreguista, calca-

do na transplantação de teorias liberais nascidas (embora jamais aplicadas) em países desenvolvidos.

Entre os motivos de interesse que desperta, a Revista tem primado pela divulgação de dados econômicos, concatenados e criticados, em bases mais honestas que as comumente divulgadas pela “Conjuntura Econômica”, órgão da Fundação Getúlio Vargas. Por outro lado, nestes quatro números já se podem ler alguns estudos sérios sobre aspectos da realidade econômica brasileira, é verdade que bastante limitada a análise. Assim, a revisão de opiniões sobre os problemas do câmbio, do comércio exterior e da política de capital estrangeiro, deverá utilizar essa fonte. Isto sem falar na própria difusão das opiniões da classe como o documentário sobre a Reunião Plenária da Indústria, efetuada no Recife e divulgado no número 4.

Ainda um aspecto: a deformação da visão política dos líderes industriais, retratando seu egoísmo de classe, é a mais gritante quando o tema em discussão trata das relações capital-trabalho. O editorial do número 3 da Revista é modelar na formulação vesga do problema dos salários. Condena sumariamente a legislação social, a previdência, o salário mínimo, etc. e não esconde a intolerância. O desenvolvimento econômico seria saudável, para esses grupos, se pudesse repetir os episódios históricos da acumulação primitiva, com 16 horas de jornada e a possibilidade de substituir a mão-de-obra desgastada por uma inesgotável reserva de trabalhadores.

Nesta publicação, recheada de contradições e titubeios, encontramos, de qualquer forma, um sentido progressista e emancipacionista. Não cabe, portanto, fixar juízo severo sobre suas vacilações e contrastes. O principal atributo deste tipo novo de pensamento da indústria não é ainda a posse e a defesa coordenada de uma linha política, em torno da qual se unam os setores básicos da classe. Longe ainda desta unidade, talvez inatingível, o que nos revela a iniciativa editorial da CNI é a existência de uma nova consciência, ainda tênue e com sentido apenas reivindicativo, par-

cial e descoordenado. Suas reivindicações (protecionismo alfandegário, crédito, prioridades para o capital nacional, soluções agrárias) a colocam em choque com setores industriais ainda presos ao capital estrangeiro, e que propagam teses abertamente entreguistas, como a do anti-estatismo, do liberalismo, da política de “portas abertas”, da entrega do petróleo, etc.

Z. C.

## TEORIAS ECONOMICAS ANGLON-SAXONICAS

*Publicada com grande atraso, está em circulação o último número de Econômica Brasileira, correspondente ao período janeiro-março de 1957 (vol. III, n. 1). Aliás, os atrasos, infelizmente comuns, constituem a maior falha que se pode apontar na excelente publicação trimestral patrocinada pelo Clube de Economistas, e que sempre apresenta matérias do maior proveito para todos os que se interessam pelos problemas do desenvolvimento econômico do Brasil.*

*O último número é aberto por interessante artigo de Juan F. Noyola Vásquez, economista da CEPAL, em que o autor dá um rápido balanço da evolução das teorias econômicas anglo-saxônicas a partir da crise de 29. Pesquisando os desenvolvimentos teóricos realizados nesse período, o autor não se limita a fornecer um precioso roteiro aos estudiosos. Aprofundando sua análise, vai mais longe e revela como, em suma, a evolução verificada se traduziu em um processo de abandono das clássicas posições marginalistas e de redescobrimiento — penoso, parcial, incompleto — das grandes teses de Marx. Partindo da teoria da competição imperfeita, que tem como mais destacados representantes Joan Robinson e Chamberlin, o autor examina em rápidos traços a “revolução keynesiana” e uma série de avanços conseguidos por diversos autores: os quadros de insumo-produto de Leontief (modelo que supõe “implicitamente, uma teoria do valor do trabalho”), a moderna técnica chamada de “programação linear”, os modelos de desenvolvimento de Harrod e Domar, etc.*

Em todo o seu artigo, Vásquez vai mostrando como as teses marxistas ressurgem, ora veladamente, ora de maneira declarada, como no reconhecimento — por Harrod, Domar e Lowe — de que os esquemas de reprodução ampliada constituem o melhor instrumento para a análise do desenvolvimento capitalista. O autor termina assim seu artigo:

“Ao concluir esta rápida revisão das idéias econômicas mais importantes de nossos aias, não se pode deixar de expressar o testemunho de profunda admiração por aquele pensador genial que concebeu há quase um século os instrumentos mais preciosos que a mente humana já elaborou para compreender a realidade social. A obra de Marx ganha ainda maior significação se se tem em vista o fato de que suas categorias e seus métodos têm sido redescobertos penosamente, parte a parte, sem se integrar nunca em uma teoria sistemática como aquela que ele próprio formulou, e se se observa da mesma maneira que esse redescobrimento é obra de pessoas que, ou o ignoravam totalmente ou o consideravam uma reliquia da era pré-científica da economia (Keynes, por exemplo, pensava assim), ou trabalhavam com o afã de refutá-lo e a seus continuadores, não só no campo do pensamento mas também no da ação prática”.

A revista contém ainda muitas matérias de interesse para os estudiosos dos problemas brasileiros. Assim, Américo Barbosa de Oliveira apresenta um trabalho no qual se propõe balancear a experiência brasileira no setor de energia elétrica e onde lança algumas bases da política no setor. Merecem também leitura cuidadosa os trabalhos de Domar Campos — “Cambiais para as metas de desenvolvimento” — e de Oscar Lorenzo Fernandes — “Comentários à margem de certas opiniões do prof. Eugênio Gudín”.

Só nos resta expressar a esperança de que a direção da revista consiga regularizar a saída da publicação, enriquecendo com mais assiduidade o acervo dos estudos que buscam a correta compreensão dos problemas nacionais.

A. L. C.

## REVISTA BRASILIENSE

O número 13 da “Revista Brasiliense”, referente aos meses de setembro e outubro, está repleto de matéria interessante dos mais variados assuntos, desde um estudo sobre *A Energia Atômica no Brasil* até artigos literários como *Lima Barreto* e outros, totalizando nada menos de 224 páginas.

Dentre os artigos literários, além do já mencionado, parecem-nos dignos de menção: *Mínera Colonial*, de Antônio Cândido, pelo seu conteúdo histórico-literário, e *O Drama de Antônio Conselheiro*, de Paulo Dantas, muito embora não nos diga o autor nada de novo. Relembra, entretanto, com razão, o livro hoje quase esquecido, embora de real valor como documentário, *O Rei dos Jagunços*, de Manoel Benício, sobre o drama de Canudos.

Três artigos de fôlego enchem quase metade da Revista: *As Empresas Industriais de Economia Mista*, de P. de A. Rodrigues; *O Vigente Mecanismo Cambial*, de P. Alves Pinto e *A Indústria Automotiva do Brasil*, de Heitor Ferreira Lima. São estudos, sem dúvida, muito interessantes que, ao mesmo tempo, nos dão a característica filosófica e social da Revista, com bastante clareza. “Revista Brasiliense” representa, e como sabemos, ideologicamente, um setor de esquerda, progressista, mais ou menos marxistizante, da burguesia nacional.

Típico igualmente é o artigo de F. Pompeo Amaral, *Nossa Economia Colonial*, o qual, fazendo embora um estudo sobre as características da nossa economia, que considera colonial, ignora o feudalismo e o latifúndio. De fato, feudalismo e latifúndio são palavras *tabus* na “Revista Brasiliense”.

De qualquer modo, mesmo representando um setor progressista da burguesia nacional, ou por isso mesmo, a leitura da Revista é sempre útil e instrutiva.

L. B.

## SALÃO “PARA TODOS” DE GRAVURA E DESENHO

A 22 de outubro p. passado, instalou-se no salão de exposições do Ministério da Educação, o “Salão “Para Todos” de Gravura e Desenho”, ao qual concorreram cerca de setenta artistas.

O Júri de Seleção e Premiação compôs-se de dois membros indicados pela direção do jornal e três eleitos com o voto dos concorrentes e ficou assim constituído: Oswaldo Goeldi, Joaquim Cardoso, Iberê Camargo, Darel Valença e Fayga Ostrower.

Os prêmios, que constavam de viagem à China para os vencedores, foram atribuídos aos gravadores Otávio Araújo e Roberto de Lamônica, prêmios esses postos à disposição de “Para Todos” pela Associação de Relações Culturais com o Estrangeiro, da República Popular Chinesa. Os vencedores deverão permanecer um ano naquele país.

Prosseguindo em suas realizações de incentivo à cultura brasileira, o grande quinzenário de Jorge Amado e Moacyr Werneck de Castro deu também seu patrocínio em colaboração com o “Diário Carioca”, à exibição do novo filme de Nelson Pereira dos Santos, “Rio, Zona Norte”.

## A VERDADE NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Editada pela Agência Iugoslava de Informação, em Paris, aparece em idioma francês a revista “Questions Actuelles du Socialisme”, de periodicidade bimestral. No n.º 40 encontramos alguns artigos sobre questões de grande importância, como o de Jacob Sirotkovitch — Os Esquemas de Reprodução de Marx e a Planificação da Eco-

nomia — em que se faz uma apreciação, com espírito crítico, da prática de planificação na União Soviética, na base de um estudo do autor soviético Strumlin.

Destaca-se também nesse número o estudo de Michel Markovitch — O Problema da Verdade na Filosofia Contemporânea —, onde examina exaustivamente uma por uma das teses burguesas contemporâneas sobre o problema da verdade, além de remontar à Idade Média e mesmo à Antiguidade, referindo-se às definições de Platão e Aristóteles, passando por Tomás de Aquino, até chegar à época atual. Isso porque, como diz o autor, “há atualmente na filosofia burguesa um grande número de teorias da verdade. Quase cada corrente filosófica de certa importância possui suas concepções próprias”.

Nessa incursão pelo terreno da filosofia burguesa contemporânea, o autor chegou à **semântica**, corrente que, para muitos no Ocidente, representa a única filosofia exata. Por isso, Markovitch promete continuar no próximo número seu trabalho, desta vez para analisar criticamente a teoria da verdade, segundo a concepção **semântica**, e para fazer a exposição da teoria dialética materialista da verdade.

J. W.

## CONTRA O CRÍTICO OFICIAL

Acaba de sair o número 32 da Revista Branca, dirigida por Saldanha Coelho e Braulio Nascimento, contendo matéria variada de escritores consagrados e de jovens escritores, em português, francês, inglês, italiano e espanhol.

Braulio Nascimento, escrevendo sobre “A situação atual da crítica literária no Brasil”, tece considerações, aventa problemas e focaliza idéias que nos parecem de grande interesse e oportunidade.

Combatendo a “instituição do crítico oficial”, que caminha para ser completamente superada entre nós, ressalta o sistema de rodzio adotado em “Para

Todos” e no “Correio da Manhã” (Suplemento Literário), como medida salutar e capaz de abolir definitivamente aquela velha e ultrapassada instituição.

Para êle, conforme aliás já o dissera em outras ocasiões, “a crítica literária não é uma forma de arte. É uma disciplina de natureza científica e para a organização de sua metodologia devem concorrer tôdas as disciplinas capazes de tornar fecundo seu estudo da obra, como sejam a estatística, a física, a lingüística, a estilística, a **semântica**, etc.”

Assim definindo-a, o articulista conclui que qualquer pessoa está em condições de realizá-la: não há, no que diz respeito à crítica literária, os eleitos, os predestinados, os tabus. Tudo depende do estudo, do esforço de cada um na pesquisa dêste ou daquele aspecto da obra de arte; da cultura, do aprendizado que se faz.

Três poemas de Jorge de Lima, traduzidos para o francês, no seu tradicional tom espiritualista, um utilíssimo trabalho de Landau sobre a “Arquitetura Brasileira; “Memória de Venâncio” e “Bárbara”, de Saldanha Coelho e Murilo Rubião, respectivamente, também agradam.

Todavia, “Aparição de Fortaleza”, de Alberto da Costa e Silva, é um poema provinciano, que gira em torno de tema demasiadamente explorado.

E por aí ficamos...

O. F. D.

## LEITURA

Encontra-se em circulação o n.º 5 de “LEITURA”, contendo, como de costume, variada colaboração assinada por escritores de renome, sobre os livros publicados ultimamente no país, além de bem cuidado registro **obliográfico**.

Na seção de contos, traz êste número “O Bombardino”, de Saldanha Coelho.

Destacamos, também, uma crônica inédita de Graciliano Ramos, poemas e noticiário de interesse para o movimento cultural brasileiro.

“LEITURA” instituiu um concurso de poesia, com prêmios no valor total de Cr\$ 35.000,00, aberto a todos os poetas inéditos,

ou que tenham publicado apenas um livro. É enorme o volume de correspondência que vem chegando à redação da revista, trazendo poemas de todos os recantos do país.

## A LEI DO VALOR NO SOCIALISMO

O número 13 de “Kommunist”, revista teórica e política do CC do PCUS, pertence ao número daqueles órgãos soviéticos que, após o XX Congresso, deram alguns passos à frente no sentido de uma pesquisa mais livre das questões científicas, sendo forçados depois a recuar e ficar marcando passo, à espera de uma nova ordem de avançar.

Reflexo dêsse espírito são as teses da Seção de Propaganda e agitação do CC do PCUS e do Instituto MEL, a propósito do 40.º aniversário da Revolução de Outubro e o editorial da revista, sob o título “Por um estudo profundo e criador da teoria marxista-leninista” — que se preocupa mais com a quantidade do que com a qualidade, com a ampliação, por exemplo, da rede de escolas e seminários de estudo marxista, do que em romper os diques do dogmatismo que por tantos anos estagnou o pensamento marxista.

Apesar de tudo, encontra-se aí um artigo de real interesse como o de K. Ostrovitianov, sobre “A produção mercantil e a lei no valor no socialismo”, trabalho em que mostra as nefastas conseqüências para a economia soviética da subestimação dêsse problema e inclusive das falsas teses de Stálin: a respeito, como a que nega a ação da lei do valor na esfera da produção dos meios de produção no socialismo, etc.

Interessante igualmente é o trabalho de A. Topchtiev, sobre “A Construção do Comunismo e a Ciência”, no qual passa em revista as grandes conquistas soviéticas no domínio da ciência e da técnica, desde as máquinas de calcular eletrônicas até a automatização fabril, as quais descortinam diante de nós um quadro grandioso de progresso, num ritmo impressionante.

O. P.

# Cartas Abertas

## REUNIFICAÇÃO DOS COMUNISTAS

Ao Conselho de Redação e seu Diretor de "Novos Tempos".

Não poderia deixar de enviar o meu aplauso a esta iniciativa de tão grande vulto para a difusão do marxismo, que foi o lançamento de "Novos Tempos".

Alegra-nos saber que ainda existem pessoas capazes e idealistas, que souberam compreender tão bem a lacuna que existia entre nós, a falta de um órgão tão completo, tão bem dirigido e orientado como "Novos Tempos", que pudesse nos orientar e nos auxiliar a compreender os problemas atinentes à marcha natural e inevitável para o socialismo.

A prova do valor deste mensário é a sua aceitação simpática e calorosamente aplaudida como o foi neste seu primeiro número.

Agora, venho eu dar-lhes uma minha opinião pessoal; considero de real valor que existisse em "Novos Tempos" uma seção intitulada "Resposta aos leitores".

Seria esta seção incumbida de responder as perguntas daquêles que tivessem suas dúvidas e encontrassem aí a solução.

Quanto valor, quão útil seria para aquêles que não têm a quem recorrer.

Como cabe aos dirigentes o papel de orientar, de ensinar aquêles que desejam "aumentar o acervo ideológico", como diz a revista em sua apresentação, nada masi útil e necessário, penso eu, que a existência desta seção.

Faria eu então a primeira pergunta: Há esperanças e em que condições para reunificação da ala de Agildo Barata com a ala Prestes?

Esperando ter sido compreendido, com minhas sugestões, Weuler da Cunha Alvim.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1957.

## ASSINATURA

Ao Diretor de NOVOS TEMPOS

Fazenda... (a carta está escrita à mão e o nome da fa-

zenda está ilegível), 16 de outubro de 1957.

Prezado senhor.  
Saudações.

Escrevo esta a fim de avisar que achei muito interessante esta revista. Mas não posso assinar agora devido a minha saúde. Preciso operar. Desculpe. Sinto muito, mas que devo fazer. Quando recuperar minha saúde, se Deus quiser, (... palavras ilegíveis...) situação, assinarei com muito prazer. Desculpe não ter assinado no momento. Atenciosamente,

(a) Leodoro Silva

## A PLATAFORMA DE HARICH

Sr. Diretor de NOVOS TEMPOS.

Tenho a satisfação de acusar o recebimento do n.º 2 desta conceituada Revista.

Já por ocasião da saída do 1.º número, tive a oportunidade de expressar-lhe, pessoalmente, a minha opinião sobre o conteúdo de NOVOS TEMPOS. Verifico, com prazer, que as minhas críticas eram justas, pois alguns dos defeitos assinalados foram corrigidos neste último número. Saúdo com grande entusiasmo a publicação do jornalista Isaac Akcelrud. São matérias deste tipo que irão ajudando ao nosso povo a compreender a nossa própria realidade. Por sua vez, Leôncio Basbaum vai desmontando a importância dos contrabandistas da direção do PCB. Neste número, a maioria dos artigos publicados é excelente.

Entretanto, Sr. Diretor, surpreende-me a inclusão de artigos de puro subjetivismo, como o que escreve Eurico Mendes. Que nos interessa saber, por exemplo, que "A União Soviética caiu sob o domínio absoluto da burocracia, que a administração política e economicamente, imprimindo-lhe as suas feições próprias?" Estas e outras questões tratadas no referido artigo interessam especificamente aos russos. Eles que estudem a sua realidade, verifiquem seus erros e tratem de corrigi-los. A nós, brasileiros, interessa particularmente a realidade brasileira. Por que Eurico Mendes não vai

estudar algo sobre o Brasil? Por que não utiliza a teoria marxista para interpretar algum dos aspectos da realidade brasileira?

Além disso, verifico com profundo descontentamento que a revista vai adquirindo alguns aspectos anti-soviéticos. Na plataforma de Wolfgang Harich, afirma-se taxativamente a "degenerescência do Partido Bolchevique e do Estado Soviético" e a "degenerescência do sistema soviético". Será isto verdade? São cientificamente corretas tais afirmações? No mesmo artigo, Harich chega à conclusão de que não são mais necessários os Partidos Comunistas, pois, a implantação do socialismo será feita, na Alemanha, pelo Partido Social Democrata, na Inglaterra, pelo Labour Party, na Itália, pelo Partido Socialista, e assim, sucessivamente. Conhecemos perfeitamente a tradição de traidores da classe operária destes mesmos partidos. Que aconteceria, por exemplo, se Prestes afirmasse que, no Brasil, o socialismo será implantado pelo Partido Trabalhista? Seria correta tal afirmação? Não estaria nela contida uma soma fabulosa de erros? Quais as conseqüências disso para o nosso povo?

Medite, sr. Diretor, sobre as minhas interrogações e verifique, com absoluta isenção de ânimo, se é justo que NOVOS TEMPOS assumam, em nosso meio, uma posição anti-soviética.

Cordiais saudações.

ANTONIO CONSELHEIRO

## RESPOSTA AO LEITOR

A A.C.:

(1) O leitor que assina como Antônio Conselheiro considera "puro subjetivismo" o artigo de Eurico Mendes — "O Comunismo Nacional nas Democracias Populares" — e se surpreende que publiquemos artigos dessa natureza.

A razão é a seguinte: nem todos pensamos da mesma forma. E a qualificação mesma de subjetivismo é, em alguns casos, inteiramente subjetiva. Por

exemplo, ao contrário de A.C., entendo que esse artigo é a tentativa mais bem sucedida de explicação do fenômeno que se convencionou chamar de "comunismo nacional" nas democracias populares, apesar de incompleta, unilateral. Tampouco concordo em que as questões por ele tratadas não nos interessem. Acho que as questões do movimento socialista internacional nos dizem respeito muito de perto, embora esteja eu de acôrdo com A.C. em que "a nós, brasileiros, interessa particularmente a realidade brasileira". Mas uma coisa não se opõe à outra.

Considero profunda injustiça a afirmação de A.C. de que esta revista vai "adquirindo alguns aspectos anti-soviéticos", uma "posição anti-soviética". Isso porque publica trabalhos como a Plataforma de Harich, que o leitor A.C. quer incluir entre os "traidores da classe operária".

Sem pretender ofender e sã apenas buscar uma explicação, parece-me que essa apreciação sobre nossa revista e sobre aquele documento, traz ainda o selo do stalinismo, que via em cada divergente um "agente do imperialismo desde antes de 1917", que tachava de traição toda atitude independente, não dogmática, que lançou enfim as bases de uma "concepção policial da História", na frase feliz de um publicista brasileiro.

Aqui devemos esclarecer alguns pontos. 1.º) Conforme salienta NOVOS TEMPOS em aviso que sai, desde o primeiro número, logo abaixo do expediente, "a transcrição de documentos não implica no endosso, por parte da revista, dos conceitos neles emitidos". 2.º) NOVOS TEMPOS é dirigida não individualmente por seu diretor, mas por todo o seu Conselho de Redação, o qual aprovou, por maioria de votos, a publicação de plataforma de Harich. E é preciso fazer um conceito muito

pouco lisongeiro de nosso Conselho para achar que sua maioria é composta de cúmplices de "traidores da classe operária".

Dai se deduz que nenhum de nós de NOVOS TEMPOS deve solidariedade total à plataforma de Harich. Pessoalmente, considero alguns de seus pontos de vista muito inconsistentes, mas com outros estou plenamente de acôrdo. E mais que tudo, respeito seu pensamento e admiro sua coragem política e revolucionária, que vem rareando tanto nos países dominados pelo aparelho burocrático stalinista. Combinando o terror físico com o terror ideológico, o stalinismo se converteu numa máquina monstruosa de despersonalização e degradação humana, de negação do humanismo socialista, de envilecimento do homem pelo homem. Essa máquina é anti-socialista, está influenciada pelo que há de pior nos métodos e nas concepções da burguesia imperialista. Enfrentando essa máquina, que está sendo, mas ainda não foi totalmente desmontada, Harich não só arriscou sua posição (foi demitido do seu lugar de professor de filosofia da Universidade de Berlim e do cargo de diretor da Revista de Filosofia do Partido), como a própria liberdade física (pois foi condenado a 10 anos de trabalhos forçados).

Traidor, Harich, por que critica acerbamente pontos da política soviética em vários domínios? Por que ataca sua máquina burocrática? Então, seriam traidores os atuais dirigentes soviéticos porque, como Khruschiov em seu Relatório Especial, embora não destinado à publicação, apontaram erros e crimes pavorosos do stalinismo? Seria traidor da União Soviética o próprio governo atual da URSS que, num documento conjunto soviético-polonês dado a público, revelou a existência (que agora se tratou de corrigir) de um acôrdo comercial para fornecimento de carvão polonês

à URSS em termos não equivalentes?

Em suma, é difícil de acreditar-se que seja prova de amizade à URSS a conduta do aplauso incondicional ou sequer do silêncio ante seus erros. Dezenas de anos de experiência histórica provam que não.

A W.:

(2) O leitor Weuler sugere que se crie a seção de Resposta aos Leitores. Está criada. Pergunta se há esperanças e em que condições para a reunificação da ala de Agildo Barata com a ala de Prestes. Pode-se esclarecer que não se trata mais de duas alas — o movimento renovador, que tem em Agildo Barata sua figura mais expressiva, e o PCB, sob a chefia de Prestes, são duas organizações à parte e não duas alas da mesma organização. Quanto à sua reunificação, eis uma resposta difícil. Não creio que existam condições para isso. A história tem demonstrado, contra o dogma stalinista, que podem existir num mesmo país e numa mesma época vários partidos socialistas, que os PCs não têm o monopólio político da classe operária. Que essa situação não constitui uma tragédia para o socialismo, embora a classe operária tenha condições de unificar-se totalmente, em plano político-partidário. Não creio mesmo que essa unificação tenha de ser feita com a soma mecânica do que o leitor chama as alas Agildo e Prestes. As idéias socialistas se expandem no Brasil, atingem setores cada dia mais amplos, e seria especioso pensar que elas podem acomodar-se nos estreitos limites de uma organização sectária, como num leito de Procusto. Em todo caso, se algum dos nomes citados — Agildo ou Prestes, ou outra pessoa, quiser debater o assunto através de NOVOS TEMPOS, poderá atender melhor a questão colocada.

O DIRETOR

# Documentos Brasileiros

## ANTEPROJETO DE TESES (\*)

### I — Questões ideológicas

1. Somos uma organização marxista, destinada à ação política e ideológica, visando a impulsionar as transformações que se colocam na ordem do dia em nosso país e encaminhá-las no sentido do socialismo, por uma via brasileira.

2. Não constituímos fração, dissidência ou ala de qualquer partido.

3. Vemos no marxismo — no método materialista-dialético — um instrumento científico de análise da realidade, um guia para a ação, e não um sistema acabado, imune à necessidade de contínua reavaliação crítica de suas teses, por mais categorizados que sejam seus autores e por mais justas que se tenham mostrado em determinadas circunstâncias históricas.

4. O movimento socialista brasileiro é parte integrante do movimento socialista mundial. Devemos manter relações fraternais com tôdas as organizações socialistas e democráticas, nacionais ou estrangeiras, que se disponham a aceitá-las na base da igualdade de direitos, cooperação e não interferência nos negócios internos. Ficará sempre ressalvado o direito de crítica de nossa entidade, como tal, e de seus membros, individualmente. Somos solidários com as lutas pelo socialismo, a liberdade e a democracia, em qualquer parte do mundo.

5. Como marxistas, não constituímos uma facção à parte no movimento operário e socialista, nem pretendemos o monopólio da idéia socialista. Trabalhamos por unir politicamente as forças progressistas, sobretudo as correntes de esquerda que tendem para o socialismo.

### II — Problemas organizativos

1. Em nossa organização podem coexistir correntes e tendências, às quais é lícito defenderem organizadamente seus pontos-de-vista.

2. Os membros da organização são iguais em direitos e deveres e se organizam democraticamente, na base do voto secreto, proporcional e, sempre que possível, direto.

3. A Corrente mantém uma disciplina democrática. A minoria se subordina à maioria mas tem o direito de defender seus pontos-de-vista, interna e publicamente. Os organismos-

base subordinam-se às organizações superiores, mas mantém plena autonomia em sua esfera específica de ação.

4. Só serão consideradas fechadas as questões como tal definidas segundo as normas estatutárias. Certas questões, de que tratarão as normas orgânicas, só poderão ser fechadas simultaneamente pelos organismos-base e o organismo-superior.

5. São membros da Corrente todos os que se disponham a lutar pelo socialismo e participem de uma de suas organizações.

6. Todo membro da Corrente tem o direito de participar ativamente da elaboração política e da solução dos problemas orgânicos.

7. Todos os cargos são eletivos. Os mandatos podem ser cassados a qualquer momento pelos eleitores, na forma que se convier nas normas orgânicas.

8. A organização do Distrito Federal manterá laços federativos com as congêneres dos Estados, visando a uma crescente unificação ideológica, política e orgânica.

### III — Questões nacionais

São as seguintes nossas concepções básicas sobre a situação nacional:

1. O Brasil ingressou em uma fase de desenvolvimento econômico. Suas forças produtivas estão em crescente expansão. Está sendo criada, em ritmos significativos, uma base industrial, acompanhada de um processo de incremento da acumulação de capitais e de ampliação considerável do mercado interno.

2. Este desenvolvimento está sendo entravado por uma série de fatores negativos decorrentes da conservação, em larga escala, dos restos de velhas estruturas. O regime latifundiário e pré-capitalista de exploração da

(\*) O presente trabalho foi elaborado por uma comissão de dois membros, destinando-se, tão somente, a fornecer elementos para uma discussão, no âmbito do Distrito Federal. Sua divulgação não implica, de nenhum modo, em aprovação de qualquer organismo nem mesmo em compromisso definitivo dos próprios autores com as teses expostas, que nem sempre puderam receber completo exame. — *Comissão Carioca da Corrente Renovadora do Movimento Marxista Brasileiro.*

terra e a sucção da economia nacional pelos monopólios imperialistas, particularmente norte-americanos, que operam em setores básicos da economia e manipulam nossos preços de exportação, são os dois principais obstáculos a destacar, e vencer.

3. O próprio desenvolvimento econômico, as condições do mundo contemporâneo, e as necessidades de enfrentar os problemas que retardam o ritmo do progresso, deram surgimento a uma nova e poderosa consciência política que se expressa no movimento nacionalista, que empolga amplos setores do país.

4. O movimento nacionalista é, assim, uma expressão consciente da contradição fundamental entre o povo brasileiro e o imperialismo, particularmente o norte-americano. Esta contradição já abrange até mesmo elementos e setores do latifúndio, que se colocam, muitas vezes, em posições de divergência ou mesmo de choques com o imperialismo norte-americano, particularmente no que se refere ao comércio internacional.

5. Dêste modo, embora a revolução brasileira, em sua fase atual, seja agrária e antiimperialista, não se pode, presentemente, considerar inimigos todos os que pertencem à classe dos latifundiários. Pelo mesmo motivo e, ainda, tendo em vista o atraso do movimento componês em relação ao movimento de emancipação nacional, as tarefas antiimperialistas têm, presentemente, um papel preponderante, um papel de acelerador de tôdas as demais.

As transformações econômicas e sociais dos últimos anos no país estão se refletindo, cada vez mais intensamente, no próprio aparelho do Estado e no governo. Êste já não é um bloco homogêneo de latifundiários e agentes do imperialismo. Novas forças sociais, progressistas, conquistaram posições importantes no aparelho estatal e no atual governo, onde se chocam e, ao mesmo tempo, entram em entendimentos, com as velhas forças retrógradas do latifúndio e do colonialismo. Essas novas forças sociais são a burguesia nacional e mesmo setores da pequena burguesia.

7. Nosso objetivo atual é reunir tôdas as forças e utilizar tôdas as posições conquistadas pelas forças que participam do movimento nacionalista para ir golpeando as posições do imperialismo norte-americano em nosso país, para ampliar a democratização da vida política nacional e dar passos no sentido das transformações da estrutura agrária.

8. A reunião dessas forças deve ser numa frente única nacional e democrática. Mas, dada a heterogeneidade dessas forças que participam do movimento nacionalista, elas somente se

aglutinarão se fôr alcançada no esforço desenvolvido para a formação da frente nacionalista uma ampla e poderosa coligação das forças de esquerda, com base no proletariado, nos camponês, nos militares, na intelectualidade, nas camadas médias urbanas.

9. A luta eleitoral favorece esta coligação. Pode-se, através de eleições, conquistar um governo nacional e democrático, expressão da frente única, que dê início às transformações indispensáveis. A conquista da hegemonia nesse governo será um processo que não exclui a possibilidade de choques.

10. A correlação de forças no plano nacional e mundial possibilita um caminho pacífico, uma via não insurrecional, para a instauração de um governo nacional e democrático e a posterior marcha para o socialismo. Se as forças de esquerda estiverem unidas e organizadas, impulsionando a frente-única, serão muito maiores as possibilidades de transformação sem o recurso à guerra civil.

11. A luta nacionalista não se opõe aos interesses ou aos objetivos socialistas. Pelo contrário, faz parte do caminho brasileiro para o socialismo. A ideologia nacionalista tem um papel positivo e mesmo revolucionário na luta contra o imperialismo e os entraves feudais. Mas não poderá, como ideologia burguesa, conduzir por si mesma ao socialismo. Em uma certa etapa do desenvolvimento tenderá a se transformar em conservadora. Devemos, pois, distinguir entre o movimento nacionalista, como ação política do presente, e a ideologia nacionalista que tem contradições com o próprio movimento.

12. As forças socialistas, integradas na luta e no movimento nacionalista, devem preservar sua independência ideológica e política, pois a elas caberá dar continuidade ao movimento, em tôdas as etapas. Forças socialistas são as que aspiram a transformações socialistas, isto é, à socialização dos meios de produção, com a ascensão das massas produtoras ao poder político e a passagem da direção da produção às mãos dos próprios produtores. Entre estas forças os marxistas são os mais conseqüentes.

13. Consideramos que o sistema pluripartidário pode subsistir mesmo no período de construção do socialismo. Entendemos, porém, que o processo de registro de partidos políticos no Brasil deve sofrer profundas modificações, visando a democratizá-lo e a democratizar os próprios partidos.

14. Propugnamos pela reforma do Governo, num sentido nacionalista e democrático, a fim de que ataque algumas tarefas no plano

interno e externo. Entre essas destacamos, no plano interno, as seguintes:

a) modificação da lei eleitoral, com a abolição de restrições de ordem ideológica e política, contra qualquer candidato; possibilidade de inscrição de candidatos avulsos;

b) manutenção das liberdades de imprensa, sindical, de reunião, e efetivação da liberdade de associação, nos termos da Constituição;

c) taxação progressiva sobre os grandes lucros não utilizados para investimentos produtivos e em setores essenciais; disciplinação da remessa de lucros para o exterior;

d) manutenção e fortalecimento das empresas estatais nos setores básicos; nacionalização paulatina da indústria da eletricidade e formação de empresas mistas noutros setores;

e) extensão da legislação trabalhista ao campo; lei sobre o arrendamento de terras; imposto territorial progressivo sobre as terras não exploradas; constituição de um fundo de terras, com as terras devolutas; imposto territorial progressivo. A adoção dessas medidas pressupõe o estudo de cada área a ser atingida por elas.

f) estímulo ao cooperativismo agrícola; formação de redes de abastecimento.

g) escala móvel de salários; administração dos institutos com participação dos trabalhadores; contratos coletivos de trabalho.

h) reforma do ensino em normas nacionais e democráticas.

## VI — Questões internacionais

1. As características dominantes da situação mundial são a existência de um número elevado de países socialistas, cuja influência no plano mundial aumenta incessantemente, e o ascenso do movimento de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes. Isso debilita as posições do imperialismo e cria condições, nos países dependentes, favoráveis a um caminho socialista.

2. A divisão do mundo em blocos militares e a conseqüente corrida aos armamentos ameaça lançar a humanidade em um novo conflito geral, de conseqüências imprevisíveis. É possível, porém, manter a coexistência e mesmo a convivência de países com sistemas sociais diversos. A consciência das massas desempenha nisto papel decisivo. A guerra será evitada na medida em que essa consciência for despertada e organizada. Os Estados socialistas mantêm uma política geral de paz e o maior perigo de guerra está no imperialismo e em sua forma mais agressiva: o colonialismo.

3. A formação de Estados que adotam uma política de neutralidade é uma contribuição decisiva à causa da paz, como se demonstrou na guerra da Coréia, na Indochina, na questão de Suez e em outros casos, como o da Hungria.

4. A ONU, apesar de seu fracasso em questões da maior importância, tem prestado uma contribuição positiva à salvaguarda da paz e ao entendimento internacional. Todos os Estados devem ser admitidos em seu seio, sendo particularmente necessário o ingresso da China e da Alemanha.

5. A política exterior do Brasil tem sido um apêndice da política norte-americana. Assim como no plano interno necessitamos libertar o país da exploração dos monopólios norte-americanos, no plano exterior faz-se mister imprimir à nossa política um cunho verdadeiramente nacional.

8. O Brasil deve adotar uma política de neutralidade ativa, isto é, independente de qualquer bloco político-militar. A neutralidade ativa significa não a omissão nas questões mundiais, mas a participação nelas em caráter independente, em apoio a um ou outro Estado, ou com posição própria. As condições atuais do mundo (contradições entre dois blocos militares, contradições interimperialistas, contradições entre o imperialismo e os países coloniais e semicoloniais, etc.) permitem que seja adotada essa posição.

7. A adoção de uma política de neutralidade ativa não poderá ser feita de improviso, pela denúncia imediata dos pactos existentes. Os primeiros passos deverão ser dados dentro dos sistemas vigentes, transformando, porém, em letra morta, quaisquer cláusulas militares que não sejam estritamente defensivas. Desde logo devemos pleitear a recusa de cessão de bases militares e a elaboração de um Ato interpretativo dos acordos de feição militar que estão em vigor.

8. As principais medidas que se impõem a nosso país na política exterior são as seguintes:

a) ampliação das suas relações internacionais, estabelecendo relações com todos os países socialistas e, principalmente, com a URSS e a China;

b) estreitamento dos laços políticos e comerciais com os países latino-americanos, sobretudo aqueles como Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Chile que têm acentuada importância em nossa política internacional. Com os demais países cafeteiros do Continente, principalmente a Colômbia, devemos buscar entendimentos que, na base do interesse mútuo, per-

# Notas e Comentários

## Congresso dos Conselhos Operários da Iugoslávia

Realizou-se em Belgrado, de 25 a 27 de junho deste ano, o Congresso dos Conselhos Operários da Iugoslávia. Em seus trabalhos tomaram parte 1.745 delegados, que debateram numerosas teses visando ao aperfeiçoamento do mecanismo de autogoverno na produção do país, bem como a um maior rendimento do trabalho e à elevação do nível de vida.

A preparação do conclave durou vários meses, no curso da qual foram analisados os resultados de sete anos de atividade dos conselhos operários e se apresentaram 1.500 projetos sobre a questão da autogestão operária.

A composição dos delegados ao Congresso era a seguinte: Operários 1.075, ou seja, 61,1%, dos quais 509 (28,9%) altamente qualificados, 488 (27,8%) semiquilificados, e 60 (3,4%) não-qualificados. Pessoal administrativo e técnico: 605, ou seja 39,9%, dos quais 22 (16,6%) de formação universitária, 393 (20,7%) de formação escolar secundária, e 99 (5,6%) de formação escolar primária. As nacionalidades se dividiam assim: 773 sérvios (43,9%); 480 croatas (27,3%); 263 eslovenos (15%); 95 maceônios (5,4%); 57 montenegrinos (3,2%) e representantes das minorias nacionais: 17 albaneses, 54 húngaros, 1 italiano e 20 delegados das outras minorias. Uma proporção de 8% dos delegados era de mulheres (152).

Foram discutidas as seguintes questões: 1) a autogestão operária; 2) a posição dos conselhos operários em relação aos órgãos do Estado e outras instituições e organizações econômicas; 3) a gestão econômica dos conselhos operários; 4) as relações profissionais nas condições da autogestão operária; 5) a organização e os métodos de trabalho dos órgãos de autogestão operária; 6) a preparação dos produtores para a autogestão.

mitam uma ação comum contra a desvalorização do café e as manobras baixistas dos centros consumidores. A nossa política na América Latina tem como objetivo o reforço ao desenvolvimento independente de cada país.

c) ampliação das relações com os países do bloco afro-asiático, principalmente com a Índia e o Egito. Envio de observadores às principais reuniões internacionais;

O Congresso indicou os caminhos a seguir, sublinhando ser preciso:

— continuar e assegurar a independência das empresas econômicas, no quadro da economia planificada e da orientação planificada do desenvolvimento dos ramos e dos setores da economia;

— estimular as iniciativas individuais e coletivas por meio do aperfeiçoamento do sistema da repartição do produto e da renda globais das empresas e por um método que faz depender mais a renda do trabalhador do êxito da empresa, isto é, da sua produção, do aumento da produtividade do trabalho e da gestão econômica geral da empresa;

— continuar a ampliar os direitos dos conselhos operários no que diz respeito à regulamentação das relações profissionais e outras no seio dos coletivos de produtores;

— empenharem-se ainda mais os conselhos operários e os produtores no aumento da produção e da produtividade do trabalho a fim de criar as condições efetivas dum melhoramento mais rápido do nível de vida dos trabalhadores e de aumentar os fundos das empresas, o que deve exercer forte influência sobre o desenvolvimento da autogestão operária;

— adaptar a autogestão operária ao progresso técnico, à modernização da produção e ao desenvolvimento das forças produtivas da sociedade e criar as condições econômicas e jurídicas capazes de continuar desenvolvendo o processo de cooperação, de especialização e de associação baseada sobre os interesses do desenvolvimento das forças produtivas do país.

O Congresso recebeu, durante as sessões, mensagens de saudação de 26 delegados de 24 países.

d) apoio à ONU e posição independente em favor da paz e da cooperação internacional dentro desse organismo; a atuação da delegação brasileira na ONU deve ser exposta em Relatório especial, a ser apresentado ao Congresso Federal;

e) apoio ao desarmamento simultâneo, proibição das armas de destruição em massa;

f) reforma dos serviços diplomáticos.

**PRESTES:  
CAMINHO PACIFICO**

Mais uma brusca guinada deu o PCB, através de seu secretário geral Luiz Carlos Prestes, adotando uma posição que até há pouco identificava como oportunismo: a possibilidade de solução pacífica para os problemas brasileiros.

Explica-se êle: "Incapazes de ver a realidade e de aplicar com acerto a verdade universal do marxismo-leninismo às condições específicas de nosso país, caímos na prática em posições sectárias e esquerdistas, consequências prática de posições dogmáticas..."

"...viamos a realização da revolução a curto prazo, opúnhamos como única saída às tentativas de colonização total pelo imperialismo a realização imediata da revolução, sem qualquer exame da realidade nacional, da efetiva correlação das forças sociais, do nível político da classe operária e das demais classes e camadas sociais".

"...é perfeitamente possível, mesmo dentro do atual regime, a conquista de um governo capaz de realizar, sob a pressão das massas, uma política externa independente, de paz, e uma política interna democrática e progressista."

"Paralelamente, apresentávamos como único caminho para a revolução brasileira o da derubada violenta do governo. Copiávamos, assim, o caminho da revolução russa, sem levar em conta o novo da situação atual e o específico da situação brasileira. Quer dizer, não sabemos elaborar, através de uma análise independente da realidade brasileira, à luz do marxismo-leninismo, o caminho do avanço, de aproximação e de luta pela emancipação econômica do Brasil e pelo socialismo."

"Por isto, nas condições específicas do Brasil de hoje, será falso e mesmo errôneo não apresentar como a saída mais conveniente à classe operária e ao povo a saída pacífica, o encaminhamento da solução dos problemas brasileiros através da pressão de massas, através da conquista de um governo que realize uma política externa independente e uma política interna democrática e progressista."

**MEDICOS: GRUPO DE  
ESTUDOS**

*Constituído por vários médicos desta Capital, acaba de ser fundado um Grupo de Estudos Marxistas, sob os auspícios de NOVOS TEMPOS. Esse Grupo se dispõe a levantar, estudar e debater problemas teóricos e práticos do movimento marxista brasileiro e mundial e, ao mesmo tempo, ajudar materialmente esta Revista.*

*Por iniciativa desse grupo, realizou-se dia 19 de novembro, em nossa sede, uma reunião de debates, que se iniciou com uma conferência sobre o tema que foi objeto de um artigo de nosso companheiro de redação, Horácio Macêdo — Marxismo e Dogmatismo — publicado no número 1 de NOVOS TEMPOS.*

*Além de nosso companheiro Calvino Filho, que foi o principal debatedor do tema, pronunciaram-se a respeito várias pessoas presentes à reunião, a qual, por isso mesmo, decorreu num ambiente de grande animação.*

*Grupos semelhantes deverão ser formados igualmente no seio de outras categorias profissionais.*

**NITERÓI — "OUTUBRO DE 17"**

Dia 9 de novembro, em Niterói, sob o patrocínio do Centro Independente Marxista, nosso companheiro Osvaldo Peralva, diretor de NOVOS TEMPOS, pronunciou uma palestra sobre a grande revolução proletária russa, palestra que foi seguida de calorosos debates.

O orador se deteve sobre uma série de aspectos da questão, particularmente o que chamou de singularidades da Revolução de Outubro, entre as quais as seguintes: 1) o fato de se haver verificado a primeira revolução socialista em um país ainda atrasado no sentido capitalista; 2) de haver vencido em um só país e não em vários, ao mesmo tempo; 3) de se haver desenvolvido de modo quase pacífico, como um desenvolvimento da revolução democrático-burguesa de Fevereiro de 17; 4) de haver nacionalizado imediatamente a terra, de acordo com a vontade dos próprios camponeses; 5) de só se haver estabelecido a aliança operário-camponesa (essas duas forças atuaram separadamente) após a tomada do poder; 6) e final-

ção dois aspectos simultâneos, mente de apresentar a revolução dada a própria situação do país: de libertação social e de libertação nacional dos vários povos oprimidos.

Por fim, ressaltou as consequências desse grande acontecimento em todo o mundo, no Brasil inclusive.

**MOSCOU: 7 DE NOVEMBRO**

As comemorações do 7 de Novembro assumiram, este ano, maiores proporções e transcorreram num momento em que os dois satélites artificiais girando em torno da Terra atraíam para o Kremlin os olhares de toda a humanidade. As recepções oficiais estavam marcadas por uma nota de euforia, que levou mesmo Khrushchiov a dançar uma valsa, isolado com o seu par, no meio do salão.

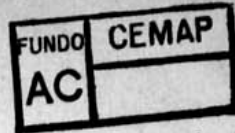
Dirigentes comunistas de quase todo o mundo acorreram à capital soviética, entre os quais Mao Tsé-tung e Gomulka.

Quanto aos discursos, foi aberto pelo de Khrushchiov, que desafiou o mundo capitalista a uma emulação no terreno da produção. Referiu-se à superioridade soviética no terreno dos projéteis teleguiados e renovou seus protestos em prol da paz e da coexistência pacífica.

Atacou violentamente o "revisionismo", o "comunismo nacional", o "comunismo liberal", asseverando que "tais teorias levam à traição aberta". E citou como exemplo o ex-Premier húngaro Imre Nagy, prêso pelos soviéticos.

Entre os discursos de dirigentes estrangeiros, destaca-se o de Mao Tsé-tung, que, desta vez, não apresentou qualquer idéia destoante do pensamento comunista oficial, referindo-se inclusive ao "campo socialista, com a União Soviética à frente". No mesmo sentido foram os discursos de Ulbricht (Alemanha Oriental), Novotny (Tchecoslováquia), Stoica (Rumânia), Jivkov (Bulgária) e o de Kadar, que agradeceu à URSS pela "ajuda que esta concedeu à Hungria no momento do **putsch** contra-revolucionário, inspirado pelos imperialistas".

Algo diferente foi o discurso de Edvard Kardelj, teórico do comunismo iugoslavo, que declarou no Palácio dos Esportes de Moscou:



"Os comunistas iugoslavos, desde os primeiros instantes de sua revolução, desfechada em 1941, inspiraram-se na experiência da Revolução de Outubro, mas de maneira criadora e não mecânica."

"Hoje, as relações soviético-iugoslavas estão baseadas nos princípios do internacionalismo proletário e da igualdade em direitos de todos os povos."

Terminou manifestando a esperança de que se estabeleça a cooperação entre os países do Leste e do Oeste.

Através das colunas do "Pravda", o líder polonês Gomulka reafirmou a determinação de seu país de "encontrar seu próprio caminho para o socialismo, de acordo com suas próprias tradições e condições".

O marechal Tito não foi a Moscou. Entretanto, escreveu um artigo na Iugoslávia, a propósito do acontecimento, em que fez o elogio da Revolução russa e destacou a necessidade de unidade integral de todas as forças socialistas. Homenageou o Exército Soviético e declarou que se não fosse a influência moral e revolucionária da Revolução de Outubro e do Estado Soviético, a Iugoslávia não teria podido realizar as transformações sociais que vem empreendendo.

Disse ainda que a unidade entre as forças socialistas "deve existir na luta pela manutenção da paz, por um desenvolvimento pacífico e criador do socialismo e das relações justas entre os países que edificam o socialismo".

### PARTIDO E ESTADO DIRIGENTES

A negação do falso princípio de Partido dirigente e de Estado Dirigente não se faz apenas negando em palavras ou se insubordinando. A negação tem que ser realizada à base de profunda elevação ideológica militante, que assegurará a independência ideológica e o trato em pé de igualdade entre os Estados e os partidos. Sem que se criem as premissas de igualdade e sejam desenvolvidas, a subordinação se imporá como na-

tural. O aluno precisa de professor para progredir rapidamente no conhecimento. O inesperto, do experimentado. Portanto, se não se pode prescindir da experiência acumulada, isto não significa que a ela nos limitemos e a ela fiquemos subordinados. Na criação e acumulação da nossa experiência, sem nos esquecermos da experiência mundial já acumulada, que nos serve de luz, precisamos e devemos livremente realizá-la. A experiência mundial, geral, estabelece as leis gerais que a presidem, mas é através da experiência nacional, particular, que se descobrem as leis particulares que a presidem.

Só a abdicação da realização da experiência e desenvolvimento nacional livre pode levar à subordinação a um Estado dirigente, a um partido dirigente. Ademais, o conceito de Estado Dirigente e de Partido Dirigente é a negação do comprovado e certo conceito de direção coletiva, tanto para o desenvolvimento dos Estados como dos partidos em escala nacional ou mundial.

C.F.

### CENTRALISMO E MONOLITO

No curso da discussão efetuada pelo Comitê Nacional do Partido Comunista Americano, em dezembro do ano passado, foi elaborado um novo projeto de Estatuto, em cujo preâmbulo havia entre outras as seguintes teses (Ver "Daily Worker", 24-12-56):

"A experiência tem demonstrado que esses conceitos (centralismo democrático e unidade monolítica) e sua correspondente aplicação rígida, assim como uma ausência quase total do direito de divergir levaram ao sufocamento das idéias independentes e criadoras, destruíram a iniciativa e estimularam o florescimento da burocracia. A falta de democracia jamais garante a unidade do Partido. A semente da desunião

floresce no solo da burocracia e inevitavelmente leva a explosões internas, a divisões nocivas e finalmente a cisões e expulsões.

Propomos modificar substancialmente nosso conceito antigo de centralismo democrático, de acordo com as cláusulas do Projeto de Estatuto, e riscar esse termo. Em seu lugar propomos norma de maioria, com cláusula específica para o direito de discordar após a decisão, assegurando ao mesmo tempo nossa facultade de atuar de modo unido, bem como manter o Partido contra o fracionismo, federacionismos e centros de direção paralelos.

Quanto à unidade monolítica. Originariamente, este termo significa simplesmente uma ideologia comum ou o oposto a uma mescla de ideologias. Na prática vem a significar um conformismo rígido de pontos-de-vista em todos os assuntos de teoria, política e tática. O conceito de uma ideologia comum deve ser conservado como essencial a um partido marxista. Mas o termo deve ser abolido devido às práticas e compreensões prejudiciais que em torno dele crescem."

### APLAUSOS A "NOVOS TEMPOS"

Conforme nos comunica o representante de NOVOS TEMPOS em São Paulo, cresce o interesse por esta revista nos meios políticos e intelectuais de esquerda da capital paulistana.

Informa ainda aquele nosso companheiro que durante a convenção do Movimento Socialista Renovador, ali realizada em meados do mês de outubro, foi apresentada e aprovada uma moção de aplausos pelo surgimento de NOVOS TEMPOS, como organização marxista apartidária, destinada a levantar e debater os problemas candentes de nosso povo, à luz da doutrina mais progressista de nossa época.

Os convencionais manifestaram igualmente sua disposição de colaborar não só com estudos a serem publicados, como também materialmente para que a esta publicação não faltem os meios de subsistência e desenvolvimento, nesta fase difícil, que é sempre o início de um órgão desta natureza.

# NOVOS TEMPOS

Redação e Administração:

Av. Rio Branco, 185 — Sala 509  
RIO DE JANEIRO, DF — BRASIL

Diretor: OSVALDO PERALVA

Conselho de Redação:

ARMANDO LOPES DA CUNHA,  
BENITO PAPI, CALVINO FILHO,  
ERNESTO LUIZ MAIA, EROS  
MARTINS TEIXEIRA, HORÁCIO  
MACEDO, LEÓNICIO BASEAUM,  
ROBERTO MORENA e WILSON  
LOPES DOS SANTOS

Editor: CALVINO FILHO

Representantes:

CARLETO FERRER FAVALLI  
Rua São Bento, 405 - 16.º andar  
sala 1625 — São Paulo, S.P.

DULPHE PINHEIRO MACHADO  
FILHO

Rua Antenor Lemos, 22 - ap. 1  
Pôrto Alegre, RGS

RAIMUNDO SCHAUN

Rua Padre Vieira - Ed. Santa Cruz,  
6.º andar — Sala 605  
Salvador, Bahia

Preço de cada exemplar: Cr\$ 20,00

Assinatura anual:

Para o Brasil: Cr\$ 240,00

Para o Exterior: Cr\$ 500,00

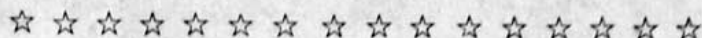
NOVOS TEMPOS é uma revista marxista sem vinculação orgânica com qualquer entidade política.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

A transcrição de documentos não implica no endosso, por parte da revista, dos conceitos neles emitidos.

Capa de Fernando P.

Composto e impresso nas oficinas da  
Companhia Brasileira de Artes Gráficas,  
rua Riachuelo, 128 — Rio de Janeiro



## ÍNDICE

	P á g .
Editorial — 11 DE NOVEMBRO: REATA-SE UMA ALIANÇA . . . . .	Capa
Henri Lefebvre — O MARXISMO E O PENSAMENTO FRANCÊS . . . . .	1
Leônio Basbaum — A REVOLUÇÃO DE 30 . . . . .	16
Carleto Ferrer Favalli — DOGMATISMO NO COMBATE AO REVISIONISMO . . . . .	24
Calvino Filho — TROTSQUISMO — FANTASMA QUE QUER MATERIALIZAR-SE . . . . .	30
Raimundo Schaun e Hélio Oliveira — CAMINHOS DA RENOVACÃO SOCIALISTA NO BRASIL . . . . .	36
Elyseu Maia — MÁRIO DE ANDRADE E O DESVAIRISMO . . . . .	40
Oswaldo Peralva — O CARÁTER POPULAR DO NACIONALISMO BRASILEIRO . . . . .	42
Garcia Ramos, Onaldo Freire Diniz e outros — LIVROS DO MÊS . . . . .	48
CF, ELM, ZC, ALC e outros — REVISTA DAS REVISTAS . . . . .	53
CARTAS ABERTAS . . . . .	58
Documentos Brasileiros — ANTEPROJETO DE TESES . . . . .	59
NOTAS E COMENTÁRIOS . . . . .	62



# ÚLTIMAS EDIÇÕES DE "CONQUISTA"

## LUIZ EDMUNDO

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS, 4. <sup>a</sup> edição, 3 vols. ....	210,00
A CÔRTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO, 2. <sup>a</sup> edição, 3 vols. ....	210,00
O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO, 2. <sup>a</sup> edição, 5 vols. ....	350,00
RECORDAÇÕES DO RIO ANTIGO, 2. <sup>a</sup> edição .....	70,00
(Todos os volumes profusamente ilustrados)	

## MINISTRO EDUARDO ESPINOLA

A FAMÍLIA NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, enc. ....	350,00
DOS CONTRATOS NOMINADOS NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, 2. <sup>a</sup> edição, enc. ....	350,00
POSSE, PROPRIEDADE, CONDOMÍNIO, DIREITOS AUTORAIS, enc. ....	350,00

## B. CALHEIROS BOMFIM

JURISPRUDÊNCIA DO CONTRATO DE TRABALHO .....	200,00
JURISPRUDÊNCIA DO PROCESSO TRABALHISTA .....	250,00
DICIONÁRIO DE DECISÕES TRABALHISTAS (1956) .....	200,00

## J. C. DE MELO E SOUSA

FOLCLORE DA MATEMÁTICA .....	100,00
MEU ANEL DE SETE PEDRAS (folclore) .....	80,00

## IVETE CAMARGOS

DIREITO ADMINISTRATIVO (para concursos) .....	60,00
DIREITO CONSTITUCIONAL (para concursos) .....	60,00
DIREITO CIVIL (para concursos) ....	50,00
DIREITO PENAL (para concursos) ....	30,00
ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS CIVIS DA UNIÃO (com toda a legislação posterior) .....	60,00

## VALMIRO RODRIGUES VIDAL

CURIOSIDADES, 2. <sup>o</sup> vol., 2. <sup>a</sup> edição ....	70,00
CURIOSIDADES, 4. <sup>o</sup> vol. ....	60,00
CURIOSIDADES, 5. <sup>o</sup> vol. ....	70,00
CURIOSIDADES, 6. <sup>o</sup> vol. ....	70,00
EXTRANUMERÁRIOS (tôda a legislação sobre o assunto) .....	80,00

## ALVARO MOREIRA DA SILVA

DO MONTEPIO E PENSÕES DOS MILITARES (tôda a legislação sobre o assunto) .....	150,00
---	--------

## OTTO ALCIDES OHLWEILER

A ENERGIA ATÔMICA NA PAZ E NA GUERRA .....	50,00
--	-------

## ABGUAR BASTOS

SOMANLU, O VIAJANTE DA ESTRÉLA (noyela) .....	100,00
---	--------

## MALBA TAHAN

A SOMBRA DO ARCO-ÍRIS, 3 vols. ....	150,00
O HOMEM QUE CALCULAVA .....	70,00
MINHA VIDA QUERIDA .....	50,00
MAKTUB (estava escrito!) .....	50,00
CÊU DE ALLAH .....	50,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM, 1. <sup>o</sup> vol. ....	50,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM, 2. <sup>o</sup> vol. ....	50,00
LENDAS DO CÊU E DA TERRA ....	50,00
LENDAS DO POVO DE DEUS .....	50,00
LENDAS DO DESERTO .....	50,00

## JURACI SILVEIRA

LER E BRINCAR (Cartilha), 7. <sup>a</sup> edição	25,00
--	-------

## HELOÍSA RAPOSO LAGE

A CARTILHA QUE EU QUERIA (Histórias e Cantigas), 10. <sup>a</sup> edição .....	25,00
--	-------

## NAZIR CARDOSO

LEITURA INTERMEDIÁRIA .....	20,00
ENSINO SUPLETIVO — Preliminar ...	35,00
ENSINO SUPLETIVO — Básico, 1. <sup>o</sup> ano.	50,00

## MARIA HELENA, EPONINA e ELLEN PORTILHO

TRECHOS PARA DITADOS (5. <sup>a</sup> Série e Admissão. Principais dificuldades ortográficas) .....	26,00
---	-------

## IRENE DE ALBUQUERQUE

JOGOS E RECREAÇÕES MATEMÁTICAS, 2. <sup>a</sup> edição .....	80,00
--	-------

## CÉLIA CÔRTEZ ABDON

PRIMEIROS PASSOS NA LINGUAGEM, 2. <sup>a</sup> edição .....	60,00
---	-------

## LUCY SERRANO VEREZA

LINGUAGEM PARA A QUARTA SÉRIE	60,00
-------------------------------	-------

## AD. FERRÈRE

EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA ABANDONADA .....	25,00
---------------------------------------	-------

## JOAQUIM DE SALES

DICIONÁRIO DE ELEMENTOS GREGOS .....	35,00
--------------------------------------	-------

## A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

A ARTE DE ESCREVER .....	50,00
ANÁLISE LÉXICA E SINTÁTICA .....	40,00
CORREÇÃO DE FRASES .....	40,00
DICIONÁRIO DE LINGUAGEM, 2. <sup>a</sup> ed.	60,00
GEOGRAFIA DO BRASIL .....	60,00

Atende-se pelo Reembolso Postal para todo o Brasil. Pedidos a

# CONQUISTA

AVENIDA 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO